

Luiz Alfredo Garcia-Roza

NA MULTIDÃO



COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

LUIZ ALFREDO GARCIA-ROZA

NA MULTIDÃO



O conteúdo social originário do romance policial é a perda das pegadas de cada um na multidão da grande cidade.

Walter Benjamin

A essência de todo crime permanece irrelatada.

E. A. Poe

1

Com uma das mãos, a mulher pressionava a bolsa contra o peito enquanto com a outra segurava um pedaço de papel que consultava repetidamente. O painel luminoso localizado acima dos guichês da agência da Caixa Econômica indicava dois números: um correspondia à senha e outro indicava o guichê de atendimento. Fazia mais de uma hora que ela estava sentada em meio a dezenas de outros aposentados e pensionistas esperando ser atendida. Sabia que se deixasse passar seu número teria que retirar nova senha (acontecera no mês anterior, quando se ausentara para ir ao banheiro). A dificuldade maior era manter a atenção no painel luminoso durante a longa espera; de tanto olhar para o número no painel e para o número impresso, ambos se transformavam em um conjunto de signos sem sentido. O burburinho das dezenas de pessoas em volta a perturbava, assim como as conversas próximas. Procurava sempre se sentar ao lado de alguém com menos idade, a quem pudesse pedir ajuda. Temia os idosos, pessoas solitárias que narravam com voz monocórdia seu abandono. Perturbavam sua concentração.

— Cento e setenta e dois — disse a mulher da cadeira ao lado, virando-se para ela.

Consultou o papel e levantou o braço. De nada adiantava gritar. Tampouco prestaram atenção em seu braço levantado. Saiu de onde estava e dirigiu-se apressada ao guichê onde o caixa repetia em voz alta o número do painel e se preparava para apertar o botão chamando um novo número, o que a condenaria à retirada de nova senha.

— É difícil chegar até aqui com tanta gente em volta — disse, esbaforida.

— Era só esperar perto do guichê quando o número anterior ao seu fosse anunciado — disse o caixa. — Seu cartão, por favor.

A outra razão de ela estar ali se esvaíra temporariamente. Abriu a bolsa e pôs-se a procurar o cartão da Previdência Social. Durante uma hora e meia estivera prestando atenção a números que se acendiam e se apagavam no painel e ao número que trazia escrito no pedacinho de papel que mantinha na mão. Descuidara-se do cartão.

— Da próxima vez, faça o favor de vir com ele na mão. A senhora está atrasando os outros.

— Quem vem aqui sabe que vai se atrasar... Sabe que vai perder a manhã ou a tarde.

— Então do que a senhora está reclamando?

— Não estou reclamando. Faz uma hora e meia que estou aqui dentro sem dizer nada. Aqui está o cartão.

— Vai retirar tudo?

— Vou.

Enquanto contava o dinheiro, olhava em volta como se temesse a aproximação de alguém. Uma centena de pessoas olhava para ela, mas nenhuma podia ouvir o que ela falava. Contou mais uma vez o dinheiro e devolveu-o ao caixa. Este por sua vez tornou a contar. Finalmente, retirou da gaveta mais algumas notas que anexou ao maço, entregando-o novamente a ela.

De volta a sua casa, ela não mudou de roupa. Preparou uma refeição leve e, enquanto comia, assistiu ao telejornal. Mais tarde, logo que o calor abrandasse, pretendia sair novamente para ir à farmácia e ao supermercado. Tinha ainda a intenção de passar na delegacia policial. Morava há mais de trinta anos na mesma rua, no mesmo prédio, distante apenas uma quadra da delegacia, e pela primeira vez considerou ter um motivo razoável para ir até lá.

Às cinco da tarde, depois de passar pela farmácia e pelo supermercado e ainda puxando o carrinho de compras, a pensionista atravessou o arco de entrada do prédio de dois pavimentos da 12^a DP em Copacabana e deparou com os dois ou três degraus que davam acesso à recepção. Ultrapassado o obstáculo dos degraus, entrou pela primeira vez numa delegacia policial, acompanhada de uma leve

decepção. Esperava encontrar um ambiente intensamente movimentado e esfumaçado, cheiro de suor e de cigarro, policiais fardados entrando a todo momento com homens algemados, telefones tocando sem parar, pessoas falando aos gritos. Não viu ninguém fardado, nem gritando, nem algemado. Foi recebida por uma simpática mocinha num ambiente que mais lembrava uma agência dos Correios do que as delegacias policiais que vira nos filmes americanos.

— Pois não... — disse a atendente.

— É aqui a delegacia?

— Sim, senhora.

— Onde estão os policiais?

— Quase todos os que trabalham aqui são policiais, senhora. Deseja falar com alguém em particular?

— Gostaria de falar com o delegado.

— O delegado está em reunião.

— Vai demorar?

— É uma reunião com a equipe. Costuma demorar um pouco. A senhora não quer conversar com o detetive Welber, assistente dele?

— Não é a mesma coisa... Esse detetive é estrangeiro?

— Não senhora, é brasileiro.

— Welber...

— O nome parece estrangeiro, mas ele é brasileiro. A senhora vai gostar de conversar com ele.

— Não se trata de gostar de conversar com ele, minha filha, é que eu preferia falar com uma pessoa mais experiente.

— O detetive Welber é bastante experiente. Caso a senhora não o considere apto a escutar sua queixa, poderá falar com o delegado Espinosa quando a reunião terminar.

— Espinosa... Esse é o nome do delegado?

— Isso mesmo.

— Ele é judeu?

— Judeu? Não sei... Creio que não... Haveria algum problema?

— Não. Nenhum. É só curiosidade.

— E então? O que a senhora prefere, falar com o detetive ou esperar a reunião terminar?

— Já esperei muito tempo hoje de manhã na Caixa Econômica para receber minha pensão, já esperei agora à tarde na fila do supermercado para pagar as compras, esperei na farmácia... Moro a uma quadra daqui, vou até em casa deixar essas compras e depois volto para falar com o delegado.

— Como a senhora preferir. Qual é o seu nome?

— Laureta Sales Ribeiro.

— A senhora pode me procurar quando voltar, dona Laureta.

— Obrigada. Até já.

Eram quase sete da noite quando o delegado Espinosa deu por encerrada a reunião com a equipe de investigadores. Ainda não tinha saído da sala quando o policial de plantão entrou para comunicar que uma mulher fora morta a pouco mais de uma quadra da delegacia.

— Ela esteve aqui meia hora antes...

— Aqui na delegacia?

— Queria falar com o delegado.

— Ela me conhecia?

— Não senhor. Apenas queria falar com o delegado.

— Não tinha ninguém disponível?

— A atendente sugeriu o detetive Welber, mas ela queria falar com alguém que tivesse mais experiência.

— Como ela foi morta?

— Atropelada. Estava esperando o sinal de trânsito abrir para atravessar a rua quando deu um pulo para a frente. Na opinião de algumas pessoas, ela teria sido empurrada. Chegou a ser atendida

pela ambulância do Corpo de Bombeiros, mas morreu a caminho do hospital.

— Tinha documentos?

— A bolsa dela foi recolhida com documentos, endereço, cartão de crédito, seguro saúde e dinheiro...

— Como ela se chamava?

— Laureta Sales Ribeiro.

— Tomaram algum depoimento?

— Os policiais que chegaram ao local ouviram as pessoas comentando umas com as outras, mas quando convocadas a prestar depoimento elas disseram que na verdade não tinham visto ninguém empurrar a atropelada, que apenas haviam tido a impressão de que ela fora lançada para a frente. Declarações vagas, a maioria feita por pessoas idosas que, em vez de informar o que de fato tinham visto, faziam longos discursos sobre a violência do trânsito, o medo de serem assaltadas, a guerra dos traficantes, a ausência da polícia. Quando solicitadas a falar sobre o atropelamento, já tinham esquecido a pergunta do policial. Ninguém se dispôs a vir à delegacia porque todos disseram ter visto apenas a mulher cair na frente do ônibus, e mesmo assim não sabiam dizer como ela tinha caído nem se tinha mesmo sido empurrada.

— E o motorista do ônibus?

— A única coisa que ele viu foi um vulto de cabelo branco e em seguida o baque de um corpo sendo atingido. Estava em estado de choque, repetindo o tempo todo que não tinha culpa.

O resto da tarde foi dedicado a refazer os passos de d. Laureta antes e depois de ela ter estado na delegacia. O acidente acontecera na hora mais movimentada da tarde, em uma das esquinas mais movimentadas de Copacabana, a poucos metros da portaria do prédio onde ela morava e a uma quadra da 12^a DP.

A atendente que conversara com d. Laureta repetiu inúmeras vezes o diálogo que tivera com ela. Espinosa queria que ela repetisse cada

palavra e qual o estado de espírito da senhora: se parecia assustada, ansiosa, com medo...

— Ela não aparentava nada disso. Não estava assustada nem com medo. Parecia mais curiosa do que ansiosa. Não parecia ser nada muito urgente, tanto que deixou para voltar mais tarde. Não fez nenhum comentário sobre o motivo de ter procurado a delegacia.

— Ela pode ter presenciado algum crime, pode ter sabido de algum fato que incrimine alguém, pode ter sido ameaçada...

Tomando como ponto de partida o comentário feito por d. Laureta, de que passara a manhã na agência da Caixa Econômica para receber sua pensão, no dia seguinte o inspetor Ramiro e o detetive Welber foram à agência mais próxima, que ficava a três quadras da delegacia e que concentrava os clientes da região. A única foto de que dispunham era a da carteira de identidade recolhida no local do acidente. A foto era antiga. Tinham também o nome. Foram de guichê em guichê até localizar o caixa que a atendera. No crachá que trazia preso à camisa estava escrito HUGO BRENO. Ele se lembrava de já ter visto algumas vezes a pensionista, que, aliás, na véspera respondera de modo um tanto ríspido a uma observação feita por ele. Disse ainda que compreendia a irritação de uma pessoa idosa que espera mais de uma hora para receber o que lhe é devido. Segundo ele, as palavras trocadas pelos dois só diziam respeito ao saque que ela estava efetuando.

— Ela estava sozinha?

— Estava. Pelo menos não tinha ninguém com ela quando veio até o guichê.

— Parecia assustada ou com medo?

— Não. Estava, como eu disse, irritada com o tempo de espera.

O supermercado e a farmácia foram facilmente localizados pelas sacolas de plástico encontradas no apartamento, algumas ainda com as compras. Não havia registro de nenhuma ligação feita naquele dia pelo telefone celular encontrado na bolsa. Tinham solicitado à companhia telefônica uma lista das ligações que ela fizera pelo

telefone fixo. O porteiro do prédio lembrava-se de ela ter dito, ao sair para as compras, que mais tarde faria uma visita à delegacia.

— Ela falou assim, que ia fazer uma *visita* à delegacia?

— Foi. Eu também achei engraçado. Ninguém faz uma visita à delegacia.

Vinte e quatro horas depois do acidente, os dois policiais tinham conseguido reconstruir cada passo dado por d. Laureta desde que ela saíra de casa pela manhã até o momento em que fora atropelada, no final da tarde. Algumas lacunas, como percursos e paradas, foram preenchidas pelo delegado Espinosa, a fim de formar um quadro coerente. Não havia nenhuma indicação de roubo: na bolsa da vítima foram encontrados documentos, dinheiro, cartão de crédito, cartão de banco, talão de cheque e telefone celular. Como algumas pessoas em volta tinham dito, ninguém vira ela ser empurrada, se é que isso de fato acontecera; o que perceberam foi o movimento brusco do corpo. Não houve grito. Ninguém saiu correndo. Não houve movimentação estranha: ela simplesmente lançou-se, ou foi lançada, para a frente, com os veículos passando em velocidade.

— Não há nada que possa ser apontado como motivo de crime — disse Ramiro. — Ela era uma viúva que morava sozinha, vivia modestamente da pensão deixada pelo marido, era uma pessoa tranqüila que não criava caso com ninguém.

— Mas ninguém é projetado para a rua em plena luz do dia, em uma esquina densamente ocupada por pedestres, sem ninguém perceber coisa nenhuma — observou Espinosa. — A julgar pelo relato da nossa atendente, é pouco provável a hipótese de suicídio; temos que levar em conta a possibilidade de ela ter sido empurrada. E o motivo para alguém ter feito isso só vamos descobrir quando soubermos o que ela pretendia nos contar quando esteve aqui na delegacia meia hora antes de morrer.

Na parte da tarde, Welber foi encarregado de conversar com os empregados do prédio onde morava d. Laureta e com os vizinhos de andar. O delegado Espinosa era de opinião que uma senhora viúva morando sozinha, sem empregada, tenderia a comentar com uns e

outros os fatos acontecidos com ela em seu dia-a-dia. Algum desses fatos poderia ter relação com o ocorrido. Welber começou pelos vizinhos de andar. Eram três apartamentos além daquele em que ela morava. O imediatamente ao lado de d. Laureta pertencia a um casal de fazendeiros de Minas Gerais, que mantinha o apartamento para ocasionais vindas ao Rio, o que acontecia mais ou menos a cada dois meses — e fazia mais de um mês que o casal não aparecia. Dos outros dois apartamentos, um pertencia a um senhor já muito idoso, que sofria de uma doença senil e era cuidado por dois acompanhantes que se revezavam. Eles só conheciam d. Laureta de vista. Nem tinham sabido do atropelamento.

— Há dúvida quanto a ter sido um acidente — comentou Welber com os acompanhantes.

— Como assim, alguém matou a velhinha?

— É possível... E ela não era propriamente uma velhinha. Era uma senhora ainda com bastante vigor.

— Nós quase não a víamos. De vez em quando nos encontrávamos no elevador e nos cumprimentávamos. Nada mais que isso.

O terceiro vizinho eram duas moças que dividiam o apartamento. Trabalhavam numa imobiliária e passavam o dia inteiro, inclusive sábados e domingos, fora de casa. Welber conseguiu falar com elas na imobiliária, mas nem uma nem outra tinha alguma coisa a acrescentar, embora se lembrassem da vizinha.

Os empregados do prédio, porteiros e faxineiro, às vezes eram chamados por ela para trocar uma lâmpada ou fazer um pequeno reparo. Nessas ocasiões, surgia às vezes uma conversa, mas nada que dissesse respeito a medos ou ameaças. As amigas de d. Laureta reduziam-se a apenas duas, que foram localizadas posteriormente por Welber. Eram remanescentes do tempo em que os maridos eram vivos e os casais conviviam. Ficaram profundamente chocadas com a notícia da morte da amiga. Nenhuma delas atinava com algum possível motivo para o acontecido.

No final da tarde, em reunião em seu gabinete, Espinosa ficou sabendo que a investigação de Welber não resultara em nada que contribuísse para o esclarecimento da morte da pensionista. Tampouco Ramiro tivera sorte com os funcionários do supermercado que ela freqüentava e com os empregados da farmácia e das lojas vizinhas ao prédio. Não havia nada no cotidiano de d. Laureta que sugerisse o motivo pelo qual ela havia procurado a polícia. Mas uma coisa chamava a atenção: fosse qual fosse o motivo que a levara à delegacia, não parecia ser na delegacia em si que ela estava interessada, mas na figura do delegado... Que ela não conhecia e cujo nome não sabia.

— Provavelmente estava à procura de alguém que, além de ser delegado, tivesse uma idade que ela imaginava mais próxima da dela — insistiu Espinosa. — Devia achar que o motivo que a trazia aqui não podia ser compreendido por um policial menos experiente. Quando a atendente disse que o detetive Welber era um policial experiente, ela deu a entender que não era à experiência policial que se referia. Outra coisa a se levar em conta é que ela queria comunicar algo importante, que dizia respeito a ela ou a terceiros, mas não estava com pressa. Supunha, talvez, que ninguém soubesse do segredo que ela pretendia nos revelar. No entanto, aconteceu de descobrirem, provavelmente no mesmo dia em que foi morta. Essa descoberta talvez tenha sido feita de manhã, na agência bancária, enquanto ela esperava ser atendida. Alguém com quem ela conversou e que a seguiu assim que ela saiu do banco. Quando, à tarde, depois de passar no supermercado e na farmácia, ela entrou na delegacia, o perseguidor se assustou, pensando que ela ia denunciá-lo, mas deve ter se tranqüilizado com o pouco tempo que ela ficou aqui dentro. Pelo ar displicente com que ela saiu, deve ter concluído que por algum motivo a denúncia fora adiada. Foi quando decidiu matá-la o quanto antes.

Apenas o inspetor Ramiro e o detetive Welber estavam no gabinete do delegado Espinosa. Começava a escurecer quando o delegado estabeleceu as prioridades para o dia seguinte.

— Isso que acabei de dizer são meras suposições sem nenhum fundamento real, claro, mas é do que dispomos no momento. Quero que vocês voltem ao banco, examinem os registros das câmeras de segurança, vejam quem estava sentado ao lado dela, com quem ela conversou, quem se aproximou dela, se foi ao banheiro, se alguém foi atrás... Tudo... Quero que examinem cada segundo que ela passou dentro daquela agência. E também fora da agência. Vejam se há câmeras registrando o movimento na calçada defronte à entrada. Outra coisa: o caixa que a atendeu devia estar em um dos guichês em frente às cadeiras onde as pessoas esperam ser chamadas. Os aposentados e pensionistas recebem seus proventos sempre nas mesmas agências e quase sempre são atendidos pelo mesmo caixa, que acaba por conhecê-los de vista. Talvez o caixa tenha visto dona Laureta ser abordada por algum estranho... Enfim... Procurem qualquer coisa que possa ser um começo mais concreto do que as suposições que fiz há pouco.

— Por que o senhor acredita que essa coisa mais concreta teria acontecido no banco e não no supermercado, na farmácia ou em qualquer outro lugar? — perguntou Welber.

— Pode ter acontecido em qualquer lugar, claro. Apenas acho mais provável que tenha acontecido no banco. Foi onde ela ficou mais tempo, esteve em contato com mais pessoas, estava mais disponível para reconhecer e ser reconhecida. Em suma, quem está sentado esperando uma chamada é mais facilmente atraído por algo que acontece em volta do que quem está entre prateleiras de supermercado e de farmácia escolhendo produtos. O que o assassino não podia fazer era matá-la na agência bancária ou mesmo no supermercado. Nos dois casos ele seria facilmente apanhado pelos guardas e pelos seguranças. Preferiu segui-la durante o dia e esperar um momento mais propício, quando ela voltasse para casa à tarde, por exemplo. Mas, quando a viu entrar na delegacia e sair dez minutos depois, achou que não podia esperar mais. O que temos a nosso favor é que ele não sabe se ela chegou a nos dizer alguma coisa.

Eram sete da noite quando Espinosa saiu da delegacia pensando em passar pela galeria Menescal para comprar quibe e esfirra no pequeno restaurante árabe. Pelo que se lembrava da noite anterior, a única coisa que havia na geladeira era metade de uma lasanha cujo sabor não estava dos melhores. O reforço árabe não era para ser acrescentado à meia lasanha, mas para substituí-la, e também para quebrar a monotonia dos dias seguidos comendo massa congelada. Vinha pensando ultimamente em eliminar o jantar. Apenas isso. Decretar o fim do jantar. Por consequência, decretar o fim das massas congeladas. Passaria a fazer um lanche: café com leite, pão preto, queijo, presunto, geléia... Mais leve, mais sadio, menos engordativo, mais adequado ao clima tropical (embora não soubesse dizer por quê), menos trabalhoso (não tinha certeza), enfim, um estilo mais americano e europeu de refeição noturna (achava). Enquanto andava, examinou a idéia. Na verdade, a opção pelos quibes e esfirras já era uma opção pelo meio-termo: nem massa congelada nem café com leite. A idéia do lanche em lugar do jantar ainda soava mais como uma capitulação do que como uma mudança. Desde que a idéia surgira, se sentia mais velho... Ou estava se sentindo mais velho e por isso a idéia surgira? O próximo passo seria usar pantufas dentro de casa?

A galeria Menescal não era o caminho mais curto para o Bairro Peixoto, onde Espinosa morava; era o mais longo, mas o seu preferido, além de fazer parte de sua história pessoal. Quando menino, todos os dias ao voltar da escola descia do ônibus na avenida Copacabana, defronte à galeria Menescal, que além de galeria é também uma passagem que liga a avenida Copacabana à rua Barata Ribeiro, parte do seu trajeto em direção ao Bairro Peixoto. Mesmo sob seu atual olhar de adulto, o enorme portal ladeado por colunas de mármore conservava a imponência. Menino, antes de iniciar a travessia, costumava parar no portal e olhar para cima, extasiado com o pé-direito altíssimo e com a seqüência de lojas de ambos os lados com suas pequenas e curiosas sobrelojas. Ainda garoto, ficara fascinado com a história segundo a qual, por ter sido construída durante a guerra, a galeria possuía, na garagem subterrânea, uma área

reforçada que servia de abrigo antiaéreo. Apesar de a guerra ter findado quase duas décadas antes de Espinosa nascer, o menino sentia uma importância especial em passar sobre um abrigo contra bombardeios aéreos. No meio da travessia, embalado pelas histórias de aventuras da Segunda Guerra, fazia sua parada obrigatória no árabe para comprar um quibe ou uma esfirra (um dia quibe, outro esfirra) a fim de matar a fome do garoto e alimentar a fantasia do futuro delegado Espinosa. Feito isso, o Espinosa adulto prosseguia em direção à Barata Ribeiro, pegava a Anita Garibaldi e desembocava no Bairro Peixoto.

A diferença era que naquela sexta-feira ele não voltava da escola pensando alegremente na passagem e na parada no Árabe. Vinha da 12^a DP, onde era delegado titular, pensando com tristeza no motivo que teria levado d. Laureta a procurá-lo naquele fim de tarde em que morrera sem ter conseguido falar com ele. Seu passo ao longo da galeria era lento, mãos nos bolsos da calça, olhar voltado para o chão. Visto a distância, se destacava dos demais passantes pela altura acima da média e pela quase imperceptível oscilação do tronco, lembrando o ponteiro de um metrônomo. Entrou na pequena loja sem hesitação. Pediu dois quibes e duas esfirras.

2

No meio da massa compacta de pedestres que se movia lentamente pela calçada como um miriápode gigante, o homem tinha a impressão de que não eram as pessoas que andavam, mas que suas pernas pertenciam na verdade a esse grande animal urbano que se arrasta pesadamente pelas ruas das grandes cidades. A situação, contudo, não o desagradava. Gostava de multidão, apenas não considerava aquele o momento mais adequado para usufruir dela. Às seis e meia da tarde tinha que estar no bar defronte à 12^a DP, na rua Hilário de Gouveia, e já passava das seis. Com o movimento de pedestres em qualquer outra hora do dia não haveria problema, mas com o trânsito nas calçadas àquela hora da tarde na avenida Copacabana, as pessoas saindo do trabalho e o movimento ainda intenso do comércio, a morosidade com que a multidão se deslocava impedia toda pressa. Estava a ponto de procurar um trajeto mais livre quando algum sinal de trânsito mais à frente liberou o fluxo de pessoas e o bloco ganhou um pouco mais de mobilidade. Nada de extraordinário, mas pelo menos o suficiente para percorrer um pouco mais rápido aquela quadra. O homem se deixou levar por mais algumas dezenas de metros no mesmo ritmo da multidão, mas então se viu obrigado a descer da calçada e acelerar o passo, caminhando entre o meio-fio e os carros.

Escolha acertada. Dez minutos depois, tomava um café no bar em frente à delegacia. Permaneceu de pé junto ao balcão, bebericando o café sem pressa, atento às pessoas que passavam sob o arco de entrada da 12^a DP. Não queria se demorar para não chamar a atenção. Passados quinze minutos, saiu andando em direção à Barata Ribeiro, distante não mais de vinte metros. O tráfego de veículos àquela hora era intenso. Atravessou a rua e ficou defronte à vitrine da loja da esquina, mas com a atenção voltada para o movimento de saída da

delegacia. Às sete horas, viu o delegado surgir na calçada, pegar à esquerda e descer a rua em direção à esquina onde ele se encontrava. Caminhava sem pressa, como se estivesse remoendo uma idéia, aparentemente sem rumo certo. Esperou para ver se ele dobraria na Barata Ribeiro ou se continuaria até a avenida Copacabana. Ele continuou. Melhor assim. Daquele ponto em diante, podia adivinhar o trajeto completo que o delegado faria. Manteve uma distância segura até virarem à direita na avenida Copacabana, quando então, devido ao número de pedestres, pôde se aproximar sem risco de ser notado, embora o delegado não parecesse interessado em nada do que acontecia a sua volta. Depois de percorrerem duas quadras e meia, entraram na galeria Menescal, onde o movimento era menos intenso. Mais ou menos na metade da galeria, o delegado diminuiu o passo e entrou no pequeno restaurante árabe, parecendo nem prestar atenção no que fazia. O homem sabia que o policial se demoraria apenas o tempo necessário para comprar alguns salgados. A loja estava cheia, com movimento constante de gente entrando e saindo. Ele também entrou e pediu, tal como o delegado, uma porção de quibe e de esfirra.

Os dois saíram quase ao mesmo tempo da loja, depois de o delegado cumprimentar a moça da caixa, dona do restaurante. Como o delegado continuava no seu caminhar lento e reflexivo, o homem tomou a dianteira e terminou de atravessar a galeria, deixando-o para trás. Não era seu intuito perseguir o delegado Espinosa aonde quer que ele fosse, mas usufruir do prazer secreto de estar lado a lado com ele, e até de comprar e saborear as mesmas iguarias árabes. Na Barata Ribeiro, voltou uma quadra e meia até a Siqueira Campos, quase completando um quadrado perfeito desde que se afastara da delegacia. Subiu a rua com passo firme, sem olhar para trás ou para os lados. Sem se importar com o intenso movimento de pedestres, passou a estação do metrô e a bifurcação da Siqueira Campos com a ladeira dos Tabajaras e em poucos minutos entrava em seu prédio, uma construção antiga, pequena e de apenas três pavimentos, com um apartamento por andar. Foi direto ao quarto, o mesmo que durante anos e anos fora de sua mãe, e abriu a janela para fazer

circular o ar quente acumulado durante a tarde. Os móveis ainda eram os mesmos. Nem a penteadeira fora removida. A cama, que a mãe chamava de cama de viúva e que agora era a dele, permanecia no mesmo lugar, defronte ao guarda-roupa antigo. As únicas coisas que ele acrescentara ao quarto foram um espelho de corpo inteiro, fixado na única parede livre, e uma barra que instalara no vão da porta. Tirou a roupa e ficou apenas de cueca. Olhou-se de frente, de perfil, de costas. Não era alto, não era bonito, mas era forte, ágil, sem nenhum excesso de gordura. Tinha olhos claros, cabelo castanho cortado à escovinha, e era meticulosamente cuidadoso com o asseio corporal. Fez duas séries de flexões e abdominais e uma série de barra. Tomou banho, vestiu uma bermuda e ligou a televisão. Não tinha jantado. Lembrou-se do embrulho que deixara na mesa da sala. Na geladeira havia apenas leite, duas fatias de pão de forma e um pedaço de queijo, além de uma garrafa de refrigerante. O quibe e a esfirra completariam o jantar.

Considerara o passeio na cola do delegado Espinosa bastante satisfatório. Não esperava mais do que aquilo, e por ora bastava. Cada vez mais se convencera de que o delegado e ele tinham traços em comum. Eram mais ou menos da mesma idade (ele era um ano mais moço), ambos eram funcionários públicos, viviam sozinhos, moravam no mesmo bairro desde meninos (a apenas duas quadras de distância um do outro) e ambos gostavam de se deslocar a pé por Copacabana. Talvez devesse dizer ainda que nenhum dos dois era muito sociável — desde menino. Daí, talvez, nunca terem se tornado amigos. Enquanto comia o quibe, pensava que podia acrescentar mais um item às semelhanças entre eles: o gosto por comida árabe, especialmente quibes e esfirras. Imaginou o delegado sentado próximo à janela da sala, olhando na direção do seu prédio naquele exato momento, também comendo o quibe que havia comprado. Sabia que na maioria das vezes ele comia sozinho. Somente às sextas-feiras tinha a companhia de uma mulher, bem mais nova que ele e bem bonita, que chegava carregando sacolas de compras. Era sempre a mesma, sua namorada de muitos anos, que nunca fora morar com ele (caso isso tivesse acontecido, certamente teria notado). Nas noites

de sexta-feira, o jantar parecia ser mais caprichado e lento. Nunca vira o apartamento dele por dentro, mas quando as janelas francesas estavam abertas dava para entrever, da praça, a sala. Sem dúvida, era muito maior do que a sua. Aliás, o apartamento do delegado era indiscutivelmente maior e melhor do que o seu. Mas isso não o incomodava. Não dava importância a coisas como móveis, decoração e objetos de arte. Supunha que tampouco o delegado, já que tinham tanta coisa em comum. Embora, é claro, isso não se aplicasse à sorte que o delegado tinha com as mulheres, o que não acontecia com ele.

Em algumas sextas-feiras, principalmente no verão, gostava de sentar-se à noite num banco da praça e ficar olhando o vaivém de Espinosa e da namorada pela sala. Não dava para vê-los de corpo inteiro, a não ser quando chegavam ao balcão da janela francesa, o que era raro. Não gostaria de estar na companhia deles, aquele era um momento íntimo do casal de amantes, mas gostaria imensamente de poder se debruçar naquele balcão ao lado do delegado e desfrutar com ele da vista oposta à que tinha quando se sentava no banco da praça. Havia comido apenas o quibe e bebido todo o refrigerante. O resto do jantar teria que ser regado a leite, a única bebida que havia na casa, além de água. Não ingeria álcool nem fumava. Não por princípios morais ou religiosos, mas porque fazia mal à saúde. Não era religioso nem acreditava em Deus, não tinha parentes nem amigos. Daí tomar cuidado com o corpo e com a cabeça. Se um dos dois falhasse, não haveria a quem recorrer. E, mesmo que houvesse, não recorreria. Limpou a mesa, lavou a pouca louça que utilizara e ligou a televisão que havia desligado quando ia começar o telejornal. Não gostava de noticiários e sentia particular repulsa pelos programas humorísticos da TV. Gostava especialmente da programação de filmes, porque não precisava sair de casa e pelo prazer de ver um filme sem ninguém sentado a sua frente, atrás e dos lados, falando ou chutando a cadeira, ninguém comendo pipoca e chupitando canudinho de refrigerante. Na TV, não era tanto os filmes o que importava, e sim não ter a presença incômoda de outras pessoas em volta. Também gostava de ler, mas não acumulava livros. Comprava-os em sebos e desfazia-se deles assim que terminava a leitura. Mesmo os livros que haviam

pertencido à mãe foram vendidos para um sebo assim que ela morreu. Não gostava de música, fosse ela popular ou clássica. O único aparelho de som que tinha em casa era um pequeno rádio de pilha que fora da mãe. Achava sua vida satisfatoriamente preenchida por ele mesmo. As putas eram mais do que suficientes para dar conta de sua necessidade sexual. O mundo não era nem um pouco complicado. Às vezes surgiam pequenos obstáculos, superados ou removidos sem dificuldade.

Na manhã do dia seguinte, a caminho do trabalho, o homem pensou em mais um ponto em comum com o delegado Espinosa: ambos trabalhavam a poucas quadras de onde moravam, sendo que o percurso que faziam para o trabalho era quase o mesmo. Mas ele tinha certeza de que o delegado nunca se dera conta disso. Caso tivessem se cruzado na rua ou mesmo andado lado a lado a caminho do trabalho ou de volta para casa — e ambas as coisas haviam acontecido —, o delegado não perceberia nem daria importância, pelo simples fato de não se lembrar dele. O horário de trabalho dos dois não era o mesmo. O do delegado era irregular, às vezes saía muito mais tarde, outras vezes passava o dia fora da delegacia. Mas, apesar disso, acontecia de se cruzarem em um dos previsíveis trajetos ou mesmo perambulando pelo bairro, coisa que ambos gostavam de fazer. O caminhar de cada um era marcadamente distinto: o dele era firme, apressado, quase militar, enquanto o do delegado era lento, distraído, como se o pensamento errasse a quilômetros de onde ele estava.

Quando chegou à agência da Caixa Econômica, minutos antes do início do expediente, já havia uma fila de idosos esperando a porta se abrir para pegarem a senha de atendimento. Até a uma da tarde, quando fez uma pausa para o almoço, os policiais da véspera não tinham reaparecido. E não havia mesmo por que reaparecerem. Não havia mais nada a dizer a não ser repetir as palavras que trocara com a pensionista e que já reproduzira para os policiais que o haviam procurado. Certamente a mulher contara a eles que estivera na agência de manhã. Mas, além da conversa inicial entre eles, um pouco áspera talvez, o que ela poderia ter dito a mais na delegacia era que o

conhecia de vista, assim como ele a conhecia de vista, já que pelo menos uma vez por mês ela ia à agência. Sim, insistiria ele se o interrogassem de novo, a pensionista estava nervosa, um pouco irritada, mas era natural que estivesse, afinal o público era muito grande e nos dias de pagamento os idosos tinham que esperar muito tempo para ser atendidos. Além do mais, eram lentos, esqueciam documentos, eram distraídos e perdiam a vez. Quando finalmente eram atendidos, estavam irritados e reclamavam com o caixa. Mas ele, assim como os demais caixas, estava acostumado. Não haveria motivo para os policiais voltarem a procurá-lo.

Daí a surpresa quando viu os dois chegarem, no momento em que ia reiniciar o atendimento. Nem chegou a abrir o guichê. Manteve desligada a conexão com o painel luminoso e esperou que se aproximassem.

— Bom dia, seu Hugo. Sou o inspetor Ramiro e este é o detetive Welber. Estivemos aqui falando com o senhor.

— Eu me lembro dos senhores.

— Hoje viemos à tarde para não atrapalhar o atendimento.

— Isso infelizmente é impossível. Sobretudo nesses primeiros dias do mês, um guichê a menos faz diferença.

Os policiais se identificaram para os guardas responsáveis pela segurança e contornaram o guichê.

— Melhor conversarmos do lado de cá, para não acharem que estamos furando a fila — disse Ramiro.

— E não estão?

— Na verdade, estamos, mas não vamos atrasar muito seu atendimento. Queremos apenas esclarecer alguns detalhes. Na manhã de segunda-feira, quando o senhor atendeu a pensionista Laureta Sales Ribeiro, estava trabalhando neste mesmo guichê?

— O mesmo. Sempre que possível mantemos as posições.

— Portanto, sua visão era igual a que estamos tendo agora.

— Exatamente.

— E a dona Laureta estava, segundo o seu relato, sentada na terceira fila.

— Isso. Bem no meio da terceira fila.

— Tinha alguém sentado do lado dela?

— Dos dois lados. Todas as cadeiras estavam ocupadas.

— E ela conversava com essas pessoas?

— É possível que tenha conversado, não prestei atenção. Lido com dinheiro. Tenho que ficar muito atento ao que estou fazendo. Mas posso dizer a vocês que entre esses idosos há dois tipos de clientes: há o idoso distraído, que conversa com todo mundo e nem presta atenção no letreiro luminoso e na senha que tem na mão, e há aquele outro tipo, que presta tanta atenção, fica tão ligado no número da sua senha, que não vê mais nada em volta, não conversa com ninguém, e se conversam perto dele ele reclama. A senhora que morreu era do segundo tipo. Não era muito de conversar.

— E, durante o atendimento propriamente dito, ela não comentou nada?

— O único comentário que fez foi o que já contei aos senhores.

— O senhor se incomoda de repetir?

— Bom. Ela comentou que era difícil chegar até o guichê, com tanta gente sentada e em pé pelo caminho.

— E o que o senhor disse?

— Que ela devia começar a se aproximar dos guichês assim que o número anterior ao dela fosse chamado. Mesmo assim, ela se esqueceu de tirar o cartão de identificação de dentro da bolsa. Quando eu disse que ela devia se apresentar ao caixa já com o cartão na mão, porque senão atrasava o atendimento dos outros, ela respondeu rispidamente, dizendo que quem estava ali sabia que ia perder tempo, talvez toda a manhã... Qualquer coisa desse tipo.

— E o senhor disse alguma coisa?

— Só perguntei se ela ia tirar todo o dinheiro, e ela respondeu que sim.

— Nenhum dos dois disse mais nada?

— Não.

— Entre essas pessoas que estão esperando para ser atendidas, o senhor está vendo alguém que estava aqui na manhã de segunda-feira?

— É muito difícil... Não... Não me lembro de ter visto nenhuma dessas pessoas na segunda-feira.

— Obrigado. Esperamos não ter atrasado muita gente.

Em seguida, Welber e Ramiro procuraram o gerente geral e o chefe da segurança para pedir as fitas das câmeras de segurança voltadas para aquela área de atendimento, assim como as da porta de entrada da agência. De posse de uma fotografia trazida do apartamento da pensionista, passaram o resto do dia analisando as imagens capturadas pelas câmeras. D. Laureta foi rapidamente localizada. A partir de então, cada movimento de cabeça, cada aparente movimento de boca, tanto dela como das pessoas ao lado, foram anotados e selecionados, assim como a ida dela ao guichê. No entanto, as imagens do diálogo com o caixa estavam prejudicadas, porque entre os dois havia a grade e o vidro do guichê. Além disso, embora o ângulo da câmera permitisse que ambos fossem identificados, era impossível distinguir claramente o movimento dos lábios de cada um. Welber era de opinião que o registro do encontro parecia conter mais troca de palavras entre ela e o caixa do que as frases que ele disse terem sido trocadas. Mas nem a expressão dela nem seus gestos denotavam perturbação. As imagens da calçada revelaram apenas d. Laureta se afastando em direção à esquina.

Após o expediente, Hugo Breno preferia voltar para casa pela avenida Copacabana. Sentia-se melhor nas vias de maior movimento, quando se deixava perder na multidão. Eram momentos nos quais se sentia especialmente em paz consigo mesmo e com o mundo. Às vezes, quando a quantidade de gente na rua não era satisfatória, ele entrava em uma grande loja de departamentos e ficava circulando pelos vários setores sem comprar nada, apenas para se sentir cercado de gente. Mas essa era uma escolha que ele só fazia quando não

havia opção: o que verdadeiramente o atraía eram as grandes aglomerações exteriores. Quando no meio da multidão, nunca dirigia a palavra a ninguém e tampouco olhava de modo deliberado para quem quer que fosse. Sua participação era silenciosa e solitária. Não procurava estabelecer relações ou fazer amizades, nem aspirava por um movimento de coesão da massa ou pelo surgimento de um sentimento coletivo unificador, alguma espécie de “nós” metafísico. Queria o oposto. Procurava a multidão como lugar de multiplicidade, e não de unidade. Buscava singularidades, sendo ele uma delas. Não queria sentir-se “um igual”; fazia absoluta questão de ser uma diferença, uma singularidade irreduzível.

Depois de sair da agência, encerrado o expediente bancário, foi até a avenida Copacabana e caminhou umas quinze quadras. Em seguida regressou à esquina da rua Siqueira Campos, quando então se apartou da massa de pedestres e subiu a rua em direção a sua casa. Fazia isso quase todos os dias. Não necessariamente pela avenida Copacabana (embora a considerasse excelente); às vezes pegava o metrô e ia até o Centro (de preferência a avenida Rio Branco), andava umas dez quadras e pegava o metrô de volta. A experiência do metrô na hora do *rush* era a que mais se aproximava da experiência das ruas, chegando mesmo a suplantá-la.

3

Era sexta-feira e Espinosa havia combinado jantar com Irene. Ela acabara de chegar de São Paulo, onde estivera duas semanas a trabalho. Foi um dos períodos mais longos que ficaram longe um do outro, sem contar o mês que ela passara em Nova York fazendo um curso intensivo. Naquele momento ele confirmava o encontro com ela pelo celular.

— Você se incomoda se mais uma pessoa for conosco? — perguntou Irene.

— Claro que não — respondeu ele, tentando não se deixar trair pela voz.

— Que bom! Então será uma convidada surpresa.

Espinosa gostaria que aquela noite fosse só deles, não contava com convidados. Certamente a pessoa ficaria com eles apenas no jantar. Pelo menos, esperava que assim fosse.

Caminhava pela Tonelero de volta para casa, pensando em Irene e no tempo que durava a relação deles. Pensamento reiterativo, ultimamente. Quanto mais o tempo passava, mais os dez anos de diferença entre eles ficavam evidentes. Irene nunca dissera que era tempo demais, nem em nenhum momento sugerira que era hora de mudar a natureza da relação. Havia entre eles um acordo tácito de não-pedidos de casamento e de não-exigência de fidelidade sexual. Quanto ao laço afetivo propriamente dito, consideravam que prescindia de qualquer tipo de acordo: ou era verdadeiro ou não era laço afetivo. Concordavam também que relação amorosa não tem pré-história, tem apenas história, o que eliminava cobranças relacionadas a tempos pretéritos. Caminhava entregue a esses pensamentos enquanto cruzava a praça em torno da qual se erguera o Bairro

Peixoto, um pouco esvaziada àquela hora, quando as crianças eram chamadas a suas casas para jantar.

Ficara de pegar Irene às nove. Havia tempo bastante para tomar banho, se vestir, chamar um táxi e chegar a Ipanema. Desfizera-se do seu velho carro. De tanto ficar estacionado defronte ao prédio sem ser usado, a bateria descarregou, os pneus murcharam e, quando posto para funcionar, apresentava uma coleção de pequenos defeitos elétricos e mecânicos decorrentes do abandono. Estavam no sétimo ano do século XXI e seu carro ainda era do século XX. Antes que virasse antigüidade, decidiu vendê-lo. O termo que usava para designar a transação era “desfazer-se de”, em lugar de “vender”. Agradeceu muito quando um rapaz que morava do outro lado da praça levou o carro. O preço foi irrisório, de modo que o rapaz também agradeceu muito. Todos ficaram felizes. Espinosa tinha certeza de que o mais feliz de todos era seu velho carro, que passaria a ter um tratamento digno. Sem contar que, dada a proximidade, poderia vê-lo com frequência, embora não acreditasse que fossem sentir saudades um do outro. Depois dessa transação, passara a usar táxis em seus deslocamentos sociais. Para os profissionais, contava com as viaturas da delegacia.

Quando o táxi parou defronte ao prédio de Irene, Espinosa desceu do carro para receber as duas, que o esperavam na portaria. Davam a impressão de ser mulheres do futuro. Ambas muito bonitas e parecidas, apesar do cabelo louro, curto e espetado da amiga. Irene adiantou-se, abraçou e beijou Espinosa.

— Querido, esta é a Vânia, minha amiga de São Paulo.

— Olá, Vânia. Bem-vinda.

— Obrigada. Irene falou muito de você.

— Vânia veio passar uma semana no Rio. Está hospedada aqui em casa.

— Não podia estar em melhor lugar — disse Espinosa.

Vânia vinha de São Paulo, mas podia estar vindo de Berlim, Copenhague ou Nova York. Era, assim como Irene, uma mulher do novo milênio, pensou Espinosa. Imediatamente pensou também no

quanto ele ainda lutava para se livrar de pequenos, mas resistentes resíduos do século XIX. Entraram no táxi e Espinosa indicou ao motorista o endereço de um pequeno restaurante na avenida Atlântica, no Leme, onde poderiam conversar tranquilamente.

Ocuparam, os três, o banco traseiro do carro. Mesmo considerando que se tratava de um carro espaçoso, a proximidade física propiciava uma intimidade que era facilitada pela semelhança entre as duas mulheres. Como eram ambas falantes e expansivas, Espinosa ora tinha o braço seguro por uma, ora tinha a perna da outra colada à sua. Não era de modo nenhum uma situação desagradável, mas, nos momentos em que a conversa ficava mais animada, acontecia de ele ficar embaraçado, sem saber onde pôr as mãos. Século XIX, pensou.

O percurso compreendia uma parte da praia de Ipanema e toda a extensão da praia de Copacabana, mas era direto e sem complicação de trânsito. Foi tempo suficiente para se estabelecer um clima de simpatia entre Espinosa e Vânia, o que não parecia incomodar Irene nem um pouco. Durante o jantar, Vânia demonstrou interesse pelo trabalho de Espinosa, interesse satisfeito por ele em estilo minimalista e enriquecido por Irene com contribuições apaixonadas. O encontro estava agradável e poderia ser perfeito não fosse uma questão que não o abandonava: o que aconteceria depois do jantar? Irene e Vânia voltariam para casa e ele dormiria sozinho em seu apartamento, depois de terem ficado duas semanas longe um do outro? Ele e Irene dormiriam no Bairro Peixoto, deixando a visitante/convidada sozinha em um apartamento que mal tivera tempo de conhecer? Não lhe parecia justo nem hospitaleiro. Havia a possibilidade “apenas lógica e não real”, pensou, de os três dormirem no apartamento dele, mas esse não chegou a ser um pensamento propriamente dito, apenas uma imagem fugidia e perversa que atravessou sua consciência e que foi desconsiderada de imediato. O dilema foi resolvido por Irene quando saíram do restaurante.

— Querido, como é a primeira noite que Vânia passa aqui, e como fui eu a convidá-la a se hospedar lá em casa, hoje eu faço companhia a ela. Amanhã e domingo ela vai sair com amigos que

moram aqui no Rio, e eu passo dois dias com você no seu apartamento. O que acha?

— Acho perfeito.

Não achava perfeito. Sozinho no apartamento depois de ter deixado as duas em Ipanema, Espinosa considerou a solução perfeita de acordo com as regras da hospedagem e da amizade, mas altamente frustrante e insatisfatória do ponto de vista do desejo.

Ler estava fora de cogitação. Nenhum texto preencheria a falta de Irene. Assistir televisão menos ainda, mesmo que se deixasse entorpecer pela seqüência de imagens. Tirou a roupa, deitou na cama e fixou os olhos no teto. Entendia que Irene não tivesse alternativa, uma vez que convidara a amiga para se hospedar na casa dela. O que não entendia claramente era por que as duas tinham planejado isso com antecedência — pois não havia a menor dúvida de que haviam planejado. E sem acarretar para Irene nenhum sofrimento, ou pelo menos nenhum sinal aparente de sofrimento. Claro que ela não estava sofrendo por ficar com a amiga, e tampouco parecia sofrer por não estar com ele ou por deixá-lo sozinho. Ou quem sabe era isso mesmo, ela preferia passar sua primeira noite no Rio, depois de duas semanas fora da cidade, na companhia de Vânia.

Quando eles se conheceram, Irene vinha de uma relação amorosa aparentemente longa com uma amiga, também de São Paulo. Ter iniciado uma relação com ele significara, segundo ela mesma dissera, escolhê-lo como pessoa e como opção sexual. Essa escolha, porém, não viera acompanhada de juras de fidelidade heterossexual. Ela tampouco prometeu haver descartado escolhas homossexuais. Pelo que ele também pudera depreender, as escolhas homossexuais de Irene nunca excluíram escolhas heterossexuais. Daí porque o envolvimento deles foi viável e perdurou. Nunca mais tocaram no assunto. Nem houve motivo para isso. O que naquele momento Espinosa se perguntava era se a loura Vânia não seria uma recaída de Irene em suas escolhas passadas. Mais ainda: se esse tipo de escolha deixara mesmo de existir desde que se conheceram ou se continuava a ter lugar, silenciosamente, nas idas a São Paulo.

Espinosa acordou no sábado com a estranha sensação de ter sido ludibriado. Isso porque a primeira idéia que lhe veio à consciência foi “hoje é sábado”, para logo em seguida dar lugar a outra: “Irene não está aqui comigo”, acompanhada do gesto de estender o braço para o lado e apalpar apenas lençol. As duas idéias mais o gesto aconteceram num átimo. Aos poucos, foi refazendo a conversa da véspera, quando se despedira de Irene, e o trato que haviam feito, de trocar a noite de sexta-feira pelo fim de semana inteiro. Troca sem dúvida vantajosa do ponto de vista quantitativo, mas não necessariamente gratificante do ponto de vista afetivo. Pelo tempo que ela havia passado longe dele, deveriam ficar juntos de sexta a domingo. Daí o sentimento de ter sido enganado.

Tomou um banho quase frio, pegou os jornais que a vizinha de andar fizera a gentileza de deixar em sua porta e foi preparar o café. As manhãs de sábado sempre haviam tido um sabor especial para ele, porque aos sábados Espinosa não limitava o número de torradas nem a quantidade de geléia e de queijo, além de tomar duas xícaras grandes de café forte. Um problema que persistia a ponto de ter se tornado íntimo como um animal de estimação era o da torradeira que torrava as fatias de pão apenas de um lado, obrigando-o a realizar a operação em duas etapas para obter as duas fatias torradas dos dois lados. Era uma torradeira americana do tempo da Segunda Guerra Mundial, herdada dos pais, e que funcionava magnificamente bem até hoje, a não ser por esse pequeno incômodo das duas etapas. Um dia, Irene lhe deu de presente uma torradeira nova, da melhor marca que havia no mercado. Por duas semanas as torradeiras disputaram lado a lado, na mesa da sala, a preferência do dono. Na terceira semana, a torradeira nova foi guardada no armário da copa, à espera da morte definitiva da deficiente mas charmosa torradeira que ele fazia questão de frisar ser da época da Segunda Guerra, como se a velha máquina tivesse combatido nos céus da Europa ou participado de batalhas navais no Pacífico. Irene dizia que não era a torradeira que o alimentava todas as manhãs, mas que ele é que alimentava a torradeira, além de funcionar como um guardião de seu glorioso passado.

A mesa ficava próxima das janelas francesas que se abriam para pequenos balcões de ferro batido, e todas estavam inteiramente abertas naquela luminosa manhã de sábado. Nos fins de semana, Espinosa assinava também jornais de São Paulo, coisa que passara a fazer desde que Irene começara a trabalhar regularmente nas duas cidades, como se elas não fossem mais que dois bairros pelos quais ela circulava. Durante a semana, as notícias de ambos os jornais abarcavam política, criminalidade e economia, mas no fim de semana havia a compensação dos cadernos culturais, com a promessa de uma ou duas horas de leitura com direito a reposição de café.

Essa era a primeira parte da manhã. A segunda era dedicada a levar a cabo tarefas caseiras programadas nos sábados anteriores ou a planejar novas tarefas a serem realizadas em sábados futuros, caso eles não fossem ocupados com o planejamento de mais tarefas. Algumas delas eram postergadas indefinidamente, sendo que outras entravam para a categoria “tarefa a fundo perdido”, o que as remetia ao limbo (mesmo que essa espécie de arquibancada celeste tenha sido declarada inexistente pela Igreja). Era o caso, por exemplo, do projeto de construção de uma estante de madeira para acomodar os livros que se amontoavam ao longo de uma das paredes da sala, numa pilha que adquirira para ele status de obra de arte e que somente daria lugar a uma estante convencional quando desabasse sobre a sala, coisa que ele garantia que não aconteceria jamais. Desde que passara a morar sozinho, sobretudo desde a morte da avó, de quem herdara boa parte dos livros que ali estavam, Espinosa dera início ao que na época chamara de estante provisória: escolhera a parede maior da sala e fora arrumando os livros ali, a partir do chão, em uma fileira de livros em pé, sobre a qual depositava uma seqüência de livros deitados, como se fosse uma primeira prateleira, em cima da qual alinhava outra fileira de livros em pé, cobertos por uma nova série de livros deitados, e assim por diante, numa construção ascendente cujo limite seria, evidentemente, o teto da sala. Foi o que passou a chamar de “estante sem estante”, ou “estante em estado puro”, ou ainda “estante só livros”, e que, passadas algumas décadas, agora ocupava toda a extensão da parede da sala e já

ultrapassava a altura de dois metros... sem ter desabado uma única vez.

Mas a principal promessa daquela manhã era a chegada de Irene para um fim de semana a dois. Ficara combinado que ela viria para o almoço, o que lhe daria tempo para uma ligeira arrumação no apartamento e para encomendar o maior combinado de sushi e sashimi do seu restaurante japonês preferido. Para ele, essa era a comida ideal para um almoço cujos sucedâneos eram previsíveis, além de desejados.

A arrumação do apartamento nada tinha a ver com a obsessiva competência de sua faxineira semanal; consistia apenas na liberação da bancada da pia, na retirada do lixo e numa arrumação mais cuidadosa da cama. Às vezes incluía também o recolhimento dos livros deixados em cima de cadeiras, mesa e até mesmo no chão, perto da cadeira de balanço que usava para leitura.

Quando Irene chegou, só não foi recebida com velas na mesa porque era almoço e não jantar, não passava de uma da tarde e a claridade quase o obrigava a usar óculos escuros dentro de casa. Ela chegou linda e alegre.

— Trouxe duas garrafas de vinho branco para acompanhar o nosso almoço, mesmo sem saber o que iríamos comer. Precisam ir para o gelo.

O abraço de reencontro foi intenso, saudoso, carregado de história. Houve tempo em que os abraços de reencontro deles eram sôfregos, ardentes, transbordantes de desejo. Isso na época em que Irene subia as escadas do prédio anunciando desde os primeiros degraus as delícias que trazia e expressando em voz alta a delícia que ela era. Isso quando a ausência dela era de apenas dois ou três dias. Agora, depois de duas semanas de separação, o abraço continuava pleno de desejo, alegria, intensidade, mas continha, além disso, uma memória. Também na relação sexual, além da intimidade dos corpos minuciosamente explorados, havia a intimidade mutuamente experienciada por esses corpos ao longo do tempo. Não havia mais disputa entre quantidade e qualidade, nem substituição de uma pela

outra, mas um aprimoramento da intensidade: algo feito de quantidade e de qualidade e que não se reduz nem a uma nem a outra.

Espinosa pensava nessas questões de maneira vertiginosa, enquanto ele e Irene se abraçavam e trocavam as primeiras palavras, ao mesmo tempo que se dava conta de que elas expressavam apenas o ponto de vista dele. Como seriam do ponto de vista de Irene? Como ela o veria hoje? Teria havido perda ou ganho? Talvez as duas coisas. Não sabia. Notou como se despiam lentamente, sem sofreguidão.

A própria entrega corporal não foi sôfrega.

— Desculpe ter deixado você sozinho ontem à noite.

— Acho que você não tinha escolha.

— Tinha... Mas seria difícil para ela.

— Também foi difícil para mim.

— Eu podia ter deixado ela se virar sozinha.

— Se não deixou é porque não podia.

— Agora você está sendo mau comigo.

— Não estou. Você é que está se sentindo culpada. Se depois de nós treparmos você vira para mim e pede desculpa por não ter dormido comigo ontem à noite, é porque poderia ter dormido comigo. Não dormiu porque preferiu dormir com sua amiga.

— Não entendi a ambigüidade.

— É que em português a palavra dormir tem esse duplo sentido.

— Você está querendo dizer que eu estou tendo um caso com a Vânia?

— Meu bem, se eu quisesse dizer isso, eu teria dito... Quem acabou de dizer foi você.

— Eu não afirmei, eu perguntei.

— Não é a mim que você tem que perguntar isso.

— Espinosa, o que deu em você? Não estou te reconhecendo.

— Mas eu tenho medo de estar reconhecendo você.

— Puta que pariu! Baixou o gênio maligno em você?

— Só o gênio. O maligno ainda não. Veja bem: você me conta que passou quinze dias em São Paulo trabalhando junto com a Vânia e hospedada no apartamento dela. Portanto, vendo-a dia e noite. Terminado o trabalho, você volta para o Rio com ela e a hospeda em sua casa. Vânia é uma mulher muito bonita, sensual, sedutora. Muito parecida com você, diga-se de passagem. Na primeira noite no Rio, depois de duas semanas longe de mim, com quem você escolhe dormir? Com Vânia. Pergunto: foi em mim que baixou o gênio maligno?

— Espinosa, querido, nós não somos casados, não moramos juntos, não fizemos nenhum pacto de fidelidade sexual, não sei nem dizer se somos namorados. Sem dúvida nenhuma somos amantes, no sentido forte e clássico da palavra. Essa relação se mantém há anos e, creio que posso falar por nós dois, sempre foi muito prazerosa. Se um de nós um dia decidir romper a relação, isso pode ser feito com apenas uma frase. Não precisamos dividir bens, carregar roupas, recolher objetos pessoais. Basta um de nós declarar que acabou. Se eu estivesse a fim de mudar a natureza da minha escolha sexual, se minha preferência voltasse a ser por mulheres, eu não precisaria fazer isso às escondidas. Assim, proponho aproveitarmos o maravilhoso almoço japonês que você encomendou e o maravilhoso vinho francês que eu trouxe.

O almoço e o vinho agiram no sentido de reduzir o conflito. Reduzir, não eliminar. Pela primeira vez um fim de semana de reencontro adquirira, repentinamente, características de desencontro. Pelo menos no nível verbal. O encontro sexual, minutos antes, não apresentara perda de qualidade em relação aos anteriores. Talvez tivesse mudado um pouco a forma, o estilo, mas não a qualidade. Espinosa pensou na dissociação entre as palavras e os corpos, e sobre por quanto tempo essa dissociação seria suportada. Mas, terminada a primeira garrafa de vinho, o nível de questionamento se reduzira, o pensamento tornara-se mais lento e as idéias pouco claras. Apesar da turbulência inicial, o fim de semana transcorreu em paz, ficando evidente para Espinosa que a saudade de Irene por ele era legítima.

Domingo à noite Espinosa acompanhou Irene até o prédio onde ela morava, em Ipanema, e voltava para casa de táxi quando o celular tocou. Chamada de Irene.

— Espinosa, volta, por favor.

— O que aconteceu?

— Não sei, mas não estou gostando nada.

— A Vânia está bem?

— Ela não está em casa. O porteiro disse que ela não voltou para cá.

Poucos minutos depois, Espinosa tocava a campainha. Encontrou Irene com o caderno de telefones na mão e o celular na outra, andando de um lado para o outro na sala.

— Nós duas saímos juntas de casa no sábado de manhã: eu fui para o seu apartamento e ela foi se encontrar com amigos na praia. Ela conhece pouco o Rio, mas é uma pessoa orientada e conhece a seqüência de praias da Zona Sul, além, evidentemente, de saber que essa praia aqui ao lado é a de Ipanema, onde ela marcou de se encontrar com os amigos. Saímos daqui antes do meio-dia e, segundo o porteiro, ela não tinha voltado até as oito da noite, quando o turno dele se encerrou. E até agora ela não voltou. Dois dias...

— Será que ela não voltou para São Paulo? Alguma emergência...

— Não. As coisas dela estão todas aqui.

— Você sabe o nome dos amigos com quem ela ia sair? Tem o telefone de algum deles?

— Como eram pessoas daqui do Rio, que ela havia conhecido em São Paulo, não me preocupei em anotar nada. Sei que moram em Ipanema, por isso marcaram de se encontrar aqui mesmo na praia de Ipanema, num ponto em frente à minha rua. Sei também que eram um casal e um amigo. Já liguei para o celular dela, mas está desligado. Não há nenhum sinal de ela ter voltado aqui pra casa.

— Será que ela não viajou com os amigos para alguma cidade próxima?

— Apenas com a roupa do corpo? Quer dizer, apenas com o biquíni e a saída de praia? Sem deixar um bilhete, um recado na secretária eletrônica? Não. Certamente não.

4

Depois de vários telefonemas para o Rio e para São Paulo, Irene conseguiu localizar o casal com quem Vânia teria saído na véspera.

— Não saímos — disse a amiga. — Ficamos de nos encontrar na calçada da praia de Ipanema em frente à sua rua, mas quando chegamos lá Vânia não estava. Tínhamos combinado caminhar um pouco pela praia, ela não conhecia Ipanema, depois iríamos almoçar, mesmo com roupa de praia, na varanda de algum restaurante simpático do bairro. Como ela não estava no lugar marcado, imaginamos que o Marcos, nosso amigo, tivesse chegado antes e que os dois tinham resolvido sair sozinhos. Mesmo assim, procuramos por eles no calçadão e na areia, nas duas direções da praia. Ligamos para o celular da Vânia, mas ele estava desligado. Fomos até o seu prédio e perguntamos ao porteiro se ela estava no apartamento. Ele respondeu que ela tinha saído com você. Pedimos que ele verificasse, ela poderia ter voltado para pegar alguma coisa. Ele interfonou, mas ninguém atendeu. Voltamos para a praia e ficamos no lugar combinado durante mais uma hora. Ela não apareceu. E no resto do dia o celular continuou desligado. Os telefones do Marcos também não respondem. E agora você me diz que ela não dormiu em casa nem deixou recado...

— Ela não falou se ia passar em algum lugar antes de se encontrar com vocês?

— Não. Disse que, no máximo, se chegasse muito antes da hora, caminharia um pouco pelo calçadão, para não ficar parada. Disse também que levaria um chapéu de pano para se proteger do sol. Quem sabe ela e o Marcos não resolveram passar o fim de semana juntos... sozinhos?

— Sem nos avisar?

— Pode ter sido alguma paixão instantânea. O Marcos também não voltou para casa. Certamente estão juntos. O que posso dizer para tranquilizar você é que o Marcos é nosso amigo de longa data, é um advogado bastante conhecido no Rio, Vânia estaria em segurança na companhia dele. Você acha que pode ter acontecido alguma outra coisa?

— Não faço idéia, mas assim que tiver alguma notícia ligo para você.

Espinosa, que ouvia a conversa, pediu que a amiga fornecesse uma descrição de Marcos: idade, altura, tipo físico etc. Pelo que Irene contara, Vânia era não apenas inteligente como também muito esperta, viajara por boa parte do mundo e sabia se movimentar em grandes cidades; não iria se perder no percurso de duas quadras do prédio até a praia, muito menos ao longo do mar.

— Domingo à noite, as pessoas costumam estar em casa — disse Espinosa. — Tente entrar em contato com as amigas e colegas de trabalho com quem Vânia poderia ter conversado sobre a semana que passaria no Rio. Pergunte por lugares e pessoas que ela tenha mencionado. Ela faz uso de droga?

— Que eu saiba, não. Ela só gosta de cerveja, vinho e destilados, mas nunca a vi se embriagar.

— Conte mais sobre ela. É uma pessoa fria ou apaixonada?

— É uma pessoa apaixonada por tudo o que faz, mas é capaz de se manter fria numa negociação, por exemplo.

— Seria capaz de se apaixonar à primeira vista por alguém e engrenar um programa do tipo passeio de lancha pela baía de Guanabara? Almoço num restaurante pitoresco em Sepetiba ou coisa do gênero?

— Ela é capaz de se interessar por alguém à primeira vista, mas isso não significa que fosse se meter em programas que pudessem ameaçá-la.

— Vou para a delegacia dar uns telefonemas e tomar umas providências. Qualquer notícia que você tiver ou qualquer coisa de

que se lembrar, mesmo que pareça insignificante, ligue para lá ou para o meu celular.

Da 12^a DP, Espinosa entrou em contato com as delegacias da Zona Sul, Barra da Tijuca e Zona Oeste, fornecendo a descrição de Vânia e de Marcos e pedindo que lhe comunicassem imediatamente sobre todo registro que pudesse ter alguma ligação com eles. A polícia não dava muita importância a desaparecimentos de adultos antes de decorrido determinado tempo, sobretudo em se tratando de mulher jovem, bonita e acompanhada, num sábado de sol em Ipanema. Mas o fim de semana tinha terminado e ela não voltara para casa. Depois do alerta para as delegacias, Espinosa ligou para a emergência dos principais hospitais. Nenhuma entrada de paciente correspondia à descrição fornecida. Por último, ligou para a central da PM e passou a descrição de Vânia. Eram dez e meia da noite. Ficou ainda mais uma hora à espera de algum retorno. Quando faltavam cinco minutos para a meia-noite, voltou ao apartamento de Irene. Vânia estava desaparecida havia trinta e seis horas. Irene o esperava na porta do elevador. Estava com a mesma roupa que vestia quando Espinosa a deixara em casa.

— Não há nenhuma ocorrência envolvendo uma mulher com as características de Vânia em nenhuma delegacia. A mesma coisa na emergência dos hospitais. Se ela tivesse sofrido algum acidente grave na rua, teria sido atendida pela ambulância do corpo de bombeiros e transportada para a emergência de algum hospital público. As viaturas da PM estão de sobreaviso para o caso de encontrarem uma mulher com as características de sua amiga. Meia-noite e dez. Dei ordem para me ligarem a qualquer hora caso tenham alguma notícia, por mais imprecisa que seja. Agora só nos resta esperar por alguma comunicação — dela ou de alguém com quem ela esteja.

— Você está pensando em seqüestro?

— Não acredito. Vânia não é conhecida, não é de família rica, não estava de carro, e da maneira como estava vestida não ostentava sinais de riqueza. Também não foi seqüestro-relâmpago. Já se passou muito tempo.

— E rapto? Pode ser?

— Como iriam raptar uma mulher como a Vânia em pleno meio-dia em Ipanema, sem ninguém ver e sem ela esboçar reação? Só se for um rapto consensual. Mas acho que já se foi o tempo... A quem ela estaria enganando? Se consentisse, bastava ir. Não precisava ser raptada.

— Isso certamente não aconteceu.

— Isso o quê?

— Isso... Essa história de rapto consensual... Parece termo de advogado...

— E é mesmo. É uma figura jurídica. Mas não se aplica a uma mulher com mais de vinte e um anos.

— Espinosa, deixe de ser irônico num momento tão sério...

— Não estou sendo. Estou apenas respondendo à sua pergunta. E quem levantou a hipótese de rapto foi você, não eu. Sei que a situação é preocupante e sei que você está tensa, mas meu interesse no momento é encontrar Vânia, e não fazer ironias... Até porque não gosto de ironia; prefiro humor.

— Desculpe.

— Não há nada a fazer nas próximas horas a não ser esperar. Dei o número do meu telefone celular para contato. Por que você não tenta dormir um pouco enquanto eu fico aqui na sala sentado nesta poltrona superconfortável?

— Eu fico com você, esperando.

— Meu bem, eu estou acostumado com isso. Consigo descansar e ficar atento ao mesmo tempo. Faço isso desde que entrei para a polícia. Prometo que se telefonarem eu acordo você.

— Ela pode ter sido seqüestrada para... ser usada sexualmente.

— Não acredito que alguém ainda precise seqüestrar uma mulher para uso sexual, como você diz.

— Não é impossível.

— Não é impossível, mas é altamente improvável, muito menos provável do que um seqüestro visando resgate.

— E, mesmo nesse caso, não poderiam abusar dela sexualmente?

— Não é comum acontecer.

— Mas pode acontecer?

— Irene, quanto mais avançamos madrugada adentro e mais cansados ficamos, mais terríveis vão se tornando as suposições. Vamos torcer para ela estar passando um agradável fim de semana com seu amigo Marcos.

— Está bem. Vou tentar dormir um pouco. Você me chama...

— Chamo.

A sala do apartamento de Irene era confortável, mobiliada com bom gosto, com uma ampla janela dando para a rua e, graças ao ar-condicionado central, silenciosa. De onde estava sentado, a única vista que Espinosa tinha era a do prédio do outro lado da rua. Caso tivesse vontade de ir até a janela e se debruçar, olhando em direção à praia, veria uma diminuta faixa de mar no final do corredor formado pelos prédios. Gostava mais da vista que tinha do seu apartamento no Bairro Peixoto, tanto a da praça quanto a dos morros em volta. Inúmeras vezes pensara em como seria se Irene e ele viessem a morar juntos. Em qual dos apartamentos morariam? Não pensava em abrir mão da charmosa informalidade do apartamento do Bairro Peixoto. Reconhecia, porém que o apartamento de Irene era mais novo e mais bem localizado. Certamente mais valorizado também. Mas, apesar do apuro estético da decoração da sala (ou talvez por causa dele), Espinosa não se sentia à vontade naquele ambiente. Era arrumado demais, dando impressão de que cada coisa ali ocupava o seu lugar natural e que qualquer alteração da ordem estabelecida quebraria o equilíbrio perfeito de um pequeno cosmo privado. Mas naquele instante, sentado na poltrona de couro com descanso para as pernas e apenas com a luz fraca de um pequeno abajur quebrando o escuro da sala, a sensação era de repouso e silêncio. Não estava nem cansado nem com sono. Verificou a carga do celular e se o telefone fixo, também ao alcance da mão, estava dando sinal. Recostou a cabeça na

poltrona, esticou as pernas e deixou idéias e imagens aflorarem. As primeiras imagens foram as de Irene e Vânia na sexta-feira à noite: o encontro, o percurso até o restaurante, o jantar. E duas perguntas: quem é Vânia? Onde ela está?

Vânia fora mencionada algumas vezes nas conversas com Irene durante o fim de semana. E, baseado em alguns fragmentos da conversa, Espinosa conseguiu compor uma imagem que respondia de forma aproximada à pergunta de quem era Vânia: trinta e cinco anos, filha de imigrantes alemães, nascera na serra gaúcha, onde passara a infância e a adolescência. Estudara arquitetura em Porto Alegre, fizera pós-graduação em Buenos Aires e Nova York, com breves temporadas estagiando e trabalhando na França e na Itália. Conhecera Irene em Nova York: ela fazendo o doutorado e Irene um curso no MOMA. Voltaram a se encontrar em São Paulo e se tornaram amigas. Trabalhava num grande escritório de arquitetura, era uma profissional respeitada por seus pares e financeiramente independente. Casara com um colega de faculdade logo após a formatura e menos de um ano depois estava divorciada. Desde então, mantinha relacionamentos amorosos superficiais e pouco duráveis. Morava sozinha em São Paulo.

Não era um retrato de corpo inteiro, mas o suficiente para se ter uma boa idéia do potencial da moça.

A noite prometia ser longa e Espinosa continuava desperto. Deixou que suas impressões subjetivas acrescentassem ao retrato fornecido por Irene um pouco mais de cor e de forma. Acreditava de verdade que Vânia não estivesse tendo um caso com Irene (na medida em que a palavra “caso” implica um relacionamento minimamente estável), mas acreditava também na possibilidade de encontros sexuais esporádicos entre as duas. Eram mulheres bonitas e sedutoras, e ele achava que no momento as duas se dedicavam a viver essa sedução entre elas próprias. Achava também que ingredientes como beleza e sedução, quando transpostos para o plano profissional, quase sempre faziam de mulheres como elas profissionais fortemente competitivas e quase sempre bem-sucedidas. Espinosa imaginava Vânia dotada de uma inteligência superior, capaz

de decisões ousadas, e como uma pessoa que não atribui maior importância a normas morais de conduta, embora pudesse ser uma pessoa ética. A essa avaliação acrescentaria ainda a impressão de que Vânia era uma pessoa romântica. Pensou se Vânia seria realmente assim ou se isso era o que ele desejava que ela fosse.

Levantou-se e foi até a cozinha pegar água. O ar-condicionado ressecava sua garganta e trazia de volta o pigarro do tempo em que fumava. Nem Irene nem Vânia fumavam, pensou. Tampouco se drogavam. Irene dissera que Vânia bebia moderadamente e que estava longe de ser considerada uma alcoólatra capaz de perder a consciência e ser levada a um lugar qualquer. Além do mais, se ela estivesse envolvida em alguma ocorrência policial ou hospitalar, ele já teria sido informado, mesmo que ela estivesse amnésica ou inconsciente. Sobravam, portanto: seqüestro ou afastamento voluntário. Não acreditava em seqüestro.

Passou pelo quarto de Irene e olhou-a da porta. Ela se mexia na cama, dormindo. Espinosa voltou para a poltrona, reclinou a cabeça e fechou os olhos, ainda pensando no desaparecimento de Vânia. Estava semi-adormecido quando ouviu um ruído no corredor do apartamento. Podia ser Irene se levantando, como também um dos muitos barulhos domésticos que quando estamos em nossa própria casa nem levamos em conta. Em seguida sentiu um toque suave no ombro. Virou-se para segurar a mão de Irene.

— Vânia!

— Espinosa! O que...

— Vânia, você está bem? — Ao mesmo tempo que perguntava, olhava para ela de cima a baixo, à procura de algum ferimento ou curativo. — O que aconteceu com você?

— Nada. Pelo menos nada de mal. Eu estava num veleiro... Chegamos agora à noite...

— Você estava desde o meio-dia de ontem num veleiro... no mar?

— Estava. Fomos quase até Angra dos Reis.

— Vamos acordar Irene... Ela vai ficar feliz de te ver...

— Aconteceu alguma coisa aqui? Você estava dormindo na sala.

— Não. Aqui não aconteceu nada.

Vânia ainda estava de maiô, sandália havaiana e uma camisa de homem, obviamente emprestada. Trazia na mão o chapéu branco de pano. Foram até o quarto. Espinosa tocou de leve no braço de Irene, chamando-a pelo nome, antes de acender a luz do abajur na mesinha-de-cabeceira.

Irene deu um pulo na cama.

— Que foi? Acharam? — Nisso viu a amiga surgir por trás de Espinosa.

— Vânia! — gritou, e levantou-se da cama, abraçando e beijando a amiga.

Irene chorava e ria ao mesmo tempo, e Vânia, ainda abraçada a Irene e amparando-a, pronunciava as palavras “barco”, “mar”, “Angra”, esperando que elas, apenas, explicassem o que acontecera.

Espinosa deixou as duas abraçadas, fechou a porta do apartamento sem fazer barulho e saiu pela rua à procura de um táxi.

5

Hugo Breno considerava sua condição de funcionário da Caixa Econômica Federal bastante confortável, principalmente para alguém que vivia sozinho, morava em apartamento próprio e levava uma vida que qualificava como quase monástica. O “quase” ficava por conta das putas que ele procurava para atender a suas exigências biológicas, exigências que ele se esforçava para tornar menos intensas por meio da prática diária de ginástica. Procurava manter um preparo físico equivalente ao do integrante de alguma força militar especial pronta para entrar em ação em território inimigo. Claro, não fazia treinamento na selva nem saltava de pára-quedas; considerava seu teatro de operações algo exclusivamente urbano. O horário de trabalho na Caixa Econômica facilitava o treinamento. Podia dispor das primeiras horas da manhã e das últimas horas da tarde. Todas as manhãs, qualquer que fosse o tempo, corria a praia de Copacabana inteira, ida e volta pela areia, depois nadava duzentos metros, qualquer que fosse a condição do mar. Em casa, fazia flexões e abdominais e trabalhava os bíceps na barra instalada no vão da porta do quarto. Não fumava e não bebia. Era capaz de suportar longos períodos de privação. Contudo, nunca precisara testar seu preparo físico em condições além das que se apresentavam em seu cotidiano. Das dez da manhã às cinco da tarde era bancário. Cumpria com eficiência suas funções, não faltava nem chegava atrasado, pouco falava com os colegas de trabalho e nunca se exasperava com as reclamações de clientes. A ameaça maior era o tédio. Mas julgava-se compensado pela realidade paralela que o esperava depois do expediente, até as dez da manhã seguinte.

A idéia de se submeter a um concurso para a Caixa Econômica surgira quando soubera que Espinosa havia prestado concurso (e entrara) para a polícia. Os motivos eram sem dúvida diferentes.

Espinosa fora movido pelo desejo de se casar, ao passo que ele procurava um emprego público como garantia de um cotidiano sem sobressaltos financeiros e sem um patrão capaz de despedi-lo por simples capricho. Seu patrão era anônimo e impessoal, não precisavam se conhecer. Quanto a casar, não constava de seus planos. Não era nem sequer uma vaga idéia. Lamentava profundamente que Espinosa a tivesse levado a cabo, erro que levaria dez anos para perceber. Hugo Breno se perguntava por que e para que as pessoas precisam tornar a vida complicada. As mulheres complicam a vida dos homens, assim como certamente os homens complicam a vida das mulheres. Então por que inventar essa história de união matrimonial? Não basta treparem e cada qual ir para o seu canto? O que o casamento acrescenta à trepada? Certamente não acrescenta nada, só tira. E a primeira coisa que o casamento tira é a alegria. Espinosa era a prova cabal disso: um homem triste, envelhecido pela memória, cansado. Mais uns anos e não conseguiria subir os dois ou três lances da escada de seu prédio sem chegar à porta do apartamento ofegante e com taquicardia. Agora, passada mais uma década, Espinosa tentava retomar o caminho primitivo, como se isso fosse possível. Uma vez escolhido um dos caminhos de uma bifurcação (que além de física é também temporal), é impossível voltar e percorrer o outro caminho. Uma vez casado, não há como deixar de sê-lo. No máximo, o cara pode se tornar descasado. Apenas acrescenta um “des” ao “casado”, isto é, acrescenta filhos, lembranças, culpas, ressentimentos...

Verdade que Espinosa mantinha a dignidade e a elegância de sempre. Era como um traço de nascença, uma marca pessoal acrescida de experiência. Por isso mesmo, apesar do erro do casamento e da nova tentativa com a namorada, Hugo continuava tomando Espinosa como modelo. Mesmo que o modelo tivesse se degradado, perdido a melhor forma, ainda permanecia um referencial. Não deixaria de admirá-lo pelo fato de ter se modificado. A diferença de idade entre eles, mesmo que pequena, fazia de Espinosa o modelo que ele mirava desde menino. Espinosa continuava sendo o irmão mais velho.

Hugo não gostava dos fins de semana. Não os achava insuportáveis, considerava até que apresentavam algumas vantagens sobre os dias de semana (não ter trabalho era uma delas), mas havia algo que o desagradava. Mais nos domingos do que nos sábados. Os sábados não o descontentavam tanto, eram uma espécie de dia de semana com folga do trabalho. Pelo menos para ele. Já os domingos pareciam dias falsos ou dias falhos, em que a disponibilidade era plena e as possibilidades, nulas. O comércio fechado esvaziava as ruas. A impressão era de abandono. Tudo soava artificial, até o descanso.

Aos domingos, saía para correr no calçadão da avenida Atlântica logo que o dia clareava. Era o tempo exato de fazer o percurso de ida e volta, e os banhistas começavam a chegar e a ocupar todos os espaços. Impossível correr no calçadão depois das oito. Nadar não era problema. A maioria dos banhistas não se aventurava a ultrapassar a linha da rebentação, e ele costumava nadar além dela, paralelamente à praia.

Acabara de correr e de nadar e voltava para casa. Não se sentia atraído pela massa compacta que ocupava toda a faixa de areia da praia, formando um aglomerado estacionário de pessoas lânguidas, desnudas e suarentas com areia grudada no corpo. Achava repelente. Não era o mesmo tipo de multidão que circulava em bloco pelas calçadas, em permanente movimento, vestida, limpa. Da praia até seu prédio, subindo pela Siqueira Campos, era uma linha reta. Podia também ir pela Figueiredo Magalhães, uma paralela, e passar pelo Bairro Peixoto para dar uma olhada no prédio de Espinosa. Depois era só pegar a pequena transversal para a Siqueira Campos. Não esperava ver Espinosa na janela acenando. Ele não era nenhum papa. Mas bastaria a Hugo ver a janela aberta, sinal de que estava em casa, provavelmente lendo os jornais, como fazia nos fins de semana.

Foi uma confirmação e uma recompensa. A janela estava aberta, Espinosa estava em casa. Não dava para ver se ele lia os jornais. Por melhor que se posicionasse na praça, aquele ângulo de visão permitia captar apenas parte da sala, a parede dos fundos com os livros, a cúpula de um abajur de pé, alguns quadros ou fotos e um lustre de

teto que parecia de opalina (outro ponto em comum: ele também tinha uma luminária de opalina no quarto). Mas naquela manhã, depois de passar alguns minutos observando as duas janelas da sala, ele viu, além da cabeça de Espinosa... a de Irene, a namorada. Não era comum ela ficar de sábado para domingo. Devia ter sido um fim de semana especial.

Espinosa dormira tarde na véspera e acordara cedo na segunda-feira. Apesar do desaparecimento de Vânia ter tido um epílogo favorável, ele suspeitava que as conseqüências daquele fim de semana não seriam igualmente favoráveis. Pelo menos para ele. Suspendeu o alerta que dera às delegacias e às patrulhas da PM e voltou a se concentrar na investigação da morte de d. Laureta.

A única coisa que o impedia de considerar aquela morte como acidente era a visita feita pela senhora à delegacia com a intenção inequívoca de falar com o delegado. Não com ele, Espinosa. Ela não o conhecia. Queria falar com o delegado, quem quer que fosse ele. Ninguém faria uma exigência tão específica apenas para denunciar o desaparecimento do gato. Algo ameaçava não o gato, que d. Laureta nem possuía, mas ela própria. O fato de preferir voltar mais tarde em vez de conversar naquele instante com o detetive Welber mostrava que não havia urgência no comunicado que ela queria fazer. Em suma, tratava-se de assunto importante o suficiente para só poder ser tratado com o delegado, mas não de assunto urgente, portador de alguma ameaça imediata. Outra coisa que na opinião de Espinosa afastava provisoriamente a hipótese de acidente era o fato de algumas pessoas terem dito que ela parecia ter sido empurrada da beira da calçada para a rua, embora nenhuma das pessoas que ali estavam tivesse presenciado o suposto empurrão. Também ocorria a Espinosa a possibilidade de ela ter tropeçado ou escorregado. Nem assassinato nem suicídio, portanto. Acidente. Mas não era uma hipótese muito plausível. A calçada não estava molhada, e nenhuma pessoa em volta detectara a presença de algo que pudesse ter feito a pensionista escorregar. Além do mais, quando uma pessoa escorrega ela geralmente cai sentada, não é impelida para a frente. Mas, apesar de

pouco plausível, o escorregão não era menos provável que a hipótese de ela ter sido empurrada para debaixo das rodas do ônibus.

Eram quatro da tarde de um dia quente e burocrático, o tipo de dia que provocava em Espinosa fantasias de abandono do navio. Ele sonhava com a criação do cargo de delegado administrativo, deixando ao delegado não administrativo (teria de inventar um nome para ele) a função policial propriamente dita: pensar. Claro que não seria um pensar especulativo, um tipo de platonismo policial, mas um pensamento essencialmente investigativo e voltado para a solução do crime e a prisão do criminoso. O sonho do policial-filósofo foi interrompido pela chegada de Welber, e pelo modo de ele se aproximar, batendo com a ponta do dedo na divisória de vidro, Espinosa sabia que ele vinha com alguma notícia boa.

— Delegado, estou vindo do INES.

Espinosa franziu a testa e fez um gesto interrogativo com as mãos.

— Instituto Nacional de Educação de Surdos — esclareceu Welber. — Levei para eles o vídeo do diálogo da pensionista com o caixa. Só foi possível fazer uma leitura labial de fragmentos da fala inicial, mas o pessoal do INES concorda que a conversa entre os dois contém muito mais coisa do que o caixa relatou. Há uma parte do diálogo, prejudicada pelo vidro e pela grade do guichê e também pela posição deles, na qual fica claríssimo que a duração da conversa é bem maior do que a troca inicial de palavras. Realmente os dois conversaram bem mais do que consta do depoimento do caixa.

— Você já o confrontou com isso?

— Ainda não. Quero examinar as fitas dos meses anteriores para ver se encontro mais alguma coisa. É uma tarefa cansativa e monótona. É como se a mesma cena sem som se repetisse centenas de vezes. A imagem é imprecisa, parece fora de foco, e o movimento das pessoas dá a impressão de não ser contínuo. Isso quase inviabiliza por completo a tentativa de leitura labial.

— O que você conseguiu saber sobre ele, o caixa?

— Chama-se Hugo Breno, é um funcionário eficiente, não falta, não chega atrasado, nunca criou problema com clientes ou com

colegas de trabalho. Ninguém sabe muito da sua vida particular, a não ser que é solteiro e que mora há mais de trinta anos no mesmo endereço.

— Qual é o endereço?

— Na Siqueira Campos, perto da estação do metrô, a poucas quadras da agência onde trabalha.

— E perto de onde morava dona Laureta. — acrescentou Espinosa.

— E perto também de onde o senhor mora.

— Perto da delegacia.

— Pura coincidência — disse Welber, sorrindo.

— Morte na vizinhança — disse Espinosa, sem sorrir. — Amanhã de manhã vou dar uma passada na agência da Caixa Econômica. Quero ver como é esse homem.

Era o primeiro dia do outono. Não que no Rio de Janeiro isso significasse uma mudança expressiva e instantânea do clima, mas, em homenagem ao calendário, o tempo efetivamente mudara durante a noite. O dia amanheceu cinzento, chuvoso, e a temperatura caíra alguns bons graus, o suficiente para que Espinosa pudesse ir caminhando até a agência da Caixa Econômica, distante um quilômetro, sem transpirar. Achava curioso todas as pessoas implicadas no caso morarem dentro de um círculo com um quilômetro de diâmetro, cujo centro era a 12^a DP. Até Welber, que estava investigando o caso e que sempre morara na Tijuca, acabara de se mudar para Copacabana, para dentro da área circunscrita. Essa coincidência não era, para Espinosa, indício de nenhum mistério significativo, mas algo que apenas o punha atento às possíveis relações entre essas pessoas. O delegado não acreditava muito em coincidências, sobretudo quando elas resultavam em mortes.

Eram dez e quinze quando entrou no banco. Mesmo de longe, localizou facilmente Hugo Breno em um dos guichês. As indicações de Welber tinham sido precisas. Pegou uma senha logo na entrada e com os olhos buscou um lugar para se sentar a uma distância

confortável do caixa, de onde pudesse observá-lo como qualquer outro dos clientes sentados naquela sala. Havia poucos lugares disponíveis e todos eram muito afastados do guichê. Com a senha na mão, Espinosa continuou procurando um lugar enquanto acompanhava as mudanças do painel luminoso e observava Hugo Breno atrás do guichê. Sua fisionomia não lhe era estranha, tinha a impressão de que o conhecia, apesar de não saber de onde. O próprio nome “Hugo Breno” não lhe era estranho.

O caixa acabara de fazer um atendimento e já tinha acionado o dispositivo que exibia no painel eletrônico o número da próxima senha quando viu Espinosa se dirigindo a uma cadeira que acabava de vagar. O impacto foi semelhante ao que sofrera aos onze anos, ao ver Espinosa pela primeira vez. Naquela época, a praça do Bairro Peixoto ainda não tinha sido urbanizada. Não havia nela o pesado chafariz, cercas e todos aqueles aparatos pré-fabricados para as crianças brincarem. Naquele tempo as brincadeiras prescindiam da intervenção dos profissionais da infância e a praça era um generoso espaço livre. Os bancos de ripas de madeira e com encosto foram a aquisição mais simpática e confortável. O chão de terra batida onde os meninos do bairro jogavam futebol fora preservado. Fora no meio de uma partida, durante as férias de verão, que ele vira pela primeira vez o menino que os outros chamavam de Espinosa. Pensou que fosse um apelido, nunca tinha conhecido ninguém com aquele nome. Espinosa era só um pouco maior do que Hugo, mas parecia bem maior, mais forte e mais bonito. Era bem-feito de corpo, tinha os músculos dos braços e das pernas definidos, apesar da pouca idade, e movia o corpo com elegância, além de ser bom de bola. Não era de muita conversa. Não era amigo de todo mundo, embora todos procurassem ser amigos dele. Nada fazia para ser simpático, conquanto o fosse naturalmente. Daquele momento em diante, Espinosa passou a ser o seu ídolo. Fazia tudo para estar onde Espinosa estivesse. Tentava participar dos mesmos jogos que ele, pouco importando se no mesmo time ou no time adversário. Procurou saber onde morava, se tinha irmãos ou irmãs, em qual colégio estudava, tudo que dissesse respeito a ele. Mas havia uma

coisa que desejava fazer mais do que todas as outras. Era pertencer ao mesmo grupo de Espinosa, que andava de bicicleta pelo bairro e que fazia incursões por ruas e ladeiras da vizinhança, o que lhe era negado devido à idade. Hugo ainda era pequeno para participar de aventuras tão ousadas. Lembrava-se perfeitamente da bicicleta inglesa com a qual Espinosa liderava seu reduzido grupo de amigos ciclistas. Talvez liderar não fosse o termo. Espinosa apenas fazia parte do grupo, não tinha sido nomeado líder, mas indiscutivelmente sua bicicleta inglesa e o modo como ele se relacionava com os amigos o distinguiam como tal. E era ele, Espinosa, que naquele momento acabara de entrar no saguão de atendimento da Caixa Econômica. Hugo Breno percebeu que Espinosa procurava um lugar para se sentar. Havia uma cadeira disponível na primeira fileira, bem defronte ao guichê, mas ele preferiu outra mais afastada. Tinha absoluta certeza de que o delegado estava ali por sua causa. Primeiro tinham vindo os dois auxiliares, agora vinha o próprio. Estava em dúvida se esperava o delegado se manifestar ou se tomava a iniciativa de ir até ele.

Espinosa achou que também estava sendo observado pelo caixa e sentiu um certo incômodo. Hugo não o observava de maneira acintosa, mas discretamente, tal como ele próprio vinha fazendo. Pensou que o caixa talvez soubesse que ele era o delegado titular da delegacia do bairro. Espinosa era mais ou menos conhecido. Sua fotografia já saíra publicada no jornal e ele já fora entrevistado na televisão, portanto era natural que olhassem para ele. Mas não, não era isso. Ele se sentia observado do mesmo modo como observava o homem. Mais ainda. A cada momento que passava, aumentava a certeza de conhecê-lo. Não um conhecimento ocasional, de vê-lo passar na rua, mas um conhecimento ligado a alguma história que não conseguia recordar.

Ao mesmo tempo que atendia mecanicamente o senhor idoso que lhe apresentava duas ou três carteiras para retirar seu benefício, Hugo Breno acompanhava cada olhar de Espinosa, cada movimento de seu corpo, como querendo adivinhar-lhe os pensamentos. Num determinado momento, teve a impressão de que o delegado ia se

levantar. Poderia ser para vir até o guichê ou para ir embora. E sentiu que não podia perder a oportunidade daquela que seria a única vez em que o gesto de um encontro entre eles partiria de Espinosa, e não das tímidas tentativas dele próprio. Pensou em fechar o guichê, numa exibição clara de que estava disponível. Assim que terminou de atender o pensionista, desligou a luz do guichê e voltou-se para Espinosa, mas ele acabara de se levantar e estava indo embora sem olhar para trás.

6

Era meio-dia de terça-feira. Espinosa e Irene ainda não tinham se falado desde o reaparecimento de Vânia, no domingo à noite. A telefonista passou a ligação para o gabinete do delegado.

— Espinosa, o que está acontecendo?

— Bem, de ontem para hoje, aqui na vizinhança, um adolescente matou a avó a facadas, um homem foi encontrado morto dentro do porta-malas de um carro, um assaltante deixou cair a arma ao assaltar um idoso, um transeunte pegou a arma e deu dois tiros no assaltante...

— Merda! Não estou perguntando por esse tipo de acontecimento.

— Você ligou para uma delegacia de polícia perguntando o que está acontecendo.

— Espinosa, falo com você logo mais à noite. Sinto que agora não há clima nem para dizer bom-dia.

— Que, aliás, você não disse.

— Bom dia. E até logo mais — disse ela, e desligou.

Passado menos de um minuto, novo telefonema.

— Desculpe, fui ríspida.

— Tudo bem. Eu também não fui acolhedor.

— Podemos almoçar juntos? Pode ser na *trattoria* de que você gosta.

Propor a *trattoria* era uma evidente declaração de paz. Menos ligada à tradição, Irene sempre preferia os restaurantes de Ipanema aos de Copacabana, de modo que Espinosa aceitou de bom grado a proposta de conciliação. Saiu em seguida e conseguiu chegar ao restaurante italiano ainda a tempo de pegar uma mesa junto à janela. Não pela vista — havia cortinas nas janelas —, mas por serem as

mesas mais protegidas. Antes de Irene chegar, todas as outras já estavam ocupadas. Os freqüentadores habituais do almoço eram comerciantes, bancários, profissionais liberais e moradores das redondezas que preferiam comer fora. A comida era a de uma típica *trattoria* italiana, e a presença do patrão garantia a qualidade do atendimento.

Irene chegou vestida com simplicidade elegante, mas mesmo assim foi notada por todo o restaurante. Espinosa se levantou para recebê-la e ajudou-a com a pasta e a bolsa que trazia nas mãos.

— Daqui do restaurante vou direto para o trabalho — disse ela, sorrindo e como que se desculpando.

Ficaram se olhando, mãos dadas em cima da mesa, claramente felizes por estar em companhia um do outro, apesar do telefonema de meia hora antes.

— Então, querido, com quem você ficou aborrecido? Comigo ou com a minha amiga?

— Não fiquei aborrecido com você. Apenas não telefonei ontem. Quanto a Vânia, não gostei do que ela fez.

— Não gostou de ela ter ido passear de barco?

— Ela não foi passear de barco. Ela saiu ao meio-dia de sábado e voltou à meia-noite de domingo sem dizer nada, sem deixar um bilhete com o porteiro, sem dar um telefonema. Não acredito que, mesmo num veleiro inventado, capaz de ir do Rio a Angra e voltar nesse espaço de tempo, não houvesse um celular, ou que o próprio barco não dispusesse de outro meio de comunicação. Não ter nos avisado de nada foi uma forma de nos deixar preocupados e de nos punir por termos passado o fim de semana juntos, sem ela. Resolveu punir você, por não ter ficado com ela; e a mim, por ser o responsável por você não ter ficado com ela; e a nós dois, estragando o nosso fim de semana. Além de vingativa, é irresponsável. Hoje é terça-feira. Ela veio para ficar uma semana. Vamos ver o que ainda vai aprontar até sábado ou domingo. Quanto ao passeio de barco, não faz a menor diferença se aconteceu ou não.

— Você acha mesmo que foi isso?

— Acho. Mas não quero mal a ela. O problema é que fui apanhado desprevenido.

Irene não tentou defender a amiga. Até porque achava que o quadro traçado por Espinosa podia estar correto.

— Está bem — disse ela —, vamos ao nosso almoço.

Recusaram a oferta de vinho, ambos tinham uma tarde de trabalho pela frente, mas não recusaram o risoto de bacalhau desfiado.

Espinosa deixou Irene num táxi e voltou a pé para a delegacia, subindo a rua Hilário de Gouveia. Três temas se alternavam em sua cabeça: Irene/Vânia, d. Laureta, Hugo Breno. O dia começara com sua visita não anunciada à agência da Caixa Econômica, e no guichê estava o homem que conversara com a pensionista no dia em que ela morrera, uma conversa mais longa do que a que descrevera a Welber e Ramiro. A fisionomia daquele homem lembrava a Espinosa alguém que ele sabia ser-lhe próximo, familiar, embora, estranhamente, não pudesse identificá-lo. O nome Hugo Breno também não lhe era de todo desconhecido. Tentou se lembrar de algum antigo colega de trabalho, de alguém que tivesse começado com ele na polícia e depois optado por ser bancário; procurou se lembrar dos colegas do tempo em que trabalhara na 1ª DP, na praça Mauá, mas se deu conta de que não era esse o caminho — aquela vaga lembrança não tinha a ver com a polícia. Pensou então em colegas da faculdade de direito, mas igualmente não se lembrava de ninguém cuja imagem fosse adequada. Hugo Breno morava na rua Siqueira Campos, bem perto do Bairro Peixoto, talvez os dois tivessem se cruzado pelas ruas do bairro inúmeras vezes e a imagem houvesse ficado extraviada em sua memória. Podia ser um vizinho desconhecido. Nada mais que isso. Continuava caminhando e já estava quase chegando à delegacia. Essa proximidade sugeria também, sabe-se lá por quais meandros da mente, que se aproximava do homem. Continuou andando. Passou pela porta da delegacia sem se deter e sem entrar, olhos fixos no calçamento, como um cão que perdeu o rastro do dono. Dois detetives que conversavam na calçada o cumprimentaram e o viram continuar rua acima como se o prédio da delegacia tivesse mudado

de quarteirão. Mas conheciam suficientemente o delegado para não se surpreender com suas excentricidades.

Espinosa caminhava sem um destino consciente, embora percebesse, depois de atravessar o sinal da Siqueira Campos, que estava sendo impelido para o Bairro Peixoto. Minutos depois, atravessava a praça em direção a seu prédio. Mas, em vez de completar o percurso, parou no meio da praça e ficou caminhando meio que em círculos pelo chão de terra batida. Imediatamente lembrou-se da poeira levantada nas partidas de futebol de sua infância e dos gritos dos pequenos jogadores; viu-se limpando o chão de terra com um pedaço de galho para preparar o terreno para o jogo de bola de gude, lembrando-se ainda da combinação prévia de se o jogo seria para valer ou se de brincadeira. As lembranças surgiam espontaneamente, sem nenhum esforço, e entre as muitas fisionomias dos amigos de infância uma foi se destacando e se delineando. Não era um quadro que vinha pronto à mente; ou melhor, o quadro vinha pronto, o que não vinha eram as figuras que compunham a cena. O próprio grupo de amigos surgia como um conjunto de corpos sem fisionomia definida. Tampouco sabia se era o passado que aflorava por meio daquela imagem ou se sua imaginação atual é que preenchia as lacunas da memória, fazendo com que aos poucos cada integrante do grupo adquirisse uma identidade. Uma das primeiras fisionomias a se destacar foi a de um menino... e era ele... Hugo Breno, o homem da Caixa. Não a imagem de agora, mas a de um menino como ele. O caixa quando menino. Tinha corpo e rosto, mas ainda não um nome. Apesar disso, Espinosa não teve dúvida. Lembrou-se de que o menino era um pouco mais novo que ele, talvez um ou dois anos. Era também o menorzinho deles. Daí ser chamado de Huguinho. Não era tão próximo de Espinosa, não eram amigos, mas viam-se com frequência. Fazia sentido. Se ele morava no prédio da Siqueira Campos desde menino, teria uns dez, onze anos na época. Quase quarenta anos antes, um menino de dez anos podia perfeitamente ir sozinho da Siqueira Campos até o Bairro Peixoto, a apenas duas quadras de distância, para brincar na praça. Daí a impressão simultânea de familiaridade e não-intimidade. Por ter

menos idade, o menino fazia parte do grupo dos menores, embora, dependendo do jogo, as turmas se juntassem. Mas havia outra coisa que dizia respeito não propriamente à imagem do menino, e sim ao sentimento ligado à imagem dele. Um sentimento de estranheza. A vaga idéia de alguma coisa que teria acontecido àquele menino ou a alguém ligado a ele. Espinosa não se lembrava (ou não sabia) o que era, mas algo estranho estava associado à sua imagem. Tentou forçar a memória, mas a lembrança se tornava ainda mais nebulosa. Continuou andando devagar pela praça por mais uns quinze minutos, quando então tomou a direção da delegacia. O resto da tarde ficou entregue a lembranças da infância, tentando remover as mais recentes, que encobriam as mais remotas. Não foi bem-sucedido. Pelo menos não naquela tarde.

Terminado o horário de atendimento aos pensionistas e aposentados e concluído o expediente interno, Hugo Breno deixou a agência da Caixa Econômica ainda desapontado com a saída precipitada do delegado Espinosa. Passava um pouco das cinco e o movimento de pessoas na calçada da rua Barata Ribeiro era apenas regular. Em vez de ir para casa, tomou a direção da avenida Copacabana, onde o movimento era bem maior, embora ainda não tivesse atingido o ponto de saturação habitual das seis da tarde. Atravessou a avenida Copacabana e seguiu andando em direção à praia. Não tinha nenhum interesse em ver o mar ou em apreciar o pôr-do-sol. Para ele, a tão incensada beleza do entorno da praia de Copacabana em nada melhoraria seu estado de espírito naquele momento. A natureza mostrava-se inútil para lidar com sentimentos e problemas humanos. Bela ou não bela, igualmente inútil. O único meio no qual o homem pode se sentir bem é no meio humano. O homem só tem o próprio homem como semelhante. Não há semelhança entre homem e natureza. No meio da multidão, o indivíduo humano pode tanto se perder no fundo homogêneo como se diferenciar mantendo-se sujeito. Esse sentimento de pertencer a algo e de conservar a diferença é uma das experiências supremas do homem na multidão. Na natureza, seja ela bela ou feia, agradável ou desagradável, o homem será sempre o diferente. Sempre figura, nunca

fundo. Uma árvore no meio da floresta se perde e se dilui nessa floresta, tornando-se fundo indiferenciado; um homem no meio da floresta nunca será fundo, sempre será figura, diferença irreduzível e aberrante. Daí a natureza não interessar a Hugo. No que dizia respeito às questões humanas, aos sentimentos e às angústias humanas, a natureza era irrelevante. Assim pensava ele enquanto caminhava, fazendo hora até voltar à avenida Copacabana. Lá chegando, deixou-se perder no meio das pessoas durante mais de uma hora. Feito isso, podia se separar delas, refeito, e tomar o caminho de casa.

Era noite quando abriu a porta do apartamento. Nenhuma surpresa. Não havia ninguém à sua espera, assim como não havia nada diferente de quando saía de casa pela manhã. Ninguém entrava no apartamento na sua ausência. Não suportava a idéia de alguém dispendo de liberdade para bisbilhotar cada cômodo, cada armário, cada gaveta enquanto ele estivesse fora, trabalhando. Não que tivesse alguma coisa em especial para ser bisbilhotada, não havia nenhum segredo oculto, nenhum bem escondido. E era precisamente por isso que ele se sentiria invadido. Não pelo que estava oculto, mas por tudo estar à mostra. Era a nudez de sua vida que estaria exposta. Daí a recusa em ter empregada. Não admitia nem sequer uma faxineira diarista. Ele próprio fazia a limpeza do apartamento. Dispunha de máquina de lavar roupa e secadora. Passava ele próprio suas camisas e calças. A comida, com exceção de legumes e verduras, era comprada congelada. Enfim, considerava-se autônomo, independente e quase inteiramente auto-suficiente. O contato físico com o outro, mulher ou homem, o incomodava. Quando tinha alguma afecção no organismo, recorria aos profissionais da saúde. Amigos eram desnecessários.

Assim que entrou, abriu as janelas da frente e dos fundos, como sempre fazia, tirou a roupa, vestiu um short e dedicou-se à série de abdominais, flexões e exercícios na barra. Dispensava acompanhamento musical. Nada que lembrasse academias de ginástica. Depois do banho foi ao supermercado mais próximo comprar o jantar.

Terminada a reunião de final do dia com a equipe, Espinosa chamou Welber e Ramiro a seu gabinete.

— Alguma novidade? — perguntou aos dois.

— Acho que temos alguma coisa, delegado, embora possa tornar o caso ainda mais complicado do que já está — disse Ramiro.

Como inspetor, cabia a Ramiro expor o que ele e o detetive Welber tinham encontrado. Eram os homens de confiança do delegado Espinosa e quase sempre trabalhavam juntos.

— Bom, Welber confirmou com o pessoal do Instituto Nacional de Educação de Surdos que a pensionista e o caixa conversaram bem mais tempo do que consta no depoimento prestado por ele. Esse é o primeiro ponto, e não é novidade para o senhor. O segundo é que essa não foi a primeira vez que eles conversaram. Até onde foi possível voltar o registro das câmeras, eles se falaram uma vez por mês nos últimos três meses. E em cada uma dessas vezes a conversa foi igualmente extensa, ou mais extensa do que o necessário para um pagamento no guichê. Não sabemos se eles vinham se falando anteriormente porque os registros das câmaras ficam guardados apenas por três meses.

— E você, Ramiro, apurou mais alguma coisa?

— Apurei. E é uma novidade... além de estranho. Examinando as cadernetas antigas de endereço e telefone de dona Laureta, descobri o telefone de uma senhora cujo endereço é o mesmo de Hugo Breno. Em uma data que não consegui determinar, o telefone e o endereço foram riscados, como se a pessoa tivesse se mudado... ou morrido. O ano corresponde ao da morte da mãe de Hugo. Ou seja, dona Laureta e a mãe de Hugo Breno se conheciam e se falavam, pelo menos por telefone. Claro que isso pode não ter nada a ver com a nossa história. Elas moravam perto uma da outra, se conheceram na feira, tinham mais ou menos a mesma idade, ambas viúvas, tornaram-se amigas e...

— E?

— Pois é, delegado, é difícil inferir alguma coisa relativa ao possível assassinato de dona Laureta do simples fato de as duas serem amigas — concluiu Ramiro.

— Vejamos — disse Espinosa. — Duas senhoras viúvas e vizinhas se tornam amigas. Uma delas tem um filho de, digamos, quarenta anos que mora com ela e é funcionário da Caixa Econômica. A outra não tem filhos e mora sozinha. A que tem filho morre. Um ano mais tarde, a amiga morre em circunstâncias suspeitas, depois de uma conversa ríspida com o filho da amiga falecida, que é caixa da agência onde ela recebia todos os meses sua pensão. Vocês sabem que eu não acredito muito em coincidências. E aqui temos coincidências demais. Claro que temos uma resposta para elas: não são coincidências. Se a mãe do caixa era amiga da pensionista, o filho devia conhecer a amiga da mãe. Quando, depois da morte da mãe, ele descobre que a amiga recebe sua pensão na mesma agência em que ele é caixa, é natural que troquem algumas palavras. Portanto, nada há de estranho no conjunto dos fatos. Mas acontece que ela morreu horas depois de ter conversado com o caixa e minutos depois de ter procurado a delegacia para falar com o delegado. Tem alguma nota dissonante nesse conjunto. Ou está faltando alguma nota. Descubram o que é.

À noite, em casa, depois de lavar o prato e os talheres de um jantar cujo conteúdo exato não conseguiria mais descrever, Espinosa olhava do pequeno balcão da janela francesa para a praça em frente. Desde os dez anos, quando se mudara com os pais para aquele apartamento, sempre que estava às voltas com algum problema (que não fosse de matemática) se debruçava naquele balcão e deixava o olhar se perder no movimento da praça ou no verde do morro ao longe. Uma das diferenças agora era a posição do corpo. Aos dez anos, apoiava o queixo no braço dobrado sobre a grade, ao passo que agora o torso inteiro ultrapassava a altura da grade. A paisagem também mudara. A praça havia perdido o bambuzal que era como sua marca de origem e adquirira alguns benefícios urbanísticos. Mas a grande mudança fora a do espírito do bairro, que, tal como o da cidade, sofrera uma metamorfose invertida: em lugar de se transformar de lagarta em borboleta, transformara-se de borboleta em lagarta.

A população atual da cidade, e em menor grau a do próprio bairro, vivia sob um toque de recolher determinado pelo tráfico. Mesmo o pacato reduto do Bairro Peixoto não estava livre dos efeitos da proximidade com a ladeira dos Tabajaras, cujas disputas internas pelo controle do tráfico podiam transbordar da favela para a praça do bairro. Esse cenário, mesmo que ainda raro, mas não distante, não era de fácil assunção para um delegado de polícia, especialmente quando tentava sobrepor dois momentos da sua história pessoal e dois momentos da história do seu bairro. Não sabia se o bairro e a cidade recuperariam, algum dia, um pouco da tranqüilidade perdida.

Mas o bairro e a praça ainda eram reconhecíveis pelo adulto Espinosa. A dificuldade que ele vivia era reconhecer em Hugo Breno o menino que jogava bola na praça. Espinosa forçava sua memória visual para muito além do presente que tinha diante dos olhos e tentava visualizar o menino um pouco menor do que ele lutando contra a timidez e procurando se fazer presente e ser convidado a participar das brincadeiras. Lembrava-se de esse menino ser aceito. Lembrava-se de que, apesar de pequeno, ele se esforçava ao máximo para ter um desempenho igual ou superior ao dos maiores. Lembrava-se também de que alguma coisa acontecera a esse menino. Uma coisa ruim.

O telefone devia estar tocando havia algum tempo quando Espinosa despertou de suas reminiscências.

— Espinosa, você estava ocupado?

— Não...

— É Vânia. Desculpe telefonar a essa hora.

— Como a essa hora? São oito e meia da noite apenas.

— Achei que você pudesse estar descansando.

— Estava tentando me lembrar de um fato ocorrido na minha infância.

— E conseguiu?

— Só parcialmente. É um fato marcante, desses que a gente não esquece, mas que o tempo distorce.

— E era ruim?

— Ainda não sei.

— Como assim?

— A parte mais importante está esquecida.

— Ah.

— Posso ajudar em alguma coisa? — perguntou Espinosa.

— Você deve estar me achando tola pelo que fiz no fim de semana.

— Tola, não. Astuciosa.

— Astuciosa?

— É. Astuciosa.

— Espinosa, você é realmente um homem curioso.

— Isso é um elogio?

— Depende do sentido que você dá à palavra astuciosa.

— Astuta.

— Não adiantou muito.

— Ardilosa, travessa, maliciosa, manhosa, enganadora...

— Ah...

— Acha bom ou ruim?

— Pode ser bom ou ruim, depende do sentido que você atribui a esses adjetivos — disse Vânia.

— Eu os considero atraentes — respondeu Espinosa.

— Os adjetivos?

— Quando aplicados a uma mulher como você.

— E você gostaria de verificar se eles realmente se aplicam a mim?

— Adoraria.

— Hoje?

— Agora.

Espinosa mal pôde acreditar quando, meia hora depois, Vânia tocou a campainha e subiu as escadas com o mesmo ímpeto da Irene de alguns anos antes. Essa disposição, no entanto, cedeu lugar ao cuidado quase pudico com que ela o abraçou logo que entrou no apartamento, cuidado que Espinosa notou ao sentir o contato apenas parcial de seus corpos, pelo menos no primeiro instante do encontro. E percebeu também que seu próprio corpo estava tenso, todo ele tenso, mas principalmente as pernas. Aos poucos, porém, a entrega foi se fazendo de parte a parte, até os corpos se colarem por inteiro um ao outro.

Até então, nenhum dos dois dissera nada. Apenas quando insinuaram o gesto de tirar a roupa Vânia olhou em volta, como procurando o caminho do quarto. Somente lá ela começou de fato a tirar a roupa e, mesmo assim, não antes de ver Espinosa desabotoar e despir a camisa.

A entrega dela foi lenta. Esperou primeiro seu corpo ser percorrido pelas mãos e lábios de Espinosa, percurso que começou pelos cabelos, passando pelo rosto e pescoço, descendo por todo o corpo até os pés, sem pular nenhuma saliência ou reentrância anatômica. Só então ela se dedicou a explorar o corpo de Espinosa, atividade que durou um tempo que ele estimou como deliciosamente interminável. A nudez de Vânia era de uma beleza estonteante, mas Espinosa intuiu que, apesar da liberdade com as carícias, devia proceder com cautela, que o equilíbrio do momento era muito mais instável do que seria de se esperar a partir da proposta feita por Vânia.

— Está arrependida de ter vindo? — perguntou.

— Claro que não.

— Preocupada com alguma coisa? Talvez Irene...

— Não. Irene não tem nada a ver com o fato de estarmos aqui agora.

— Então esqueça a pergunta.

— Já esqueci.

Mas não tinha esquecido. Espinosa sentia claramente a divisão entre entrega e resistência, ambas intensas. A experiência intrigante e ambivalente que vivia naquele instante era a de estar na cama com uma deusa nórdica que lhe permitia todo tipo de carícias mas que se recusava, por meio de movimentos do corpo, a ir além. E tudo o que ele desejava naquele instante era ir além, sob pena de enlouquecer. Não enlouqueceu, mas não pôde ir além. Quando não conseguiu mais se conter e Vânia percebeu que começava a ser penetrada, afastou o corpo de Espinosa e levantou-se da cama num impulso. Ao mesmo tempo que se desculpava, vestia a roupa. Em questão de segundos foi-se embora, repetindo baixinho “Desculpe, desculpe, desculpe”...

Meia hora depois da retirada intempestiva de Vânia e ainda com o som da batida das portas do apartamento e da portaria ecoando nos ouvidos, e com o registro de cada centímetro quadrado do corpo de Vânia ocupando sua memória sensorial, e sem entender o que se passara naquela cama, e percebendo-se nu e ridículo, puto da vida, Espinosa entrou debaixo do chuveiro frio, coisa que odiava.

Vestiu-se e foi para a rua.

Nada a fazer no momento. Não havia substituta imediata para uma mulher como Vânia. E mesmo que houvesse, não seria justo nem com a substituta nem com ele próprio. Também não era dado a beber para minimizar frustrações amorosas. Tampouco se entupir de comida. Ler, escrever, trabalhar, nem pensar. Caminhar no calçadão da avenida Atlântica evidentemente não resolveria o problema, mas ajudaria a escoar a tensão. Caminhando, tentaria decifrar o enigma.

O enigma que consistia no fato de uma linda mulher, inteligente e experiente, telefonar para um homem perguntando se ele gostaria de ir para a cama com ela e, ao ver-se nos braços desse homem, proceder como uma adolescente prestes a ser deflorada pelo namorado. Comparado à sexualidade exuberante de Irene, o comportamento sexual de Vânia tinha sido quase pudico, além de assustado, o que não combinava com a imagem que ela passava. O mais paradoxal era a distância entre a proposta e o acontecimento, entre o “Você gostaria de verificar...?” e os “Desculpe... desculpe...”

desculpe”, entre a sedução telefônica e a retirada histérica. Vânia decididamente não era virgem. Mas pelo menos naquela noite tivera um medo-pânico de consumir o ato. Este era o enigma: não era o que ela esperava que acontecesse? Não fora essa a proposta explícita feita por ela? Por mais que caminhasse, Espinosa não era capaz de entender o que se passara naquela cama... nos momentos finais. Talvez ela própria não fosse capaz de oferecer uma resposta. Ou, pior ainda, talvez não houvesse enigma nenhum, ele é que estava inventando um significado oculto onde só havia o manifesto. Vânia se arrependera da proposta feita por telefone. O que ela esperava que não passasse de uma brincadeira de sedução tornara-se um fato concreto e ela batera em retirada. Mas Espinosa estava convencido de que o fato era bem mais complexo do que a interpretação simplista que acabara de inventar. O fato incontestável é que ele nunca chegara tão perto do gozo dos deuses sem para isso precisar morrer.

Continuou caminhando, indiferente ao mar, ao tempo, às pessoas que passavam, e, a partir de um certo momento, indiferente até mesmo ao que ele próprio pensava. Tinha andado ao longo de toda a praia de Copacabana. Cansado, voltou para casa.

Desde que Welber e Selma se mudaram da Tijuca para Copacabana para morar num apartamento alugado na rua Santa Clara, a vida do casal sofrera uma transformação radical. Estavam agora a dois passos da praia, dispunham do variado comércio de Copacabana e haviam passado a ter uma vida mais rica culturalmente. Isso apesar do aperto financeiro resultante do valor do aluguel e do barulho urbano ao qual não estavam acostumados. Mas o que fazia a alegria do detetive era todas as manhãs percorrer a pé o trajeto de casa à delegacia em apenas dez minutos, trajeto que antes de se mudar consumia mais de uma hora e o obrigava a pegar duas conduções.

Na manhã de quarta-feira, uma semana depois da morte de d. Laureta, Welber e Ramiro haviam reunido sinais evidentes não só de uma conexão entre Hugo Breno e d. Laureta como também, ao que tudo indicava, de uma amizade de anos entre a pensionista e a mãe dele. Mesmo considerando esses sinais materialmente pouco consistentes, os dois eram de opinião que eles podiam ser tomados como indício de que os três personagens — dos quais dois haviam morrido — tinham algo que os ligava, e que esse algo não se resumia à vizinhança. O que não fazia sentido era que essa ligação entre duas senhoras e o filho de uma delas pudesse ter resultado em assassinato.

Os dois policiais esperavam o delegado terminar um telefonema que obviamente o estava aborrecendo e ao qual respondia apenas com monossílabos, passando depois para sons inarticulados e ininteligíveis. Por fim, os interlocutores se despediram. Isto é, o outro deve ter se despedido, porque o delegado apenas depositou o fone no aparelho.

Ramiro expôs ao chefe o que achavam sobre os vínculos entre a pensionista, a senhora e o filho.

— Façam então um levantamento da vida funcional de Hugo Breno desde o dia em que ele entrou para a Caixa Econômica. Anotem as irregularidades e verifiquem se há registro de algum transtorno psíquico manifestado por ele desde que está na agência.

— Já fizemos isso, delegado. Não investigando transtorno psíquico, mas o comportamento dele em geral. É um funcionário exemplar. Não falta, não chega atrasado, não adocece, não cria confusão com ninguém e tem um desempenho considerado excelente. O único problema, que não é bem um problema, é que não faz amizade com ninguém nem conversa espontaneamente com ninguém, apesar de responder com educação quando solicitado.

— A outra coisa que eu quero de vocês é que sigam Hugo Breno desde o momento em que ele sair do trabalho, à tarde, até a hora em que for dormir. A mesma coisa pela manhã, até a hora em que for para o trabalho. Um de cada vez, em dias alternados. Se acharem muito cansativo, podemos chamar mais alguém para dividir a tarefa. Por enquanto ficam apenas vocês dois. Quero saber se ele se encontra com alguém, se vai a algum lugar, se frequenta alguma instituição religiosa, esportiva, recreativa. Ele tem que se dar com alguém, amigo, namorada, namorado, guru, o que for. Cuidado para não serem vistos, ele já nos conhece e sabe que estamos de olho nele.

— Vamos precisar de uma bicicleta — disse Ramiro.

— Bicicleta?

— Para as manhãs. Ele sai de casa ao nascer do sol. Corre a praia de Copacabana de ponta a ponta, ida e volta, e depois nada uns duzentos metros. E ainda volta correndo até em casa. Não temos saúde para isso, delegado.

— Tudo bem. Aluguem a bicicleta. Tem uma loja na próxima quadra.

* * *

O esforço de Espinosa para se lembrar do acontecimento da infância ligado a Hugo Breno esbarrava na lembrança do acontecimento da véspera com Vânia. Quanto mais insistia no

primeiro, mais o segundo se insinuava e tomava a cena. Deixou para lá. No meio da tarde, a imagem de Vânia saindo nua do quarto deu lugar a Vânia menina e morta. Claro que não podia ser uma lembrança de Vânia. Não era Vânia que estava caída, morta. Por que menina, e por que morta? Quem era aquela menina? Estava caída em um prédio. Uma menina morta dentro de um prédio. Não dentro de um apartamento, talvez num corredor ou numa escada do prédio. No Bairro Peixoto. Ele também era menino.

Começou a fazer contas de cabeça e chegou a uma data aproximada. Welber ainda não tinha saído para seguir Hugo Breno e atendeu prontamente ao seu chamado.

— Welber, quero que você faça um levantamento nos jornais do Rio de alguma notícia sobre a morte de uma menina de aproximadamente onze anos, ocorrida no Bairro Peixoto. Deve ter sido por volta de mil novecentos e setenta. Não sei a data precisa. Não sei o nome da menina. Sei apenas que devia ter por volta de onze anos e que deve ter sido assassinada. Podemos conseguir alguma coisa nos arquivos dos jornais. Tente os mais importantes e os que publicam mais notícias policiais. Não adianta procurar na internet porque os jornais só foram digitalizados duas décadas mais tarde. Acho que a pesquisa pode ser feita nos próprios jornais, na Biblioteca Nacional. Pode delegar a tarefa para alguém que você considere bom em rastrear essas coisas.

— Menina, onze anos, encontrada morta, suspeita de assassinato, Bairro Peixoto, mil novecentos e setenta. — Welber anotava enquanto Espinosa repetia. — Temos um detetive novato, o Chaves, que é bom em pesquisa.

Welber passou a incumbência para Chaves, salientando que era um pedido especial do delegado Espinosa. Em seguida foi ao seu armário, retirou uns apetrechos de dentro de uma caixa, trocou a calça e a camisa e desceu para o primeiro andar da delegacia sem que ninguém desse sinal de reconhecê-lo. Depois foi esperar Hugo Breno sair da agência da Caixa Econômica.

Às cinco da tarde, o guarda abriu a porta de uso exclusivo dos funcionários e Hugo Breno saiu. Parado na calçada, olhou para um lado e para o outro, andou até a esquina, esperou o sinal abrir e atravessou a rua em direção à avenida Copacabana. Caminhava sem pressa, mas sem dar a impressão de estar passeando. O olhar parecia captar o que se passava em volta, como se estivesse procurando alguma coisa. Nada nele era espontâneo, mas tudo parecia natural. Welber o seguia a uma distância de dez metros, seguro de não poder ser reconhecido. Nem Espinosa o reconheceria se passasse por ele na rua. Quando Hugo Breno chegou à avenida Copacabana, olhou para os dois lados como quem avalia o movimento, e de novo esperou o sinal, atravessou a avenida e continuou em direção à praia. Na avenida Atlântica, pegou o calçadão junto aos prédios e seguiu andando. Não olhava o mar nem a paisagem, também não se interessava pelas pessoas. Parecia ter um propósito definido e se entregava de forma inarredável a atingi-lo. Depois de andar quase meia hora pela avenida Atlântica, voltou à avenida Copacabana, avaliou durante alguns segundos as duas calçadas, escolheu a que pareceu a Welber a mais movimentada e entrou no fluxo de pedestres. O ritmo das passadas sofreu uma drástica redução, mas ele não parecia se aborrecer com isso; pelo contrário, aparentava estar tranquilo com a situação. Andou mais de uma hora, nos dois sentidos da avenida, Welber em sua cola, até retornar à esquina da Copacabana com a Siqueira Campos e subir a rua até o prédio onde morava. Durante todo o trajeto, desde que saiu da agência bancária até entrar em seu prédio, Hugo Breno não parou em loja nenhuma, não se deteve para olhar alguma coisa em especial e não falou com ninguém. Quando, duas horas depois, a luz de seu apartamento se apagou, Welber esperou mais meia hora e foi para casa.

Nessa mesma tarde, Ramiro conseguira falar com uma das duas únicas amigas restantes de d. Laureta. Ela não morava mais no endereço que constava da caderneta da pensionista, e só foi possível localizá-la graças à outra amiga, remanescente do antigo grupo de viúvas, que indicou um velho hotel no bairro do Flamengo como

sendo o último endereço que possuía dela. Não sabia dizer se ainda estava viva.

Ramiro também descobriu naquela tarde que ela estava viva e que teria muito prazer em recebê-lo. A conversa foi produtiva.

Espinosa desejava receber um telefonema de Vânia esclarecendo o acontecido na véspera. Na verdade, não era bem um esclarecimento que ele esperava. Apenas desejava a presença de Vânia, por si só esclarecedora, sem a necessidade de discursos explicativos. Não para que eles retomassem a cena interrompida — embora desejasse ardentemente que isso acontecesse —, mas gostaria de apagar a sensação de repúdio que ficara impressa em sua memória. O gesto de Vânia repelindo seu corpo e se evadindo da cena deixara a forte impressão de que algo nele causara essa rejeição.

O pior de tudo é que se formara para Espinosa a idéia de que não se tratara de uma cena interrompida, mas de uma cena completa, acabada. Claro que para ele a cena fora interrompida, brutalmente interrompida, mas, quanto mais o tempo passava, mais ele se convencera de que o encontro entre Vânia e ele tivera começo, meio e fim. Fora um ato completo. O que ainda não conseguia entender era o significado desse ato. Pelo menos o significado pleno. E algo lhe dizia que esse significado lhe chegaria por intermédio de Irene.

* * *

Depois de relatar a andança pelas ruas de Copacabana atrás de Hugo Breno, o próprio Welber concluiu que o suspeito não saía caminhando para fazer determinada coisa, mas que caminhava por caminhar. Para ele, andar não era um meio, mas um fim em si. O detalhe curioso era que Hugo Breno não caminhava em qualquer lugar ou de qualquer maneira, mas parecia achar essencial caminhar em meio à multidão. Se alguma coisa ele buscava em suas andanças, essa coisa era a multidão. Ele parecera a Welber um homem extremamente solitário. Um eremita na multidão, comentou Espinosa ao final do relato do detetive.

Depois de Welber, Ramiro narrou a conversa que tivera, na mesma tarde, com Adélia Marques, amiga de d. Laureta. Uma senhora de

oitenta e dois anos que morava num hotel, magra, de gestos elegantes, vestida corretamente e com a cabeça em perfeito estado. Ela e a pensionista haviam sido amigas durante muitos anos, quando os maridos ainda eram vivos, e permaneceram amigas depois que eles morreram. Na opinião dela, Laureta Sales Ribeiro era uma mulher inteligente e bastante ativa. Não gostava de televisão e odiava toda e qualquer atividade voltada para a terceira idade. Tinha opinião própria sobre política e economia e não concordava com o governo, fosse ele de direita ou de esquerda.

— Quando perguntei se ela tinha ouvido falar de uma amiga e vizinha de dona Laureta cujo filho trabalhava na Caixa Econômica, ela disse que sabia quem era essa amiga e que até estivera com ela algumas vezes. Em conversas com dona Laureta, soubera que essa amiga era uma mulher de formação evangélica, moralmente muito rígida, bastante trabalhadora, que tinha sido abandonada pelo marido logo que o filho nascera e que educara o menino sem a ajuda de ninguém. Perguntei o que ela sabia sobre esse filho. Disse que sabia pouca coisa. Mãe e filho continuaram morando no mesmo apartamento até ela morrer, havia mais ou menos um ano. O dado interessante é que dona Laureta contou a ela que essa mulher carregava uma grande culpa por causa do filho. Dona Laureta não soube dizer o que era, sabia apenas que era motivo de grande desgosto e que provocava nela enorme sofrimento. Essa era a mãe de Hugo Breno, nosso suspeito. A senhora não se lembrou de mais nada sobre a mãe de Hugo Breno. Sobre dona Laureta propriamente dita, disse lembrar-se de muita coisa, mas que essas coisas viriam aos poucos, que não conseguia se lembrar de tudo de uma só vez.

— E a outra amiga remanescente? — perguntou Espinosa.

— Segundo ela, está com demência senil, não se lembra de quase nada e não diz coisa com coisa. A única viva e com a cabeça boa é ela própria.

— As coisas começam a se encaixar um pouco melhor — disse Espinosa —, principalmente porque começa a se formar um elo entre o suspeito e dona Laureta. Uma contribuição decisiva para esse conjunto pode ser a consulta aos arquivos dos jornais que o detetive

Chaves está fazendo. Continuem vigiando Hugo Breno fora do horário de expediente dele. Ele tem que se encontrar com alguém. Ninguém pode ser tão solitário quanto ele parece ser.

Hora do almoço e nem Vânia nem Irene haviam telefonado. Espinosa começava a achar que Irene não ficara sabendo da ida da amiga ao apartamento dele. Ou, se soubera, tinha despachado Vânia para o espaço, isto é, para São Paulo, e estava pensando no castigo que aplicaria a Espinosa. Veio-lhe à mente a cena de Aquiles arrastando o cadáver de Heitor no chão empoeirado e lançando-o aos cães para ser devorado. Não achou a imagem agradável. Mas também não achou que Irene tentasse uma encenação da *Ilíada* com ele no papel de Heitor. Saiu para almoçar.

Naquela tarde era a vez de Ramiro seguir Hugo Breno. Quinze minutos antes das cinco, ele estava a postos dentro de uma loja do outro lado da rua, esperando Hugo Breno sair. Às cinco e dez, o funcionário da Caixa Econômica passou pela porta de saída dos funcionários e tomou a esquerda pela calçada da rua Barata Ribeiro. Ramiro saiu da loja e caminhou pela calçada oposta, paralelamente a ele. Mal tinha andado uma quadra quando, na praça Cardeal Arcoverde, Hugo Breno entrou na estação do metrô. Pego de surpresa do outro lado da rua e sem poder atravessar de imediato devido ao movimento de veículos, Ramiro teve que esperar para atravessar, dando a Hugo Breno uma vantagem que poderia encerrar a perseguição naquele momento. Quando finalmente conseguiu passar entre os carros e entrar na estação, viu Hugo Breno já do outro lado da roleta, e Ramiro não tinha bilhete. Havia uma pequena fila em cada guichê. Se entrasse numa delas, correria o risco de perder o trem apanhado por Hugo, que já desaparecera na estação. Correu até a roleta, mostrou o distintivo ao funcionário, dizendo que se tratava de uma emergência, e pulou a catraca. Desceu correndo a primeira escada rolante, atravessou o longo corredor até chegar à segunda escada rolante, repetiu a descida forçada até o corredor seguinte, fazendo o mesmo na terceira escada até chegar à plataforma. O número de pessoas que aguardavam o trem indicava que Hugo ainda devia estar na plataforma. Olhou para o lado direito, de menor

extensão, e não o viu. O lado esquerdo era muito mais extenso e estava repleto de gente. Foi andando junto à parede, prestando atenção nas pessoas aglomeradas na beira da plataforma. Não teria uma segunda chance. Ou encontrava Hugo Breno já ou teria que entrar no último vagão e percorrer toda a composição, coisa fácil de fazer em uma hora de pouco movimento, mas inviável com os vagões lotados.

Ouviu o barulho do trem se aproximando, viu a luz dos faróis e então percebeu Hugo Breno metido no meio da pequena multidão que se comprimia na plataforma. Posicionou-se no outro ponto de entrada do mesmo vagão e esperou o trem parar e as portas se abrirem. Forçou a passagem e conseguiu, à custa de muito se espremer e espremer os outros, entrar no vagão por onde queria, mas na luta para entrar não conseguiu ver se Hugo pegara o mesmo vagão nem, na verdade, se entrara no trem ou ficara na plataforma. Assim que as portas se fecharam e a composição começou a se deslocar ao longo da plataforma de embarque, Ramiro ficou olhando pela janela, na expectativa angustiante de ver Hugo Breno calmamente andando por ela. Não o viu. Sinal de que estava dentro do vagão. Com calma, foi examinando pessoa por pessoa enquanto o trem corria rumo à estação Botafogo. Aquele era um dos intervalos maiores entre as estações, o que lhe daria tempo de localizar o suspeito. Movendo-se devagar pelo vagão lotado, fingindo abrir caminho para saltar na parada seguinte, conseguiu localizar Hugo no meio do vagão, de pé, no ponto de maior concentração de passageiros. Ramiro manteve-se junto à porta, para o caso de precisar sair repentinamente atrás dele. Mas Hugo não desceu na estação Botafogo. Em compensação, entrou muito mais gente do que saiu, tornando inviável qualquer movimentação dentro do vagão. Passaram pelas cinco estações seguintes sem que Hugo sáísse de onde estava. Logo que o trem deixou a estação Cinelândia, ele começou a se mover lentamente em direção à porta central do vagão. Ramiro já estava junto à outra porta, atento a cada mínimo movimento dele. Assim que o trem parou na estação Carioca e as portas se abriram, ambos pisaram na plataforma

ao mesmo tempo. Hugo se encaminhou para a escada rolante mais próxima e pegou a saída para a avenida Rio Branco.

Não só a estação Carioca é uma das mais movimentadas do percurso como a avenida Rio Branco, nos fins de tarde, é uma das vias de maior movimentação de veículos e de pessoas de toda a cidade. Ramiro não podia se descuidar um segundo, sob pena de perder Hugo Breno de vista. O que tornava a tarefa difícil era que Hugo parecia escolher sempre os trechos de maior acúmulo de gente. Não procurava ultrapassar ou se desviar das pessoas, mas mantinha-se no mesmo ritmo que elas por algumas quadras. Quando chegou à esquina da rua Sete de Setembro, dobrou à esquerda em direção à Uruguaiana. Lá chegando, virou à direita e andou uma quadra pela Uruguaiana, voltando à Rio Branco pela rua do Ouvidor. No meio da Ouvidor, Ramiro o perdeu de vista. Hugo estava poucos passos à sua frente e de repente desapareceu. Não podia ter voltado, Ramiro o teria visto... Talvez tivesse acelerado o passo e entrado em alguma galeria, embora isso contrariasse o comportamento dele até o momento. Ramiro ficou andando meio que em círculos, o que não era fácil, olhando para todos os lados, quando repentinamente Hugo Breno passou a seu lado, quase esbarrando nele, vindo de trás e continuando no mesmo passo em direção à avenida Rio Branco. Ramiro passou a segui-lo mais de perto, mesmo sob o risco de ser descoberto. O que, tudo indicava, já acontecera. Outra vez na Rio Branco, Hugo caminhou mais uma quadra e dobrou novamente à esquerda na rua do Rosário, até a Uruguaiana, voltando em seguida à Rio Branco. E assim foi ele, seguido por um Ramiro aflito, até chegar à esquina da Rio Branco com a Presidente Vargas: nove ou dez quadras em linha reta ou uns quinze quarteirões em ziguezague. Isso, na hora de maior movimento do centro da cidade, quando as pessoas estão saindo do trabalho. Em nenhum momento Hugo Breno parou para entrar em uma loja, olhar uma vitrine, falar com alguém, ou até mesmo apreciar aquela massa humana se movimentando. O que deixou Ramiro mais atônito foi que, assim que chegou à esquina da Rio Branco com a Presidente Vargas, Hugo deu meia-volta e refez todo o caminho pelas mesmas ruas, pegando os mesmos desvios, até

a estação Carioca, de onde tinham partido. Na volta, Ramiro perdeu-o de vista mais uma vez, até ele novamente ressurgir do nada, como se estivesse brincando de esconder com o inspetor. Na estação Carioca, desceram a escada rolante e esperaram na plataforma lotada o trem de volta para Copacabana.

O périplo começara em plena luz do dia e estava terminando à noite. Eram quase oito horas quando Ramiro o deixou em casa, sem que o tivesse visto falar com ninguém durante todo esse tempo. O inspetor estava convencido de que o interesse de Hugo Breno não era por pessoas nem pelo que o cercava; ele não olhava para ninguém, nem para os veículos, nem para os prédios enquanto andava. Seu prazer era estar no meio da multidão, como Welber dissera na véspera. Ele não se encostava às pessoas, a não ser por acaso. Gostava de estar entre elas, porém sem tocá-las. Não era um bolinador nem um *voyeur*. Individualmente, as pessoas não o interessavam.

A reunião de Espinosa com a equipe terminou depois das sete da noite. Assim que o grupo se dispersou, Welber e Chaves se aproximaram dele para informar que o detetive Chaves concluía a consulta aos arquivos dos jornais.

— O que você conseguiu? — perguntou Espinosa, dirigindo-se ao detetive.

— Não muito, delegado. O que dificultou foi a palavra “assassinato”. Eu centrei a busca nas notícias sobre assassinatos e crianças assassinadas, mas não encontrei nada ligado ao Bairro Peixoto nem a Copacabana. Só consegui alguma coisa cruzando os obituários com as notícias da cidade. Fiz um resumo do que foi publicado.

Espinosa pegou a folha impressa com o resumo. “Em janeiro de 1970, uma menina de onze anos foi encontrada morta junto à escada que leva ao terraço, no interior do prédio em que morava, situado no Bairro Peixoto, em Copacabana. A menina apresentava uma contusão na base do crânio, sugerindo que tivesse caído do alto da escada e batido com a cabeça na quina de um dos degraus. A contusão,

seguida de hemorragia intracraniana, foi a causa da morte. Não havia escoriações nas pernas nem nos braços. A porta que conduz ao terraço encontrava-se fechada com cadeado. Não foi possível saber se a menina estava sozinha no local nem o que estava fazendo na escada de acesso exclusivo ao terraço do prédio. Não houve registro policial do acidente.” Chaves esperou o delegado terminar a leitura e acrescentou:

— Anotei o endereço neste pedaço de papel. Nem o nome da menina nem o dos pais foi publicado.

— Obrigado, Chaves. Você fez um bom trabalho.

Os policiais da delegacia, conhecedores do jeito lacônico do delegado, sabiam que aquela frase correspondia a um grande elogio, o que fez o jovem detetive se afastar exibindo um sorriso de orelha a orelha.

Pelo endereço anotado, o prédio onde a menina morava ficava a menos de cinqüenta metros do seu. Quando foi para casa, Espinosa passou pela frente do prédio tentando desencavar alguma lembrança escondida, mas deixou para visitar o local na manhã seguinte, à luz do dia. Naquela noite gostaria de retomar leituras interrompidas havia mais de uma semana, entre elas a do último e alentado livro de Montalbán. Isso, se Vânia não telefonasse propondo um *striptease* completo para seu deleite visual, pensou. Mas Vânia não telefonou nem apareceu. Não houve *striptease*. Assim, a leitura pôde avançar algumas dezenas de páginas.

Levantou um pouco mais tarde na manhã seguinte para dar tempo aos moradores vizinhos de saírem para o trabalho sem precisar topar com um delegado de polícia nas dependências do prédio em que moravam. Telefonou para a delegacia avisando que se atrasaria, mas que esperava estar em seu gabinete por volta das dez. No curto trajeto até o prédio da menina, foi cumprimentado por duas pessoas. Espinosa era bastante conhecido no Bairro Peixoto. Como já havia localizado o prédio na véspera, não precisou consultar nenhum porteiro. O único cuidado que tomou foi o de verificar se nas três últimas décadas a numeração da rua havia mudado. Não mudara. E o

prédio em questão correspondia ao que sua lembrança vagamente assinalava. Era um prédio de apenas três andares, sem elevador e sem garagem, tal como o prédio em que morava e os demais remanescentes da urbanização original. Não tinha porteiro. Havia um zelador que cuidava daquele e de mais dois prédios vizinhos. Espinosa foi informado por um morador de que o zelador se chamava Onofre e que devia estar no prédio ao lado. O delegado precisou tocar a campainha da porta da frente duas vezes até surgir um homem, não pela porta, mas por um estreito corredor lateral que dava para os fundos do edifício. Era um homem baixo, forte, com o rosto vincado, cabelo branco cortado rente, olhar atento, entre sessenta e setenta anos de idade.

— Bom dia — disse Espinosa. — O senhor é o seu Onofre?

— Sou eu. — A voz era rouca e grave e ainda guardava um longínquo acento nordestino.

— Sou o delegado Espinosa, da 12^a DP.

— Eu sei. Conheço o senhor daqui do bairro.

— Preciso da sua ajuda, seu Onofre.

— No que eu puder ajudar, estou à disposição, doutor.

— Há quanto tempo o senhor trabalha aqui?

— Desde quando ainda tinha um bambuzal lindo ali na praça. Faz mais de quarenta anos. Eu vim pra cá com vinte e três anos e estou completando sessenta e cinco este ano.

— Sempre aqui neste prédio?

— Este foi o primeiro de que eu cuidei. Depois veio esse aqui do lado e por último aquele ali, com grade verde.

— O senhor se lembra de um acidente, faz muito tempo, há mais de trinta anos, com uma menininha nesse prédio ao lado? Ela morreu de uma queda na escada. Bateu a cabeça... Não sei o nome dela.

— Também não sei — disse o zelador —, mas me lembro do acidente. Foi uma coisa horrível, os pais não agüentaram continuar morando aqui e se mudaram um mês depois.

— O senhor se incomoda de me mostrar o local do acidente?

— Claro que não, delegado. Agora mesmo. Vou buscar as chaves no meu quarto.

Seu Onofre vestia uma calça jeans bastante surrada, sandálias havaianas e camisa quadriculada com as mangas dobradas até a altura dos bíceps. Apesar da idade, não usava óculos. Voltou trazendo um chaveiro. Contornaram a mureta que separava os dois jardins, e o zelador abriu a porta da frente do prédio — que era gêmeo daquele onde estavam antes. Os prédios do Bairro Peixoto são todos muito parecidos, em estilo colonial português, gabarito original de três andares. O que varia são apenas os detalhes e as cores. Assim que entraram no vestíbulo do térreo, ele apontou para a escada com degraus de mármore e disse:

— Não foi aqui que ela caiu, foi no último lance... como quem vai para o terraço.

O zelador foi subindo na frente, atento a possíveis irregularidades. Fechou a portinhola de uma lixeira, pegou um papel de bala do chão e o guardou no bolso da calça. Mas o prédio estava limpo, a pintura das paredes em bom estado, o piso bem cuidado. Quando chegou ao último andar, apontou para a escada que continuava.

— Este é o último andar, mas a escada continua. Lá em cima é o terraço e o telhado.

Eram mais dois lances em L, com um patamar entre o primeiro e o segundo. Ele parou, junto com Espinosa, nesse patamar.

— Foi aqui que ela caiu. Deve ter rolado desde lá de cima e batido com a cabeça neste degrau.

— Ela estava sozinha quando caiu?

— Como ninguém viu ela cair, ninguém soube dizer.

Espinosa subiu o último lance. A escada terminava num pequeno patamar de um metro e meio por um metro, metade dele protegido por uma mureta, junto à porta do terraço. O zelador subiu e abriu o cadeado. O terraço ocupava apenas a metade de trás do prédio, onde ficava a caixa-d'água; a metade da frente era coberta com telha de

cerâmica. Espinosa não se interessou pelo terraço, já que ele estava trancado quando o acidente ocorrera. Voltaram para a escada e a porta do terraço foi trancada novamente.

— Em que andar a menina morava?

— No último.

— Seu Onofre, eu gostaria de ficar alguns minutos sozinho aqui em cima. Quando terminar, volto a falar com o senhor.

— Está bem, delegado. Quando o senhor sair, é só bater a porta do prédio.

Espinosa voltou para o patamar entre os dois lances da escada e olhou para cima. O que viu foi o último lance terminando no pequeno patamar e na porta. Contou dez degraus, incluindo o patamar superior. Se a menina havia caído do último degrau, a fratura na base do crânio devia ter sido a pancada final antes de ela cair estendida no patamar onde ele estava naquele momento. A questão era: o que a menina fora fazer ali naquele lance da escada? Ela sabia que não havia mais nada dali para cima a não ser o terraço, e que a porta estava trancada com cadeado. Se havia subido aquela escada, fora porque alguma coisa chamara sua atenção. Que coisa? O que a fizera cair? O que teria visto para assustar-se? Ela se assustara e caíra ou fora empurrada? Espinosa sentou no chão e ficou olhando para cima. A menina sai de casa e fecha a porta sem fazer barulho. Por nada, por hábito, de tanto a mãe dizer-lhe para não bater a porta ao sair. Quando vai descer a escada, ouve alguma coisa na parte que leva ao terraço... Pára e fica quieta, atenta. Passam-se alguns segundos e ela ouve mais alguma coisa, talvez um cochicho. Continua onde está, em silêncio, e ainda mais atenta... Mais alguns segundos, um ruído e o que parece ser uma voz fina... Tanto pode ser uma voz de criança como uma voz de mulher... Vai pé ante pé e espia o primeiro lance da escada. Vazio... E sem iluminação... Novo cochicho. Ela sobe o primeiro lance, estica o pescoço para espiar o resto... O ruído continuava. Ela sobe o último lance e vê... o quê?

8

No resto da manhã, Espinosa dedicou-se a elaborar um perfil de Hugo Breno. Embora todos se referissem a ele como suspeito, na verdade não dispunham de indícios suficientes nem para poder empregar esse termo. Espinosa cunhara uma expressão, contraditória em sua redundância, para designar situações como aquela: Hugo Breno era “suspeito de ser suspeito”. Um estado ainda fronteiro de suspeição. A única coisa que Espinosa e seus auxiliares tinham contra Hugo até o momento era o fato de ele haver conversado algumas vezes com a vítima, o que também era muito natural, sendo ele um dos caixas responsáveis pelo atendimento dos pensionistas e d. Laureta uma das pensionistas atendidas na agência em que ele trabalhava. Fora isso, ele poderia, quando muito, ser considerado um sujeito estranho. Mas o próprio Espinosa também era considerado por seus colegas um sujeito estranho. Alguns consideravam mais adequado o termo “excêntrico”.

— Mas, delegado, ele é muito estranho — dizia Ramiro. — Eu o segui durante quase três horas pelas ruas do Centro sem que ele parasse nem um instante para descansar, entrar numa loja ou falar com alguém, ou mesmo para apreciar o movimento. Nada, delegado. E tem mais. De vez em quando ele desaparecia. Simplesmente sumia. De repente, aparecia ao meu lado, quase me cutucando, como quem diz “Olha eu aqui”. Como ele fazia isso? Ele é sem dúvida estranho. Parece um replicante, um autômato à solta pelo Rio de Janeiro. O que Welber observou anteontem, eu confirmei ontem. Ele não é normal.

— Sei. Mas vocês também constataram que ele é um funcionário exemplar, eficiente, que não cria caso com ninguém... Qual a conclusão? O homem é normal ou anormal?

— Uma pessoa pode ser normal no trabalho e anormal na relação com os outros, fora do trabalho.

— E como ele se comportou fora do trabalho? Molestou alguém na rua? Ficou agitado? Agiu com violência em algum momento? Começou a gritar sem mais nem menos? Ficou perdido no meio da rua sem saber o que fazer? Não soube voltar para casa?

— Delegado, pode não ter acontecido nada disso e, mesmo assim, ele não ser normal.

— Nós não somos psiquiatras, somos policiais. Por mais que as duas coisas sejam parecidas, não são idênticas. O que temos que verificar não é a sanidade mental do sujeito, mas se ele é ou não autor de um assassinato. Claro que todos somos culpados de assassinato, mas aqui só está em questão um assassinato real.

Welber e Ramiro ficaram olhando para Espinosa, achando-o tão estranho quanto Hugo Breno. E ele percebeu.

— Está bem — disse —, vamos admitir que Hugo Breno seja estranho, e eu concordo com vocês quanto ao deambulismo dele, mas não vamos ficar hipnotizados por esse seu hábito. Não temos nenhuma prova, nenhum indício, nem fraco que seja, de que ele tenha empurrado a pensionista para debaixo das rodas do ônibus. Mas temos uma série de pequenas evidências ligando um ao outro. Ou, com base no que Ramiro descobriu na caderneta de endereços de dona Laureta, ligando os três: dona Laureta, Hugo Breno e a mãe dele, sendo que a mãe é o elemento de ligação entre a pensionista e ele. Em lugar de um triângulo amoroso, podemos ter um triângulo mortífero. O que nos falta, no entanto, é o conteúdo dessa ligação. Talvez fosse o que dona Laureta queria nos contar quando veio à delegacia.

Espinosa achou que não era hora de adicionar mais um elemento, a morte da menina, aos já frágeis elementos colhidos. O acidente ocorrera havia quase quarenta anos e sua ligação com os acontecimentos atuais era a própria memória de Espinosa, ainda mais obscura que esses acontecimentos. Claro que isso não o impedia de se embrenhar pelos recantos da memória de sua infância, só que por enquanto preferia guardar um pouco mais os retalhos que estava

tentando costurar. Sobretudo sabendo que a memória serve tanto para esquecer como para lembrar.

Seu celular registrava uma chamada de Irene, provavelmente feita enquanto ele discutia com Welber e Ramiro o caso da pensionista (que, ele achava, estava se transformando no caso do homem da multidão). Ligou para Irene. O celular dela estava desligado. Era sexta-feira, quando habitualmente passavam a noite juntos. Mas não estranharia se Irene tivesse voltado para São Paulo com Vânia. Ou mesmo se tivesse ido a São Paulo e Vânia ficado no Rio. Ou, ainda, se as duas estivessem no Rio. Mas o melhor seria se Irene estivesse sozinha no Rio.

Não almoçou. Pelo menos não uma refeição normal. Comeu um sanduíche acompanhado de um suco de laranja no bar em frente à delegacia. Mas, em vez de voltar a seu gabinete, rumou para o Bairro Peixoto, mais especificamente para um quarto nos fundos do prédio vizinho ao da menina. Seu Onofre acabara de acordar de um cochilo.

— Coisinha rápida — disse o zelador —, quinze minutos por dia depois do almoço. Mas em que posso ajudar o delegado?

— Talvez o senhor possa me ajudar a lembrar. Eu era menino, tinha só doze anos, a mesma idade da menina morta, já me esqueci de quase tudo.

— Ainda que mal pergunte, delegado, por que o senhor quer se lembrar dessa coisa ruim de tantos anos atrás?

— Porque eu acho que ela tem ligação com outra coisa ruim que aconteceu há pouco mais de uma semana.

— Eu tenho uma boa memória. O que mais faço enquanto trabalho é me lembrar. O que o senhor quer saber?

— Se houve comentários sobre a morte da menina...

— Acontece, doutor, que a minha memória é boa para o que eu vi, e não para lembrar do que as pessoas falaram. Lembro perfeitamente da menina caída na escada e da mãe dela gritando. Lembro que as pessoas estavam assustadas. Mas o que elas falaram... Faz muito tempo.

— Claro que o senhor não pode se lembrar do que as pessoas falaram, mas consegue se lembrar se houve comentários, boatos?...

— Os moradores dos prédios aqui da vizinhança conheciam as crianças que brincavam na praça. Todos conheciam a menina. Sentiram muito a morte dela e ficaram com muita pena dos pais, que se mudaram logo depois do acidente.

— Houve algum comentário sobre se teria sido mesmo acidente?

— Acho que correu um boato de que a menina não estava sozinha. Mas ninguém viu nada. Quem encontrou o corpo foi a mãe. Eu cheguei logo que ela começou a gritar. Não tinha mais ninguém na escada nem no hall de entrada.

— Por que não chamaram a polícia?

— Acho que foi porque a menina caiu, porque parecia só um acidente. Então chamaram o médico... Mas isso é o que eu acho hoje, não me lembro do que achei na época.

— O senhor não se lembra se na época achou que foi acidente?

— É difícil dizer. Faz mais de trinta anos. O tempo mistura as idéias.

— O senhor se lembra de ter ouvido algum comentário sobre os meninos que brincavam aqui na praça, algum amigo dela?

— Não lembro, delegado. Eles eram crianças.

Espinosa se despediu do zelador e atravessou a praça a caminho da delegacia, um pouco incomodado por ter dado ao zelador a impressão de estar procurando entre as crianças algum responsável pela morte da menina. E estava.

De volta à delegacia, ligou para Irene outra vez. Uma gravação pedia para deixar o recado na caixa de mensagens. Espinosa não deixou. Retomou a monótona tarefa de despachar processos e atender os casos mais graves encaminhados pela recepção. Passava das quatro da tarde, Welber se preparava para seguir Hugo Breno, Ramiro terminara o trabalho de garimpo no caderno de endereços de d. Laureta. Na manhã seguinte seria a vez de Ramiro pegar a bicicleta e

acompanhar a maratona de Hugo Breno pela praia de Copacabana. Espinosa continuava às voltas com documentos quando Irene ligou.

— Olá, querido. Saudades.

— Eu também. Você está no Rio?

— Estou. Quem não está mais é a Vânia. Voltou hoje de manhã para São Paulo. Deixou beijos e um grande pedido de desculpas por tudo. Não especificou o tudo. Que tal jantarmos num lugar simpático?

— Boa idéia. Passo para te pegar às nove?

— Está ótimo. Beijo.

O ser humano deve ter um erro de programação, pensou Espinosa, lembrando-se dos últimos acontecimentos envolvendo Vânia, Irene e ele. A menos que Irene não soubesse de nada. Às cinco horas, encaminhou-se para a sala de reunião, onde os policiais que estavam na delegacia o esperavam.

— Boa tarde. Em primeiro lugar, vamos às notícias do dia...

Às nove da noite Espinosa desceu do táxi em frente ao prédio de Irene. A temperatura estava agradável e o tempo firme. Preferiram caminhar até o restaurante, a apenas três quadras dali.

— O que será que Vânia quis dizer ao pedir “desculpas por tudo”?
— perguntou Irene enquanto caminhavam.

— Não sei, meu bem, ela é que pediu desculpas... Suponho que seja pelo desaparecimento no fim de semana passado... Pelo susto que nos deu... Ela deve ter conversado com você sobre isso.

— Conversou. E realmente estava se sentindo culpada.

— Então foi isso.

— Exato. E não *por tudo*.

— Acho que ela quis dizer por tudo o que causou naquele fim de semana.

— É. Pode ser.

— A não ser que estivesse se referindo à noite em que foi ao meu apartamento.

Irene levou um susto. Olhou para Espinosa com uma expressão ambígua, de espanto e indignação.

— Ora, vamos, Irene. A minha dúvida era o que vocês duas pretendiam com a cena: se me testar ou testar a Vânia. Acho a primeira hipótese ingênua e antiquada. A segunda faz mais sentido.

— E parece que você encarou tudo com muita naturalidade.

— Tudo, não. Talvez seja exatamente esse *tudo* a razão de ela ter pedido desculpas. Das atividades interrompidas, uma das que mais me desagradam é o *coitus interruptus*. Ou isso também foi combinado?

— Espinosa, você não pode ser tão cínico.

— Cínico, não. Cético.

— Sem preciosismo, Espinosa.

— Não é preciosismo. O cético é fundamentalmente um crítico.

— E...?

— Eu não fui atrás da Vânia. Não telefonei para ela. Não me portei de modo a sugerir que ela poderia tranquilamente me telefonar à noite e depois de meia hora tocar a campainha do meu apartamento perguntando onde ficava a cama. Vânia é uma mulher lindíssima. Estou dizendo isso para frisar que não foi uma mulher qualquer que tocou a campainha do meu apartamento. Trata-se de uma mulher que se sabe irresistível. O que vocês esperavam? Que eu ficasse contando histórias policiais para ela e a devolvesse intocada no fim da noite?

— Você acha que nós duas premeditamos isso?

— Tudo, não. Daí as desculpas dela. É possível que ela tenha sido sincera quando fugiu da minha cama. Talvez esse fosse o teste.

— Qual teste?

— Ver se ela conseguia trepar com homem. Talvez as primeiras tentativas dela tenham sido violentas e traumáticas, daí a sugestão de fazer o teste com um homem conhecido e já testado por você.

— Você enlouqueceu?

— Quase. Mas consegui me recuperar. De qualquer maneira, diga a ela que aceito o pedido de desculpas.

Chegaram ao restaurante. Ficaram parados do lado de fora, olhando um para o outro, não em dúvida sobre o restaurante, mas se ainda deveriam jantar juntos.

— Não vamos estragar o nosso jantar — disse Espinosa. — Podemos continuar a conversa enquanto jantamos. Hoje almocei só um sanduíche. Odiaria voltar para casa sozinho e sem ter jantado.

Não houve resistência por parte dela. Mesmo porque as manifestações de surpresa e quase indignação não pareceram autênticas. Espinosa achava que Irene estava mais curiosa com o rumo da conversa do que propriamente indignada. Entraram. O restaurante era acolhedor, e diziam que a comida lá era boa. Apesar de ser nove e meia de uma noite de sexta-feira, havia lugar.

Assim que escolheram a bebida, a conversa foi retomada — por iniciativa dele.

— Vou expor minha versão do que ocorreu. Você sempre foi a primeira a enfatizar que nós somos amantes, e não namorados ou casados. Gostamos de estar um com o outro. Contudo, esse estar com o outro nunca excluiu encontros variados. Nunca perguntei com quem você sai quando viaja, assim como você nunca me fez a mesma pergunta. Não nos prometemos fidelidade, a não ser a fidelidade do nosso afeto. Assim, a possibilidade de nos interessarmos sexualmente por alguém mais faz parte da nossa relação. Quando Vânia me fez a proposta e eu topei, não senti que estivesse traindo você. Não achei que estivesse pondo a nossa relação em risco. Vânia é uma mulher extremamente bela e atraente, como você; a diferença é que você e eu temos uma história construída ao longo de quase uma década. Daí Vânia não representar uma ameaça real à nossa relação. Não sei da vida sexual dela, mas imagino que a experiência que teve com homens deve ter sido traumática. Imagino também que por causa disso ela tenha experimentado se relacionar sexualmente com mulheres. Não me parece que seja uma escolha definitiva, acho que ela está tentando refazer a imagem de homem que conservou após

essa suposta experiência negativa. Acho que fui parte desse esforço de reconstrução, como também acho que a tentativa foi planejada por vocês duas. E, por favor, não faça essa cara de espanto, como se o que acabei de dizer fosse um total disparate.

— Não estou espantada pelo que você acabou de dizer, estou espantada pela frieza com que você disse.

— O que você queria? Que eu ficasse feliz por ter servido de cobaia para uma experiência terapêutica planejada por minha amante e sua amiga? Eu poderia até me sentir lisonjeado, mas não foi o que aconteceu.

— Não houve planejamento. Não houve premeditação. Houve uma conversa... difícil... na qual ela disse que não acreditava ter a sorte de algum dia encontrar um homem como você. E eu respondi que não era uma questão de sorte, mas de decisão. Acho que ela entendeu minha frase como uma sugestão para fazer o que fez. Lamento.

Apesar de o jantar transcorrer sem conflitos, quando eles foram embora Irene pediu que Espinosa a acompanhasse de volta até a casa dela.

9

Era raro Espinosa acordar sozinho num sábado de manhã, estando Irene no Rio. Mas naquela manhã aconteceu. Rescaldo do incêndio provocado por Vânia.

Durante o café-da-manhã, sua atenção foi despertada pelos gritos dos garotos que jogavam futebol na praça. Espinosa deixou o jornal de lado e puxou a cadeira de balanço para junto da janela francesa. O jogo se desenrolava na pequena quadra pavimentada e alambrada. Eram dois times, cinco jogadores de cada lado, todos adolescentes, jogando com um arrebatamento de final de copa do mundo. Com exceção da atual quadra pavimentada, o jogo era em tudo semelhante aos que ele disputava quatro décadas antes: o mesmo empenho e a mesma gritaria; hoje só não havia mais a poeira levantada pelo piso de saibro da praça de então. Como se consultasse um arquivo, Espinosa sobrepôs àquela cena outras igualmente expressivas de momentos de sua vida no bairro. Foi quando teve a idéia de pegar os álbuns de fotografia de sua infância, iniciados por seus pais e continuados pela avó. Eram dois álbuns: um deles com fotos de seu primeiro ano de vida e o outro abarcando os anos subseqüentes, até seu aniversário de quinze anos, quando o registro fotográfico fora interrompido. Eram fotos de festas de aniversário e de ceias natalinas ou de passeios e viagens. Espinosa estava interessado em fotos de dois aniversários: o de onze e o de doze anos, que correspondiam aos dois anos seguintes ao da morte de seus pais. Os álbuns não ficavam guardados na estante de livros, mas no quarto que por nove anos fora da avó e que desde que ela voltara para seu próprio apartamento se transformara em um quarto de guardados. Durante os anos em que moraram juntos, a avó manteve o costume de comemorar os aniversários de Espinosa oferecendo aos amigos dele da vizinhança um lanche com sanduíches, refrigerantes, sorvetes e

bolo, quando então registrava o acontecimento com a mesma máquina fotográfica que pertencera ao filho. Apesar da alegria com que se dedicava à tarefa, era inegável que estava longe de ser considerada uma boa fotógrafa (razão provável da interrupção dos registros fotográficos). As fotos que Espinosa procurava estavam efetivamente no álbum, mas, além de tremidas e fora de foco, algumas estavam desbotadas. O grupo reunido em torno da mesa no momento em que o aniversariante soprava as velas do bolo era uma sombra esmaecida na contraluz da tarde. Impossível reconhecer até mesmo o aniversariante, quanto mais identificar as outras fisionomias. Mas se as fotografias foram insuficientes para conservar as imagens dos amigos de infância de Espinosa, os álbuns marcavam com clareza dois períodos de sua vida: o das fotos nas quais o pai e a mãe estavam presentes e o das que registravam a ausência deles.

Da morte de seus pais, Espinosa foi remetido à morte da menina do prédio vizinho. Dois tristes momentos balizadores do tempo e próximos um do outro. O primeiro, definitivamente indelével. O segundo, semi-esquecido, retornava agora, forçando os caminhos da memória. Começava a ter uma vaga lembrança da fisionomia da menina. Lembrava-se mais do tipo físico: era um pouco gordinha e com cabelos encaracolados. Talvez um olhar assustado. Não tinha certeza. Talvez o olhar assustado fosse o dele. Lembrava-se melhor dos amigos mais próximos. Lentamente, a imagem do menino que Hugo Breno havia sido adquiria um contorno mais nítido ou era enriquecida com um detalhe, mas sua interioridade, o que ele pensava, do que ele gostava, permanecia um mistério para Espinosa. Também o menino parecia ter um olhar assustado. Espinosa achava que o traço de assustado que estava atribuindo ao menino e à menina era uma espécie de sombra mnêmica que recobria todos eles. Os momentos alegres eram os do futebol e os dos passeios de bicicleta; os demais eram ou estavam, naqueles dias, marcados pela tristeza e pelo medo.

Por que medo? De que tinham medo? Ou talvez fosse o caso de se perguntar do que ele estava com medo naquele momento atual. Não era propriamente medo, pensou; era o sentimento de apreensão que

antecede a descoberta de algo muito intenso. No silêncio que precede o grito, não é o grito que nos assusta, é o silêncio.

O jogo de futebol tinha terminado. Os jogadores liberaram o campo para os menores e se agruparam em volta de um dos bancos da praça, discutindo aos gritos os lances da partida — bem diferente das conversas sussurrantes em pequenos grupos de quatro décadas atrás, sobre a morte da menina, naquele mesmo lugar, como se estivessem contando um segredo.

Voltou à leitura do jornal, interrompida pelo alarido dos meninos. Leu duas ou três páginas sem se dar conta do que estava lendo. Levantou-se e retornou à janela para olhar a praça, como se alguma coisa tivesse ficado caída no chão de terra.

A manhã ainda estava pelo meio. Vestiu uma calça velha, tênis e camiseta e desceu à rua. Contornou a praça lentamente, olhar e ouvidos distraídos. Quase chegando ao ponto de onde partira, atravessou a rua e entrou pela lateral do prédio em direção ao quarto onde morava seu Onofre, o zelador. Talvez sábado fosse dia de folga ou talvez seu Onofre não tivesse aonde ir em suas folgas. Encontrou o zelador afiando a tesoura de plantas.

— Bom dia, seu Onofre.

— Bom dia, delegado.

— Não quero interromper o seu trabalho.

— Não tem importância, estou afiando a tesoura, é a minha ferramenta mais importante para cuidar dos jardins. O doutor também está de folga hoje?

— Estou. Mas, como o senhor, eu também estou afiando a minha ferramenta.

O zelador olhou para o delegado.

— E preciso, mais uma vez, da sua ajuda — continuou Espinosa.

— O que eu puder fazer, doutor.

— Preciso de algumas informações sobre o prédio da menina.

— Sim, senhor.

— Por que a porta do terraço é trancada com cadeado? Sempre foi assim?

— Ela passou a ter cadeado antes do acidente. Soubemos que as crianças subiam ao terraço para brincar. É perigoso. O beiral é muito baixo. Além disso, tem a caixa-d'água. Alguma criança podia inventar de espiar pelo alçapão e cair lá dentro. Achamos melhor passar um cadeado na porta.

— O que as crianças iam fazer lá em cima?

— Não sei, doutor. Não tem muito espaço. Na metade da frente da cobertura tem um telhado, e a metade de trás, que é coberta com laje, é quase toda ocupada pela caixa-d'água. Sobra um espaço muito pequeno.

— Alguém já havia surpreendido as crianças lá em cima?

— Que eu me lembre, não.

— Então como é que sabiam que elas brincavam lá?

— Não me lembro, doutor. Talvez algum morador tenha visto elas subirem.

— A menina que morreu morava no último andar. Portanto, era fácil ela sair do apartamento dela e dar uma subida até lá.

— Isso é verdade, e ela só podia ser vista por algum dos moradores do último andar. São só dois apartamentos.

— O senhor tem certeza de que a porta passou a ser trancada antes do acidente com a menina?

— Absoluta. Fui eu que coloquei o cadeado. O mesmo que está lá até hoje.

— Eu gostaria de subir lá mais uma vez. Gostaria também de levar a chave do terraço.

— Claro, delegado. — O zelador retirou do chaveiro uma argola com duas chaves. — Aqui estão. Esta é a chave da portaria e esta outra é a do cadeado do terraço. Quando o senhor terminar, é só me chamar.

Espinosa saiu pelo portão do prédio e entrou no edifício vizinho. Depois de subir os três andares, foi até o último lance, onde havia a porta que levava ao terraço. Espinosa destrancou o cadeado. Era um cadeado Yale, antigo e muito resistente. A porta abriu com um rangido. Passado o umbral, havia dois degraus para baixo, até o piso da cobertura. A área livre era realmente pequena, como um corredor contornando três lados da caixa-d'água. No máximo, em uma noite quente, serviria como quarto improvisado para um casal passar uma ou duas horas, caso um dos dois tivesse a chave do cadeado. Saiu do terraço e trancou a porta. A luz ambiente ficou reduzida à que entrava por um pequeno basculante no patamar intermediário da escada. Espinosa desceu até ele e sentou-se no chão, tal como fizera na véspera. E, ali sentado, olhou para o último lance da escada à frente e se fez a mesma pergunta: o que a menina vira ao subir aquele último lance? Sem dúvida algo que a fizera cair de costas. Um cachorro fujão? Um gato? Uma mariposa grande que saíra voando? É possível, embora pouco provável num prédio cuja portaria ficava sempre fechada. A imagem de uma mariposa voando subitamente em direção à luz do sol que entra por um basculante tem o poder de assustar crianças e adultos, por mais inofensivas que as mariposas sejam. E as mariposas são freqüentes na região, por causa da vegetação abundante dos morros em volta. Mas não era uma teoria muito convincente. Não havia tanto espaço para uma mariposa entrar, assim como não havia luz interior, especialmente na escada, capaz de atraí-la. Outra hipótese: gente. A menina sai do apartamento, ouve ruídos humanos, sobe sem fazer barulho e surpreende e é surpreendida por alguém. O que uma pessoa, adulto ou criança, estaria fazendo escondida naquele patamar cuja porta estava trancada? Sexo, era a resposta com a maior chance de estar correta. Adultos não teriam por que estar fazendo sexo num lugar tão limitado e acessível a curiosos. E, se fossem adultos apanhados em flagrante, tentariam ocultar ou disfarçar o que estavam fazendo. O mais provável é que fossem crianças, menos cuidadosas e menos experientes, além de mais assustadiças. Uma vez aceita essa hipótese, a questão era: para aquele fato ter se transformado numa ameaça a ponto de a menina tentar fugir ou a ponto de ter sido agredida, seria preciso que fosse um fato com poder

de ameaçar as próprias pessoas envolvidas, crianças como ela que, surpreendidas e sendo reconhecidas, teriam se assustado e a empurrado para em seguida fugir. É terrível, mas é possível, pensou Espinosa com azedume. Ficou mais algum tempo sentado na escada, tentando exorcizar seus demônios interiores. É uma aberração querer imputar a uma criança de onze ou doze anos a morte de outra criança. Mas era o que ele estava fazendo. E isso o horrorizava. Não conseguia visualizar a menina rolando escada abaixo acidentalmente. Nesse caso, ela teria escoriações, marcas roxas nas pernas e nos braços, e na notícia publicada no jornal havia uma menção específica à ausência de escoriações. A imagem que ele construía da cena era a da menina sendo empurrada e batendo direto com a cabeça na quina do degrau. Um empurrão forte, raivoso, que podia ter sido dado por outra criança da mesma idade. E aí residia o horror. Não apenas na possibilidade de isso ter acontecido, como no fato de ele, Espinosa, estar pensando aquilo naquele momento. Ele estava empurrando a menina. Levantou-se e foi devolver as chaves ao zelador.

De volta a seu apartamento, Espinosa fez outro café, colocou duas fatias de pão na torradeira e decidiu recomeçar o dia. Não havia mais o barulho de crianças jogando bola e o jornal já estava lido pela metade, mas mesmo assim ele tentou agir como se estivesse iniciando o dia. Em meio a essa tentativa, veio-lhe à mente uma idéia que teria de ser repensada. Todas as vezes que se lembrava do Hugo Breno criança procurando fazer amizade ali no Bairro Peixoto, a lembrança vinha acompanhada de um sentimento de estranheza e ameaça. E agora ele se dava conta de que não era apenas a recordação daquele menino que se revestia dessa característica negativa, mas a lembrança de todos os meninos contemporâneos da morte da menina. E isso incluía ele próprio. Era ele que sentia algo estranho e ameaçador quando a recordação dos tempos de menino era marcada pela morte da menina. E agora, ainda mais claramente que antes, ele próprio estava presente à cena, vendo a menina ser empurrada do alto da escada.

Como conseguira formar uma imagem tão clara? Era fruto de sua imaginação ou uma lembrança real? Quem quer que tivesse dado o

empurrão, mesmo sem a intenção de causar a morte da menina, de fato a matara. E essa ameaça pairava sobre eles, por mais que a memória de cada um tivesse trabalhado para distorcer o acontecimento original.

10

Por que não uma mariposa? A pergunta acompanhou Espinosa pelo resto do sábado, como um cachorro acompanhando o dono. A diferença era que naquele momento o dono estava com medo do cachorro. O que mais o incomodava não era a dúvida que a pergunta implicava. Ele não estava em dúvida se o que assustara a menina fora uma cena sexual ou uma mariposa. Apesar da forma, a pergunta não era uma pergunta, não havia dúvida nenhuma, havia apenas a certeza: não era uma mariposa.

No final da tarde, Irene telefonou propondo passarem a noite juntos, idéia imediatamente aprovada por ele. Espinosa retomou a leitura da última viagem de Montalbán, numa tentativa de espantar os fantasmas que rondavam a cadeira de balanço, para receber Irene com o espírito mais leve. Apesar dos cuidados que tomou, depois de duas horas, quando abriu a porta para ela, a pergunta que Irene fez foi certa:

— O que aconteceu?

— Por quê?

— Porque evidentemente aconteceu alguma coisa... e grave.

— Não aconteceu nada. Quer dizer, não aconteceu nada hoje.

— E ontem?

— Não. Nada. Está tudo bem.

— Querido, quando precisamos afirmar que está tudo bem, é porque não está tudo bem. Que tal você me dizer o que está te afligindo — porque é evidente que você está aflito — para que então possamos ter uma noite agradável?

— Não é uma coisa amena... Mesmo tendo acontecido há quase quarenta anos.

— Quarenta anos?!

— Quase isso.

— Com você?

— Ainda não sei até que ponto.

— É natural que não saiba, você era uma criança.

— Doze anos.

— Você está atormentado por uma coisa que aconteceu quando você tinha doze anos?

— Essas são as coisas que realmente nos atormentam. As outras são apenas problemas.

— E essa coisa pode ser contada?

— Esse é o problema: a clareza com que consigo contar coisas que se passaram há tanto tempo.

Espinosa contou como ressurgira, para ele, a história da menina morta.

— E por que você está mexendo nisso depois de quase quarenta anos?

Ele fez um resumo da história de Hugo Breno, sem falar na morte da pensionista.

— A primeira história é muito triste; a segunda história é interessante. Mas é a primeira que te atormenta.

— As duas me perturbam. Eu estou presente nas duas histórias. Que na verdade, para mim, não são duas histórias, são episódios da minha própria história.

— Você está assombrado por um fantasma da sua infância, mas também está se sentindo perseguido por esse fantasma de hoje. Por sinal, interessante.

— O que é interessante?

— Esse homem... Hugo... O barato dele é se perder no meio da multidão... Para nada... Pelo prazer da multidão. Não é um ladrão. Não é um assassino...

— Quanto a isso há uma dúvida.

— Como assim?

— Ele é suspeito de ter empurrado uma velhinha debaixo de um ônibus.

— E por que ele faria isso? Para roubar a velhinha?

— Não. Esse é outro problema. Não conseguimos encontrar nenhum motivo para o crime.

— E viram ele empurrar a velhinha?

— Não. Ninguém viu.

— Espinosa, você me contou duas histórias-fantasma. Em nenhuma delas você tem a garantia de que ocorreu um assassinato, como em nenhuma delas você tem o assassino. Sem dúvida, duas pessoas morreram. Mas quem disse que foram assassinadas? O que está te assombrando nessas histórias?

— O fato de eu não distinguir as lembranças verdadeiras das lembranças que se sobrepõem às verdadeiras, ocultando-as. Tenho medo de estar usando a imagem do menino que Hugo Breno foi para ocultar outra imagem, que seria a do verdadeiro causador da morte da menina.

— E qual seria essa imagem verdadeira?

— Esse é o ponto. Poderia ser qualquer uma. Inclusive a minha própria.

— Está querendo me dizer que você, Espinosa, quando tinha doze anos pode ter causado a morte da menina?

— É uma possibilidade.

— Espinosa querido, que tal fazermos uma coisa bem concreta, gostosa e que também é cheia de fantasia?

Na manhã seguinte, enquanto tomavam café, Irene retomou a conversa da véspera.

— Antes de dormir, fiquei pensando nesse homem da multidão. Ele é muito interessante. Você disse que ele mora sozinho, não tem

amigos, não tem mulher, não fala com ninguém e que o grande barato dele é se meter no meio da multidão.

— É. Mas cuidado para não romantizar a figura. Chamamos de “o homem da multidão” por causa do conto de Poe, mas não passa de um funcionário da Caixa Econômica com algumas esquisitices.

— Com algumas esquisitices? Querido, quem tem algumas esquisitices é você, esse cara é todo esquisito. Mas não deixa de ser interessante. É absolutamente solitário, mas seu grande prazer é se meter durante horas no meio da mais compacta multidão, e durante esse tempo não fala com ninguém, não toca em ninguém. E você acha que ele jogou a velhinha debaixo do ônibus? E acha também que quando tinha onze anos ele jogou a menina escada abaixo? É pelo *modus operandi* que você está ligando os dois casos?

— Na...

— Desculpe, querido, piadinha de mau gosto. Não vamos mais falar nesse homem.

Não falaram mais em Hugo Breno, como não falaram mais na menina, mas nem por isso deixaram de pensar neles e sentir que a história estranha dos dois personagens estava presente como subtexto em tudo o que diziam. O domingo terminou sem maiores emoções, tocado pela luz suave de outono que entrava pela janela francesa da sala.

Manhã de segunda-feira. Tempo encoberto com temperatura em declínio, pancadas de chuva à tarde. Isso significava que a temperatura não oscilaria mais na faixa dos trinta, mas na faixa dos vinte graus. Bem melhor, pensou Espinosa. Deixou o jornal de lado e foi se vestir. Eram oito e dez da manhã e pretendia estar na delegacia às oito e meia.

Manhã de segunda-feira não é uma simples manhã; é uma espécie de sintoma do fim de semana. Em lugar de as pessoas chegarem descansadas e alegres para trabalhar, chegam se arrastando, como se o sábado e o domingo tivessem provocado nelas uma colossal ressaca sociofamiliar. Ramiro e Welber não escapavam à síndrome do primeiro dia útil da semana.

— Bom dia, delegado, o senhor nos chamou?

— Chamei. Qual de vocês vai seguir Hugo Breno hoje à tarde?

— Eu, delegado — disse Welber.

— Então, Ramiro, vá conversar de novo com dona Adélia, a amiga da dona Laureta. Ela disse que não conseguia se lembrar de tudo de uma só vez. Você esteve com ela na quarta-feira passada. Está na hora de ela tentar se lembrar de mais alguma coisa. Veja o que você consegue descobrir sobre a mãe de Hugo Breno.

A grande arma do inspetor Ramiro nas entrevistas era conseguir se fazer próximo do entrevistado, como uma espécie de primo que permanecera ausente durante anos ou um vizinho de tempos passados. Pessoas resistentes a falar com a polícia, depois de meia hora de conversa com ele faziam confidências como se estivessem conversando com um amigo de infância. E como esse clima favorável já fora estabelecido na visita anterior, a senhora de oitenta e dois anos, que se vestira para receber visita, desceu para conversar com Ramiro na sala de estar do hotel onde morava. O hotel ficava a apenas uma quadra do palácio do Catete. Não era um grande hotel, não tinha cinco estrelas, nem quatro, talvez três em algum guia da cidade. Mas ainda guardava alguns traços dos tempos em que era procurado por políticos que vinham do interior para um encontro no palácio, quando o Rio de Janeiro era também sede do governo federal.

— Boa tarde, inspetor, que bom que o senhor voltou.

— É um prazer para mim, dona Adélia. Só não vim antes para não aborrecê-la com assuntos policiais.

— Mas se até hoje nem falamos sobre assuntos policiais...

A discreta elegância da senhora se fazia presente também no modo como ela falava e escutava, e até mesmo na sua iniludível solidão. Não se queixava de ninguém, não lamentava a perda de nada e parecia procurar prazer nas menores e mais corriqueiras situações do cotidiano. A conversa com o inspetor Ramiro, é certo, estava bem além do seu cotidiano.

— Sinto que o senhor está à procura de alguma coisa que ainda não percebi claramente o que é.

— Eu mesmo não sei bem o que estou procurando. Sei apenas que tem a ver com a morte estranha de dona Laureta e com dona Alzira, a mãe de Hugo Breno, o funcionário da Caixa. A senhora sabe do que a mãe dele morreu?

— Sei apenas que foi uma morte repentina. Que eu me lembre, ela não estava doente. O senhor sabe que depois de certa idade os assuntos favoritos das conversas são as doenças e os remédios.

— E dona Laureta sofria de alguma doença crônica?

— Não. Pelo menos nada de grave. Ela era um pouco nervosa, nada mais.

— Como era esse nervosismo?

— Ela era... É difícil definir... Ela era elétrica, excitada.

— E dona Alzira?

— Ela eu conhecia menos, não era propriamente minha amiga, era conhecida da minha amiga Laureta, mas às vezes nos encontrávamos. Como nós três morávamos perto, acontecia de nos encontrarmos no supermercado ou mesmo na feira. Ela era uma pessoa esquisita.

— Esquisita como?

— Meio desconfiada, pouco amistosa, mas quando falava até fazia alguns desabafos sobre sua vida privada. Não fazia os desabafos se lamentando, tinha a ver com religião, uma coisa moral, como se estivesse em luta permanente contra uma ameaça.

— A senhora se lembra de algum desses desabafos?

— Não dos desabafos especificamente. Lembro do tema, que era sempre o filho e sua preocupação com ele. O que me causava espanto, porque o filho era um homem adulto, forte, saudável, com um bom emprego na Caixa Econômica... Eu não entendia o motivo de tanta preocupação.

— Ela não dizia qual era?

— Pelo que pude entender, não era algo que afetasse diretamente o filho, mas que afetava a ela, embora dissesse respeito ao filho. Era uma situação complicada. O filho, pelo que ela dizia, não se queixava de nada; ela é que se queixava, como se o filho carregasse um mal cujo efeito era sentido por ela e não por ele. Esse mal não era um mal físico, era uma culpa que ela cultivava pelo filho. Uma coisa difícil de entender.

— Ela morreu de acidente?

— Não. Acho que ela morreu de um mal súbito. Pode ter sido do coração, apesar de ela nunca ter dito que sofria do coração.

— E o filho, a senhora chegou a conhecer?

— Não. Vi uma ou duas vezes, mas de longe. Nunca nos falamos.

— A senhora disse ainda há pouco que nenhuma das três sofria de nenhuma doença grave, apenas de pequenos males da idade. Haveria alguma possibilidade de sua amiga dona Laureta ter uma doença grave sem que a senhora soubesse?

— Não. Se ela sofresse de alguma doença grave, eu saberia. Éramos muito amigas... E não tínhamos muito mais gente com quem falar... A não ser nossos médicos, é claro.

— A senhora acha que sua amiga seria capaz de se matar?

— Não. Decididamente não. Quando eu disse que ela era nervosa, não quis dizer que ela tivesse algum problema mental. Ela era uma pessoa que sempre estava fazendo coisas, era do tipo elétrico, mas nem um pouco maluca. Jamais cometeria suicídio. Pode estar certo de que ela não se atirou debaixo daquele ônibus.

A entrevista continuou ainda por algum tempo, mas Ramiro sabia que a chance de obter mais alguma informação útil era remota. Fez mais algumas perguntas complementares e deu por encerrado o encontro. A certeza da velha senhora quanto ao não-suicídio da amiga parecia dizer respeito mais a ela própria do que à amiga. Ninguém pode garantir que outra pessoa não cometerá suicídio, principalmente quando essa outra pessoa já passou dos oitenta anos e perdeu o marido e todos os parentes. As duas informações com possibilidade

de aproveitamento eram na verdade reafirmações das obtidas na entrevista anterior, ambas sobre d. Alzira, mãe do caixa.

Como a entrevista durara menos que o esperado, antes de retornar à delegacia Ramiro decidiu tentar mais alguma coisa no prédio da Siqueira Campos onde Hugo Breno morava. A estação de metrô do Catete ficava a uma quadra do hotel onde ele estava, e a estação da Siqueira Campos ficava igualmente a uma quadra do prédio de Hugo Breno. Mais facilitado, impossível.

O prédio de três andares havia sido construído num terreno que não tinha mais que seis metros de frente e era limitado nos fundos pela travessa Santa Margarida. Na portaria, apenas uma porta de duas bandas e um pequeno hall que terminava na escada. Não havia portaria propriamente dita, apenas uma campainha do lado de fora do prédio. Ramiro tocou algumas vezes e teve que esperar tanto tempo que já estava se retirando quando viu surgir um homem cujo estatuto não ficou logo claro. Não usava uniforme, mas também não parecia morador.

— Bom dia, o senhor é o porteiro?

— O senhor pode falar comigo mesmo.

O prédio não tinha porteiro, e sim uma espécie de zelador que desempenhava a função de faxineiro, porteiro, bombeiro e eletricista. Ele trabalhara como operário na construção do prédio quando ainda era muito jovem, e voltara anos mais tarde à procura de emprego. Não tinham nada regular para oferecer-lhe, mas estavam precisando de uma pessoa para fazer a limpeza e pequenos reparos. Aceitou ficar e nunca mais saiu. Nunca teve uma situação claramente definida nem do ponto de vista trabalhista nem do ponto de vista funcional. Não era porteiro, mas também não era faxineiro. Se dizia zelador. Tampouco era empregado regular do condomínio. Recebia um salário rateado entre os moradores e morava num quarto que originalmente fora um depósito do prédio. A situação provisória já durava vinte anos. Tudo isso foi contado a Ramiro pelo homem que se dizia zelador, quando Ramiro lhe perguntou se ele era o porteiro.

Ramiro agradeceu pela breve história e perguntou o nome dele.

— Me chamam de Pernambuco.

— Sou o inspetor Ramiro, da 12^a DP. Estou precisando falar com uma senhora que me disseram que mora neste prédio. É uma viúva que tem um filho que trabalha na Caixa Econômica.

— Pode ser a dona Alzira do primeiro andar...

— Ela tem um filho que trabalha na Caixa?

— Tem, sim senhor... Mas o problema é que ela morreu.

— Morreu? Faz muito tempo?

— Faz não. Foi no ano passado.

— O senhor sabe do que ela morreu? Era uma senhora tão forte.

— Era mesmo. Morreu de repente. Num dia estava boa, no outro amanheceu morta. O filho disse que foi do coração.

— E o filho, continua morando aqui?

— Continua. O apartamento agora é dele.

— E ele, o filho, como é?

— É calado. Quase não fala. Deve ter ficado triste quando a mãe morreu... É o que eu acho... Mas ele sempre teve o mesmo jeito.

— Qual jeito?

— Calado. Não conversa com ninguém. Só fala o que tem que falar, e pronto.

— E ele se dava bem com a mãe?

— Isso eu não sei não senhor.

— O senhor notou alguma coisa estranha entre eles?

— Entre eles, não. O que achei estranho foi que um dia depois de a mãe morrer ele passou a tarde queimando coisas dela. As roupas, ele me chamou e mandou dar para quem eu quisesse. E eu vi no chão da sala um monte de papéis, cadernos, blocos, todos com coisa escrita, que ele picava e jogava dentro de um balde de zinco. Depois eu vi ele tocar fogo em tudo. Quer dizer, não vi ele fazer isso, mas como ele mora no primeiro andar, da ladeira aqui atrás dá pra ver a

área externa dele. Durante toda a tarde saiu fumaça de lá. E eu vi ele jogando papel rasgado dentro do balde.

Welber chegou ao seu posto de observação meia hora antes das cinco e ficou esperando Hugo Breno sair para mais um de seus mergulhos na multidão. Ainda que estivesse preparado para qualquer aventura, Welber desejava ardentemente que ele não repetisse o percurso pelo Centro nem experimentasse novas aglomerações, mas que ficasse por Copacabana, mais à mão, sem complicações adicionais como o metrô. Às cinco para as cinco, Welber fixou o olhar na porta giratória da agência da Caixa e não o desviou dali para nada. Cinco horas. Cinco e um... e dois... e três... O detetive conferiu o relógio com o da loja onde estava: cinco e cinco. Alguma coisa tinha retido Hugo Breno na agência. Cinco e quinze. Talvez não tivesse fechado o caixa, alguma diferença de um real ou mesmo de centavos, e ele estava lá dentro sem poder sair até encontrar o erro. Cinco e meia. Não, não era uma questão de caixa, talvez tivesse passado mal. Seis horas. Todas as luzes se apagaram e a porta da agência foi trancada. Hugo Breno não tinha saído pela simples razão de que não estava lá dentro.

Welber foi direto para o prédio onde ele morava, na Siqueira Campos, e tocou a campainha para chamar o porteiro. Ao ouvir sua pergunta, ele disse:

— Seu colega já esteve aqui hoje à tarde perguntando pela mãe dele.

— Meu colega? Perguntando pela mãe dele? A mãe dele já morreu.

— Foi o que eu disse a ele.

— Esse meu colega disse o nome?

— Acho que é Ramires.

— Ramiro. Inspetor Ramiro.

— Isso mesmo. Se ele é inspetor, devia saber que a mãe do homem tinha morrido.

— É verdade, mas eu estou interessado no homem e não na mãe dele.

— Ele, eu não vi. Nem hoje nem ontem. Acho que nem trasantontem.

— Aproveitou o fim de semana e desapareceu.

— Desapareceu?

— Modo de falar. Talvez ele tenha viajado.

— Não vi ele sair de mala. Verdade que também não vi ele sair sem mala.

— Se ele aparecer aqui no prédio, qualquer que seja a hora, ligue pra mim. Meu nome é Welber. Este é o número do meu celular. Pode ligar a cobrar.

Welber voltou à delegacia. Tinha certeza de que não havia deixado escapar a presa. Só havia uma porta de acesso à agência da Caixa. Nenhuma saída nos fundos nem acesso interno aos andares superiores do prédio. E por aquela porta da frente ele não tinha saído. Voltaria à agência na manhã seguinte para saber se Hugo Breno tinha saído antes das quatro e meia. Enquanto isso, precisava relatar a Espinosa que o suspeito estava desaparecido.

— Desaparecido? Como, desaparecido?

— Não sei, delegado. Cheguei para a campana às quatro e meia. Ele sai todos os dias às cinco. Esperei até fecharem as portas e apagarem as luzes. Ele não apareceu.

— Ele pode ter se aproveitado da saída de várias pessoas para sair no bolo sem você ver.

— O acesso é por uma porta giratória. Só passa um por vez. E eu estava atento a todo mundo que saía.

— Será que ele não saiu disfarçado? — insistiu Ramiro.

— Só se ele fosse um gênio do disfarce. E mesmo assim, por que motivo ia se disfarçar, se podia sair livremente? E não é só isso. O

zelador do prédio onde ele mora não vê o sujeito desde sábado. Ele fugiu.

— Não pode ter tirado férias? — perguntou Espinosa.

— Seria muita coincidência, delegado. Amanhã de manhã vou voltar à agência e perguntar se ele faltou ao trabalho, entrou de férias ou se pediu uma licença médica.

Ramiro, por sua vez, fez um resumo das duas entrevistas daquela tarde, com dona Adélia, amiga da pensionista morta, e com Pernambuco, zelador do prédio de Hugo Breno.

Na primeira entrevista, as informações mais importantes foram sobre a mãe de Hugo Breno; na segunda, com o zelador, foi o relato que ele fez de Hugo queimando documentos, cartas e cadernos logo depois da morte da mãe.

— Na minha opinião, a mãe tinha deixado algum registro escrito da história do filho e do tal acontecimento que estava causando sofrimento nela. Minha dúvida é: até onde Hugo foi nessa queima de arquivo? — disse Ramiro.

— Você está supondo que ele matou a mãe? — perguntou Espinosa.

— É mais um sentimento do que uma idéia.

— Vamos ver o que Welber consegue apurar amanhã na Caixa. Dependendo do resultado, apertamos o cerco em torno dele.

Na manhã seguinte, Welber confirmou o que já suspeitavam. Hugo Breno não fugira, pelo menos não literalmente; apenas pedira para tirar metade das férias a partir da segunda-feira, ganhando assim o sábado e o domingo. Já gozava, portanto, de seu terceiro dia de férias, o que significava que naquele momento podia estar em qualquer parte do globo.

Eram quase onze da manhã quando Espinosa chamou Ramiro e Welber e pediu-lhes que fechassem a porta do gabinete para não serem perturbados.

— Acho que já dispomos de material suficiente para colher o depoimento de Hugo Breno... Assim que ele voltar das férias, é claro.

Ninguém sabe para onde ele foi. Mas acho que ele volta. Não vamos chamar de depoimento, mas de procedimentos preliminares, e dizer a ele que estamos tentando reunir informações. O que é verdade. Enquanto isso, ainda há alguns fatos que não deverão fazer parte do inquérito, mas é importante que vocês tomem conhecimento deles. O que vou contar aconteceu quando eu tinha doze anos de idade e o homem que estamos investigando, Hugo Breno, tinha onze. São lembranças que foram surgindo depois do que Chaves encontrou nos jornais da época e depois de algumas conversas que tive com um homem chamado Onofre, que era, e ainda é, zelador do prédio onde foi morta uma menina de onze anos. Ela era nossa colega de brincadeiras.

Espinosa contou o mais detalhadamente possível o episódio da morte da menina, acompanhado dos comentários da época e complementados pelos comentários atuais do zelador Onofre, seguidos de suas próprias suspeitas sobre o envolvimento de um dos meninos do bairro no acidente.

— Vejam bem. Na época, não houve nada que incriminasse diretamente nenhuma das crianças do grupo. Não houve também, e isso eu só compreendi agora, nenhum sinal de violência sexual contra ela. Tudo indicava que a queda da menina na escada fosse um acidente. O que houve foram boatos, histórias, comentários, sugerindo que ela não estava sozinha. Trinta e tantos anos depois, uma senhora confia a uma amiga que carrega na consciência uma culpa irreparável e um grande sofrimento por um crime cometido pelo filho. Essa senhora é a mãe de Hugo Breno. Éramos um grupo de uns dez meninos, aos quais se juntavam, dependendo da natureza do jogo, algumas meninas. É impossível apontar papéis e atribuições a pessoas depois de tanto tempo, principalmente levando-se em conta que eu próprio estava envolvido. Não estou querendo incriminar hoje um garoto de onze anos que estaria envolvido na morte de uma menina da mesma idade, morte essa que foi considerada acidental. Estou apenas procurando me colocar no lugar desse menino para tentar entender fatos relacionados com ele hoje. Não há evidência de que Hugo Breno seja responsável por nenhuma das mortes a que fizemos

referência. É possível, portanto, que nós três tenhamos sido presas de nossas próprias fantasias e que Hugo Breno, em vez de culpado, seja na verdade vítima de cabeças doentias. As nossas. Por mim, prefiro que essa seja a conclusão do caso. No entanto, como policiais, dispomos de elementos que podem compor não uma trama fantástica, mas uma trama real desenvolvida ao longo de quase quarenta anos, envolvendo três mortes. Hugo Breno, quando criança, teria participado de alguma forma da morte da menina; anos mais tarde, já adulto, teria descoberto que a mãe sabia disso e que contara para dona Laureta; meses depois, a mãe de Hugo Breno morre em circunstâncias desconhecidas; passado um ano ele mata dona Laureta, eliminando a última testemunha do seu crime infantil. Confesso a vocês que quanto mais tento esclarecer essa história, mais misteriosa e inverossímil ela se torna. Tanto seu pressuposto — Hugo Breno, quando menino, ter causado a morte da menina — como sua conclusão — Hugo Breno ter empurrado dona Laureta para debaixo do ônibus — me parecem fora da realidade. A começar pelo motivo. Por que e como uma criança de onze anos mataria sua amiguinha? É claro que ela caiu na escada e bateu com a cabeça no degrau de mármore. Um acontecimento terrível, mas sem dúvida accidental. Nesse caso, por que a culpa? Da mesma forma, mesmo que a mãe tivesse desenvolvido um sentimento de culpa pela suposta participação do filho no episódio, por que esse menino, trinta e tantos anos depois, mataria uma velha já próxima do seu fim natural pelo simples fato de ela ter ouvido a mãe contar a história? A versão mais realista e factual do nosso caso ainda é incomodamente estranha. Temo que não seja um caso, mas um delírio coletivo.

Ficaram os três sentados, ruminando as próprias idéias, sem saber o que dizer e fazer.

— Vamos almoçar — propôs Espinosa.

* * *

Foram os três almoçar, só que cada um para o seu lado, como se precisassem ficar sozinhos para pensar sobre o que fora falado naquela manhã. Welber foi almoçar em casa, coisa que passara a fazer desde que se mudara para Copacabana, e também porque assim

Selma podia controlar o tipo de alimento ideal para a saúde dele. Ramiro preferiu economizar e comeu um sanduíche acompanhado de uma vitamina no bar em frente. Espinosa foi para a *trattoria*.

Terminado o almoço, saiu do restaurante, a caminho da delegacia, por um trajeto não usual e certamente mais longo. Primeiro, porque precisava pensar, e pensava melhor andando do que sentado com a mão no queixo; segundo, porque queria dar uma olhada na vizinhança do prédio de Hugo Breno. O tempo continuava nublado e a temperatura, amena. Espinosa pegou a avenida Atlântica, andou quatro quadras, dobrou à direita na Siqueira Campos e subiu até a estação do metrô, na esquina da rua Tonelero, onde a Siqueira Campos se bifurca, dando início à ladeira dos Tabajaras. A quadra do lado direito de quem continua pela Siqueira Campos era onde ficava o prédio de Hugo Breno. Uma região não muito simpática, perto de um shopping center decadente, repleta de botequins e oficinas de automóvel e junto à subida para a favela dos Tabajaras. Na esquina seguinte, a poucas quadras da praia de Copacabana, havia um pequeno e simpático hotel para estrangeiros em busca de hospedagem barata, mas que abrigava também nativos que desejam um quarto e uma cama, como num albergue, a dois passos da estação do metrô. Um bom local para alguém se esconder por uns dias. Contornou a quadra pela travessa Santa Margarida e parou no ponto de onde o zelador vira fumaça saindo da área dos fundos do apartamento de Hugo Breno, o que fizera o funcionário do prédio supor que o filho estivesse queimando os papéis da mãe. A travessa desemboca na ladeira dos Tabajaras, perto de um ponto de moto-táxi. Espinosa percebeu que alguns rapazes do ponto o haviam reconhecido. Desceu a ladeira até a Siqueira Campos e tomou o rumo da delegacia. Talvez Hugo Breno tivesse queimado os papéis da mãe não por serem comprometedores, mas por serem inúteis.

Welber e Ramiro pensaram em todas as hipóteses para tentar localizar Hugo Breno. Isso depois de haver falado com cada um dos seus colegas na Caixa e com os gerentes aos quais era subordinado. Nenhum deles nem sequer sabia em que bairro ele morava, quanto mais onde fora passar as férias. Esgotadas as possíveis fontes de

informação, passaram então ao plano das hipóteses. Desistiram ao perceber que todas as hipóteses eram plausíveis, o que significava que não havia hipótese. Hugo Breno gostava de multidão, mas vivia absolutamente só. Podia estar passando as férias em São Paulo ou numa cabana isolada no alto da serra dos Órgãos. Não havia o que fazer a não ser esperar que voltasse à Caixa Econômica.

O caso de Hugo Breno não era evidentemente o único investigado pela 12^a DP, nem o mais importante. Assim, durante as duas semanas de férias do suspeito, o trabalho na delegacia continuou no seu ritmo normal, até que no domingo, véspera do dia em que Hugo deveria voltar ao trabalho, Welber recebeu um telefonema a cobrar. Era Pernambuco, avisando que Hugo Breno havia chegado no sábado à noite. Se tinha voltado para casa, era sinal de que voltaria ao trabalho no dia seguinte. Welber telefonou para Espinosa e o delegado concordou que se ele estava em casa sem se preocupar em fazer segredo da sua volta era porque estaria na Caixa na manhã de segunda-feira. Não havia razão para detê-lo para interrogatório no domingo à tarde.

A segunda-feira amanheceu com sol forte e temperatura em elevação. Pela janela, Espinosa tinha uma ampla visão do azul do céu sobre o morro São João. Acabara de tomar café e estava confirmando na página do tempo no jornal o que já verificara ao vivo: tempo bom com temperatura em ligeira elevação. Gostava de tempo bom, mas não de temperatura elevada. Apesar de ter nascido no Rio, não gostava da temperatura do verão carioca. Achava que a melhor estação da cidade era o inverno. Dias lindos com temperatura abaixo de vinte e cinco graus.

Quando chegou à delegacia, Welber e Ramiro já o esperavam. Orientou-os quanto à forma de abordar Hugo Breno na agência da Caixa e aos cuidados que deveriam tomar com os superiores dele para que o dispensassem pelo resto da manhã. Sobretudo, não queria assustar Hugo Breno. Não tinham nenhuma prova contra ele, apenas indícios, e não queria jogar fora o pouco que tinham.

Eram dez e meia quando Welber e Ramiro voltaram à delegacia acompanhados de Hugo Breno. Apesar de o estar esperando, Espinosa sentiu-se surpreendido e tocado pelo fato de ter à sua frente aquele homem com quem brincara quando criança na praça do Bairro Peixoto. Era visível o embaraço que se instalou logo no primeiro instante. Claro que Hugo sabia quem ele era, e claro que sabia que ele, Espinosa, também sabia quem Hugo era. O que fazer? Cumprimentarem-se como velhos amigos? Relembrar os tempos de infância? Comentar como o bairro e a cidade haviam mudado?

Espinosa se levantou, cumprimentou o recém-chegado e convidou-o a se sentar.

— Você não está sendo detido nem está sendo intimado a prestar depoimento. Creio que o inspetor Ramiro e o detetive Welber deixaram claro que você está sendo convidado apenas a prestar

alguns esclarecimentos nesta fase preliminar da investigação. Caso não se sinta à vontade ou esteja se sentindo coagido, pode se levantar e ir embora a qualquer momento.

— Não estou me sentindo coagido. Estou à disposição de vocês.

Hugo Breno sentou-se na cadeira mais próxima de Espinosa enquanto Ramiro e Welber sentaram-se mais afastados.

— Ótimo. Nada do que dissermos aqui será gravado, e também não tomaremos notas — disse Espinosa. — Se necessário, isso será feito em outro momento. Estamos investigando a morte de uma senhora de oitenta anos, pensionista da Previdência e cliente da Caixa Econômica onde você trabalha. O nome dela é Laureta Sales Ribeiro. Essa senhora foi atendida por você de manhã e morreu sob as rodas de um ônibus à tarde, em circunstâncias que não foram totalmente esclarecidas.

— E você está supondo que eu possa esclarecê-las.

— E pode?

— Delegado Espinosa, quem é pago para esclarecer supostos assassinatos é a polícia, não os bancários. Não investigo crimes nem os cometo, se é isso que você está sugerindo.

— Não estou sugerindo que você tenha cometido crime nenhum.

— Então por que fui trazido aqui por dois policiais que foram me buscar no meu local de trabalho?

— Porque há indícios de que sua relação com a pensionista não se restringia aos encontros mensais no guichê da Caixa...

— Então esses indícios são falsos.

— ... e outros que apontam para a ligação entre a pensionista e sua mãe.

— E o que isso tem a ver com a morte da pensionista?

— Essa é uma das coisas que gostaríamos de saber.

— Você está insinuando que a morte de dona Laureta teria a ver com o fato de ela ter sido amiga da minha mãe?

— Eu apenas disse que a pensionista e sua mãe eram amigas.

— Assim como possivelmente eram amigas de outras senhoras. O que se pode concluir dessa incrível constatação?

— Provavelmente nada além do fato de elas serem pessoas sociáveis. Mas não é nas outras senhoras que eu estou pensando, e sim na relação entre dona Laureta e sua mãe... e que tipo de confidências elas podem ter trocado.

— Delegado, minha mãe era uma pessoa muito fantasista e muito religiosa. O que ela pode ter contado para uma senhora de oitenta anos, há mais de um ano, e de que maneira essa senhora teria ouvido essa confidência, não pode ser considerado um indício sério de coisa nenhuma.

— E o que você acha que ela pode ter confidenciado?

— Tudo o que pode dizer respeito à maldade humana.

— E isso incluiria possíveis maldades do próprio filho?

— Minha mãe morreu faz muito tempo. Mesmo que alguma confidência dela para dona Laureta pudesse me comprometer, por que diabos, passado tanto tempo, eu iria empurrar essa senhora para baixo das rodas de um ônibus?

— Talvez pelos diabos...

— Como?

— Foi o que você disse: por que diabos...?

— Delegado, você não pode estar falando sério.

— Mas estou. Claro que não estou pensando que Lúcifer em pessoa tenha ordenado que você provocasse o acidente que vitimou a pensionista. Mas há diabos e diabos. Quero dizer, há os diabos das alegorias religiosas e há os demônios que habitam nossa interioridade. Acredito mais no poder destes últimos do que no dos primeiros. Não sei a qual dos dois você estava se referindo.

— Não posso acreditar que isto seja um interrogatório policial.

— E de fato não é. É uma conversa cujo objetivo é eliminar toda ambigüidade que tenhamos encontrado na sua relação com dona Laureta.

— Que tipo de ambigüidade?

— Quanto à natureza dessa relação e quanto a uma participação sua, voluntária ou involuntária, no acidente que resultou na morte dela.

— Ou seja, se foram os meus demônios ou os de outra pessoa que causaram o acidente.

— É uma forma suave de apresentar a questão... Para isso servem as alegorias.

— Delegado Espinosa, não creio que haja questão alguma... No máximo, algumas conjecturas confusas sobre a morte de uma senhora, nas quais você não sabe como me incluir nem como me excluir. Além do mais, quem está fazendo uso de alegorias é você, ao tentar preencher as lacunas do seu raciocínio com diabos e demônios. Acho que vocês não dispõem de material suficiente, ou consistente o bastante, para instaurar um inquérito policial. Se estamos aqui conversando, nem é para matar saudades do nosso tempo de criança nem é porque vocês tenham alguma acusação contra mim. Se tivessem, isto não seria uma conversa, seria um interrogatório policial. Proponho então o seguinte: em nome da nossa amizade de infância, vamos interromper esta entrevista e retomá-la mais adiante... Se possível sem testemunhas... Sobretudo se a conversa retroagir e abarcar o tempo em que éramos meninos.

— Você acha que ela deve abarcar esse tempo?

— Por mim, nenhum problema. A não ser que você tenha medo dos seus demônios. — Hugo Breno levantou-se. — Bom dia, delegado Espinosa. Bom dia, detetives. — E caminhou em direção à porta.

Ramiro e Welber fizeram um movimento automático no sentido de detê-lo, mas Espinosa levantou de leve a mão, para que o deixassem sair, o que Hugo Breno fez sem pressa e sem nenhuma expressão de indignação. Assim que ele se foi, Espinosa comentou:

— Ele vai voltar. Ele mesmo vai tomar a iniciativa de nos procurar. Tem necessidade de falar. E tudo indica que está mais interessado em falar sobre o seu passado do que sobre o presente. Foi ele quem fez

referência à infância, não tínhamos tocado no assunto. E tenho certeza de que não será apenas sobre a infância dele que pretende falar, mas sobre a minha também.

— Estávamos em dúvida se o senhor já o conhecia porque também morava no Bairro Peixoto.

— Fomos colegas de brincadeiras no bairro quando tínhamos onze e doze anos de idade.

— O senhor não tinha falado sobre isso.

— Eu não sabia, ou melhor, ainda não sabia que era verdade.

Ramiro e Welber franziram a testa e olharam para o delegado.

— Vocês perguntaram onde ele foi passar as férias?

— No interior de Minas... Num mosteiro... Meditando.

— Ou no meio da multidão, ou recolhido a um mosteiro. Eis o homem.

— Achei artificial... — disse Welber.

— O que você achou artificial? — perguntou Espinosa.

— A atitude segura dele. Não ter demonstrado nenhum sinal de estar intimidado. Afinal, havia três policiais nesta sala, mas parecia que eu e o Ramiro nem estávamos aqui. Ele só estava interessado no senhor. Acho que ele já esperava por isso e se preparou para o encontro.

— Ele não me pareceu nem um pouco preocupado com o suposto assassinato da pensionista — disse Espinosa. — Mas me pareceu bastante interessado em abrir uma porta para falarmos sobre a sua infância, e com isso me colocar do lado dele, no mesmo plano, ambos como objeto de interesse da polícia. Não estamos lidando com um bancário quadrado e limitado. Ele pode ter hábitos estranhos, mas é inteligente e articulado. Vamos esperar que entre em contato. Meu palpite é que ele vai fazer isso no máximo em três dias. Se até quinta-feira ele não nos procurar, nós iremos até ele de novo.

Na quarta-feira, assim que chegou à delegacia, Espinosa encontrou em sua mesa um envelope pequeno com o logotipo da Caixa

Econômica. Destinatário: Delegado Espinosa. Não havia remetente. Dentro, um bilhete escrito à mão: “*Podemos nos encontrar fora da delegacia, em um lugar neutro, para uma conversa livre e sem limite de tempo. Caso concorde, mande entregar este mesmo envelope no meu guichê da Caixa com a indicação do dia, hora e local*”. O bilhete não estava assinado.

Ramiro e Welber achavam que o delegado não devia aceitar se encontrar sozinho com um possível assassino num lugar neutro, quer dizer, não controlado por eles, e por um tempo ilimitado. O que ele queria dizer com “*sem limite de tempo*”? Que a conversa poderia varar o dia e seguir noite adentro?

— Delegado, esse homem é louco. Basta ver o comportamento dele — disse Welber. — Parecia um boneco... um robô.

— A fala dele não me pareceu a fala de um louco.

— Ele não consegue manter a coerência por mais de quinze minutos. Por isso foi embora. Sabia que não resistiria a um confronto — acrescentou Ramiro.

— O que vocês acham que pode acontecer? Ele me matar? Se quisesse fazer isso, já teria feito há muito tempo. Ele não quer me matar, quer que eu o reconheça como um igual. E para isso eu preciso estar vivo. Fiquem tranquilos, não há perigo.

— Delegado, ele empurrou a velha para baixo do ônibus, acredite. E não sabemos mais o que ele pode ter feito durante todo esse tempo de reclusão voluntária. Nem o que terá feito com a mãe.

— Nenhuma testemunha o aponta como responsável pela morte de dona Laureta, muito menos pela morte da mãe. Quero ouvir o que ele tem a dizer. Um de vocês dois me faça uma reserva para duas pessoas num pequeno hotel que fica no Bairro Peixoto, a meio caminho entre o prédio dele e o meu. É um lugar discreto e tranquilo. Façam a reserva para depois de amanhã, sexta-feira. Quero um apartamento de frente para a rua. Mande substituir as duas camas por duas poltronas confortáveis e uma mesa. A reserva deve ser feita em meu nome. O gerente me conhece. Depois, eu mesmo pago a conta, quando sair. Nada de dinheiro da delegacia. Não será uma ação

oficial. Não quero vocês hospedados no quarto ao lado nem espiando do prédio em frente. Se ele perceber que está sendo monitorado, aí, sim, pode ficar violento. Para todos os efeitos, se perguntarem por mim aqui na delegacia, digam que precisei me internar por um dia para exames médicos. Vocês não sabem o nome do hospital.

Na tarde da própria quarta-feira, Welber se encarregou de ir até o pequeno hotel do Bairro Peixoto verificar se havia algum quarto vago na sexta-feira seguinte. Quando o gerente soube que a reserva seria feita para o delegado Espinosa, garantiu que um apartamento com as especificações pedidas por ele estaria à disposição do delegado a partir das dez horas da manhã de sexta. O gerente já conhecia Espinosa desde muito antes de ele se tornar delegado da 12ª DP, situada a poucas quadras do pequeno hotel.

Antes de voltar à delegacia, Welber verificou o acesso do térreo aos dois andares superiores, e também se havia uma porta de comunicação entre o apartamento em que eles ficariam e o apartamento ao lado. Verificou ainda se havia possibilidade de alguém escalar a parede externa e chegar à pequena varanda do apartamento. Inspeccionou cada recanto do prédio, o que não era difícil dado o seu tamanho, e conversou com os empregados encarregados da limpeza, indagando quantos estariam trabalhando na sexta-feira e sobre a rotina do serviço.

Welber ainda não conversara com o inspetor Ramiro sobre obedecerem ou não à ordem de Espinosa para se manterem longe do hotel. A idéia era combinarem uma campana, a fim de terem a situação sob controle. A dúvida era se conseguiriam persuadir Espinosa a concordar com a medida.

Na noite de quarta para quinta, antevéspera do encontro, toda a equipe da 12ª DP se viu mobilizada por uma guerra entre traficantes pela disputa do comando do tráfico no morro Chapéu Mangueira, no até então pacato bairro do Leme, no começo da praia de Copacabana. Na quinta-feira, os policiais estavam todos insones, inclusive o delegado Espinosa, que procurou dormir mais cedo para estar em condições de realizar o confronto com seu antigo colega de infância.

Num bilhete econômico, Hugo Breno aceitara encontrar-se com o delegado no hotel.

Antes de dormir, Espinosa repassou os vários elementos que compunham o caso Hugo Breno — caso que tinha uma história e uma pré-história. Espinosa começava a achar que a pré-história adquiria cada vez maior importância para o desvendamento dos acontecimentos atuais.

Estava cansado da noite anterior maldormida — ou não dormida —, mas não sentia sono. Ainda era cedo. Se conseguisse dormir imediatamente, acordaria no meio da madrugada, o que seria bem pior do que esperar um pouco mais e ir para a cama quando o sono chegasse. Pensou em ligar para Irene, mas desistiu; dependendo da conversa, poderia ficar ainda mais desperto e excitado. Pegou o primeiro livro da pilha de espera sobre a mesinha, acomodou-se na cadeira de balanço e abriu na página marcada. Tornou a fechar o livro, olhou a capa, o título e o nome do autor. Retornou à página marcada, mas não se lembrava do que havia lido nas páginas anteriores. Cansaço, pensou. Excesso de tensão na noite anterior. Trabalho acumulado durante o dia. Aos poucos, foi parando de pensar e cochilou. Levantou-se e foi para a cama, procurando não pensar em mais nada.

Espinosa acordou assustado, como se uma sirene tivesse sido acionada, convocando todos os maldormidos, fatigados, céticos e solitários para mais um dia de trabalho. Era sexta-feira. Tomou um banho quase frio, contra os seus hábitos, numa tentativa de eliminar os resíduos do dia anterior. Às oito estava a caminho da delegacia. Não havia mais nada a preparar. Aliás, não havia preparação possível, ele sabia perfeitamente que estava diante do imprevisível; que a conversa tanto poderia se transformar numa lamentação ressentida como ser um debate em *crescendo* cujo desenlace era impossível antecipar. Hugo Breno daria o tom do encontro. Caberia a ele, Espinosa, direcionar ou redirecionar a conversa conforme seu interesse.

Assim que chegou à 12^a DP, deu ordens para não ser interrompido, nem pessoalmente nem por telefone, e determinou a Welber e a

Ramiro que não fossem para o hotel nem ficassem nas cercanias com o intuito de lhe dar proteção. Hugo Breno era comprovadamente um solitário, não tinha comparsas nem fazia parte de nenhuma quadrilha. Qualquer coisa que viesse a tentar seria uma ação individual, sem auxílio externo. Espinosa considerava-se capaz de se defender de uma agressão física (altamente improvável, em sua opinião), até porque estaria armado.

Haviam combinado de se encontrar às dez horas no saguão do hotel, e ele pretendia chegar meia hora antes, para ver se tudo estava de acordo com as instruções dadas a Welber e repassadas ao gerente.

Às nove e meia de uma manhã sem sol, Espinosa subia a rua Décio Vilares, no Bairro Peixoto, em direção ao prédio de três pavimentos em estilo colonial, branco com janelas azuis e uma palmeira na frente, onde se hospedara algumas vezes por motivos domésticos e profissionais. Foi recebido pelo gerente, que informou discretamente que o outro hóspede ainda não tinha chegado, e o convidou a verificar se o apartamento estava como ele havia pedido. Espinosa perguntou se algum hóspede dera entrada na véspera ou na antevéspera e se havia aparecido alguém querendo ver os apartamentos. Por último, perguntou se os pedidos de bar e cozinha eram entregues no apartamento por empregados homens ou mulheres. Em seguida, percorreu as duas entradas laterais e a parte de serviço.

Às dez horas, Espinosa estava sentado na sala de estar do hotel. Às dez horas, chegou Hugo Breno. Estava vestido com jeans, tênis e camisa quadriculada para fora da calça. Não trazia nada nas mãos. Espinosa dirigiu-se até ele e apresentou-o ao gerente como sendo um amigo. O gerente pegou a chave do apartamento.

— Os senhores vão precisar de uma chave extra?

Os dois se entreolharam, Hugo Breno levantou os ombros num sinal de indiferença e Espinosa respondeu:

— Obrigado, uma chave é suficiente. — Em seguida, olhando para o recém-chegado, acrescentou: — Vamos subir?

As duas poltronas haviam sido postas uma defronte da outra, próximas à janela e à porta que dava para a varanda. Havia uma pequena mesa de centro entre elas. Hugo Breno examinou o banheiro e o interior do armário; somente então escolheu uma das poltronas e se sentou. Até então, Espinosa permanecera de pé, aguardando seu interlocutor.

— Obrigado por aceitar esta conversa, que considero privada e não oficial — começou Hugo Breno. — Sei que não é um procedimento usual e suponho que ela esteja acontecendo porque nos conhecemos desde crianças... E também por vocês não terem nada contra mim, além de algumas frágeis suspeitas.

— As duas suposições estão corretas — respondeu Espinosa.

— Por que então esse cerco que vocês estão me fazendo, a ponto de me obrigar a antecipar parte das minhas férias para poder pensar no que está acontecendo sem ter um policial me vigiando e fazendo perguntas por todo lado?

— Porque, apesar de cada uma dessas suspeitas ser frágil, o conjunto delas é perturbador.

— Perturbador para quem?

— Para nós, da polícia.

— Pode me dar um exemplo de uma dessas coisas perturbadoras?

— Posso. O fato de você ter dito aos meus auxiliares que seu contato verbal com dona Laureta tinha se restringido ao pagamento da pensão. Você chegou mesmo a reproduzir a troca de palavras. No entanto, as câmeras de segurança mostram uma conversa muito mais extensa e aparentemente áspera entre você e ela. Há também o fato de que outras conversas como essa ocorreram nos três últimos meses. Outro elemento não desprezível é que, na tarde do mesmo dia em

que vocês se falaram e em que ela morreu, dona Laureta foi à minha delegacia para falar com o delegado, que ela nem sabia quem era; queria comunicar algo que julgava muito importante, a ponto de só aceitar ser atendida pelo próprio delegado, e por mais ninguém. Como eu não pude vê-la na hora, ficou de voltar mais tarde. Por fim, temos o fato de que dona Laureta, antes de voltar à delegacia, morreu atropelada enquanto esperava o sinal abrir para os pedestres numa esquina da rua Barata Ribeiro, o que seria considerado um acidente não fosse algumas testemunhas terem declarado que a senhora pareceu ter sido empurrada para o meio da rua. Concordo que nada disso o incrimina diretamente, mas, convenhamos, são fatos perturbadores.

— Delegado Espinosa, você por acaso está achando que se duas pessoas trocam algumas palavras absolutamente necessárias numa retirada de dinheiro e uma delas vem a morrer, isso significa que foi a outra que a matou? Eu sou caixa de um banco pagador da Previdência. As pessoas vão todo mês ao mesmo banco, e em geral ao mesmo caixa, receber sua pensão ou sua aposentadoria. Há anos essa senhora recebia sua pensão no meu guichê. Nunca conversei com ela fora da Caixa. Por que iria matá-la? E por que agora, e não no mês passado, ou no ano passado?

— Não sei. Se soubesse, você estaria preso.

— Como também ninguém me viu empurrá-la para a rua. Alguém até poderia ter me visto na calçada da Barata Ribeiro, perto do local onde ela morreu. É o caminho para a minha casa. Faço todos os dias esse percurso.

— Não é verdade que você a conhecia na qualidade de cliente da sua agência da Caixa. Ela era amiga da sua mãe e as duas conversavam frequentemente e, segundo informações que tivemos, eram confidentes.

— Já falamos sobre isso. Dona Laureta era amiga da minha mãe. Não era minha amiga. Ela falava com a minha mãe, não comigo. Repito, nunca conversei com aquela senhora fora da agência da Caixa Econômica.

— E dentro da Caixa Econômica?

— Minha função é atender pensionistas e aposentados. Eles são milhares. Essas pessoas não são minhas amigas, não vão lá para bater papo comigo. Se você pensa que os velhinhos e as velhinhas são pessoas bondosas, simpáticas, amistosas e gentis, está redondamente enganado. São neurastênicos, chatos, irritadiços, reclamões e agressivos. São as últimas pessoas que eu escolheria para conversar.

— No entanto, pelo que vimos nas gravações, vocês dois chegaram a manter conversas muito mais longas do que as necessárias para um pagamento de pensão.

— Eu nunca falei com ela mais do que o absolutamente necessário.

— Então...

— Então, delegado Espinosa, quem falava mais do que o necessário era ela.

— Além de ir à Caixa para receber a pensão, ela ia também para falar com você. E não era uma fala agradável e amistosa.

— Eu sabia que você não ia me decepcionar, delegado... Agora, sim, está no caminho certo.

— Ela não era a velhinha boa, era o lobo mau.

— Acertou. Ela estava me chantageando havia mais de um ano. Não era uma grande chantagem, nada que pudesse resultar em assassinato. Era uma merda de uma chantagenzinha pequena, mesquinha, suja, que ela aplicava em doses homeopáticas, todas as vezes que ia lá, e com a qual obtinha um pequeno aumento na pensão. Obviamente esse acréscimo saía da minha conta e não da conta do governo. E ela sabia disso. Sabia que eu não podia pagar com o dinheiro da agência, porque isso apareceria no final do dia, no fechamento do caixa.

— E o que dava a ela esse poder sobre você?

— As conversas que teve com minha mãe.

— Com sua mãe?

— As duas eram iguais. Variavam apenas no estilo.

— Você está dizendo que sua mãe também te chantageava?

— Como eu disse... Apenas o estilo era diferente. Podemos pedir um café?

Os dois continuavam sentados quase na mesma posição desde o início da conversa. Quando Hugo Breno se levantou e olhou a rua pela janela, Espinosa foi até a varanda fazer o mesmo e aproveitou para varrer aquele pedaço de rua com o olhar, à procura de algum sinal da presença de Welber ou de Ramiro. Mas não havia nada além de moradores andando pelas calçadas e carros estacionados, e nenhum dos dois estava dentro deles.

Passados alguns minutos, ouviram batidas discretas na porta. Uma moça trazia uma bandeja com um bule de café, xícaras e biscoitos. Enquanto tomavam café, a conversa girou em torno das mudanças sofridas pelo Bairro Peixoto desde o tempo em que os dois jogavam futebol na praça. Espinosa teve a impressão de que seu antigo colega de brincadeiras era um bom debatedor, mas que não era capaz de sustentar uma conversa descompromissada. Tudo indicava que sua vida social era mesmo nenhuma. Sem dúvida ali estava um homem sem amigos e que só se sentia bem no meio da multidão. Não havia espaço para conversa-fiada. O café estava gostoso e ambos se serviram de mais uma xícara. Cada qual pegou um biscoito antes de retomar o confronto.

— Você estava dizendo que sua mãe também te chantageava.

— Não no sentido de me ameaçar ou de me tomar dinheiro, mas no sentido de me inculpar e de me cobrar pela culpa que ela própria sentia. Na conversa que tivemos na delegacia, você falou sobre demônios. Pois bem, minha mãe era uma pessoa demoníaca. Era ainda pior do que dona Laureta, porque se apresentava sob o manto da religiosidade e da fé no Senhor. Era um tipo nefasto.

— Era sua mãe.

— Não era mãe de ninguém, só sabia ser filha. E o único pai que ela reconhecia era Deus Pai. Não sei como conseguiu engravidar.

— Você não está sendo excessivamente duro com ela?

— Você não imagina até que ponto e por quanto tempo ela me tiranizou e me ameaçou. Uma tirania diária desde os meus onze anos, que só terminou quando ela morreu.

— Do que ela morreu?

— Do coração, disse o médico. Órgão que nunca teve.

— Você estava presente?

— Sim e não. Ela morreu dormindo, no quarto dela. Eu estava dormindo no meu. Só percebi quando acordei e vi que o quarto dela continuava fechado. Ela sempre acordou muito cedo.

— Como você sabe que ela estava dormindo, se você também dormia?

— Não sei. Eu supus. Mas não precisa se preocupar com isso. Se eu tivesse acordado com algum barulho dela e percebesse que ela estava tendo um ataque cardíaco, provavelmente não teria tomado nenhuma providência.

Espinosa não percebia nele nenhuma agitação. O que Hugo Breno estava dizendo não vinha acompanhado de emoção. Não havia tristeza nem frieza. O que ele manifestava era indiferença. Depois de tantos anos de lavagem cerebral, o que restara da relação com a mãe não era nem amor nem ódio, tampouco a inexpressividade do autocontrole: era pura indiferença. O tom da fala não se alterava de acordo com o significado do que era dito. As palavras tinham significado, mas não intensidade.

— Você sabe que omissão de socorro também pode ser considerado crime.

— Claro que sei. Acontece que eu estava dormindo, e tenho um sono pesado. Nossa rua é barulhenta, e nunca acordei durante a noite por causa de buzina de carro, ronco de motocicleta ou tiroteio em favela. Mesmo que ela me pedisse socorro, com a porta do quarto dela e a do meu fechadas, eu não teria escutado nada.

— Você disse que a tirania que ela exerceu sobre você teve início quando você tinha onze anos. O que aconteceu quando você tinha

essa idade?

Hugo Breno silenciou por alguns segundos, como se estivesse decidindo se responderia ou não, mudou de posição na cadeira e pegou mais um biscoito. Espinosa sabia que ele ia responder. O que não sabia era se a hesitação era verdadeira ou uma encenação para valorizar a resposta. Reforçou a pergunta:

— Combinamos que esta seria uma conversa privada. Não estou fazendo anotações, não há gravador nem escuta.

— Não são coisas fáceis de dizer. Algumas pelo conteúdo, sem dúvida, embora agora, depois de todos esses anos, tenham perdido grande parte de sua carga emocional. Mas o que torna a narrativa difícil é que não posso mais garantir a verdade do que eu disser. Mesmo a precisão dos detalhes pode ser falsa ou não inteiramente verdadeira. Seria impossível reter com clareza fatos que aconteceram há tanto tempo. Noite após noite pensei nessa história. De tanto refazer cada detalhe, já não sei se a versão que tenho hoje coincide com o acontecimento original. A única coisa que tenho como certa é que você também faz parte dessa história. De certa maneira, você também estava lá.

— Lá onde?

— Na praça... Dentro do prédio... Brincando na calçada... Jogando futebol... Em todos os lugares onde costumávamos brincar.

— E o que aconteceu?

— Você sabe o que aconteceu. Está me perguntando só para que depois eu não possa dizer que foi você quem botou a idéia na minha cabeça.

— Mesmo que fosse essa a minha intenção, não altera a validade da pergunta. Afinal, quem falou em tirania a partir dos onze anos foi você, não eu.

— Eu ia fazer doze anos naquele ano. Você ia fazer treze. Essa diferença de um ano significava muito, principalmente porque você era bem mais alto que eu, o que fazia a diferença de idade parecer ainda maior. Por isso eu pertencia à turma dos menores. Eu era de

fato menor. Por mais que me esforçasse, jamais teríamos a mesma idade, como jamais teríamos a mesma altura. Mas eu não me incomodaria de ser menor se apesar disso você me aceitasse como amigo. Eu não queria ser apenas um colega de jogos, queria ser seu melhor amigo. Sonhava com isso. Você era o meu ídolo. Eu queria ser igual a você. Ficava prestando atenção em como você andava, falava, em como se vestia. Eu passava horas em frente ao espelho treinando ser você. Claro que não funcionou. Essa idéia fixa fez com que eu me afastasse dos outros meninos... ou que eles se afastassem de mim. Você não me repudiava, apenas não prestava atenção em mim, não me notava. Com isso, fui me isolando. E comecei a ver que ia perder você e os outros amigos. Comecei a fazer força para me reintegrar ao grupo — e estava dando certo. Foi quando a menina morreu.

O silêncio que se seguiu destacou o ruído do aspirador de pó em algum apartamento, as vozes dos empregados no corredor, a água do chuveiro no quarto ao lado, os carros passando na rua. O mundo ressurgia no silêncio prolongado de Hugo Breno.

— O que aconteceu com a menina? — perguntou Espinosa.

— Não sei ao certo. Só sei que ela nos assustou.

— Ela quem, a menina?

— É.

— Assustou você e mais quem?

— Não me lembro do nome dele. Era um dos seus amigos. Era um pouco meu amigo também, mas era mais seu amigo. Nós combinamos ir até o terraço do prédio onde a menina morava. De lá dava para ver os quartos de alguns apartamentos. Dava para ver as pessoas sem roupa. Eu nunca tinha visto, mas o menino disse que já tinha visto dali um homem e uma mulher sem roupa. Disse que viu os dois se agarrando e que podia me mostrar. Então nós subimos até o terraço, mas quando chegamos lá a porta estava trancada com cadeado, o que só fez aumentar a minha curiosidade. Mas, sem a chave do cadeado, não havia como abrir a porta. Eu já estava começando a descer a escada para ir embora quando ele me segurou pelo braço e disse que não tínhamos podido ver, mas que ele podia

me ensinar como eles faziam. Eu disse que não queria. Uma coisa era ver, outra era fazer. E eu não queria fazer. Achava que não era certo. Estava assustado com a proposta dele, apesar de não entender bem o que era. Mas ele de certa forma era meu amigo. Disse que todo mundo fazia aquilo, que os adultos faziam... que era legal. Não tinha importância a porta estar trancada, podíamos fazer ali mesmo onde a escada terminava. Claro que não me lembro se foi exatamente isso que ele disse. Eu tinha feito menção de descer, mas voltei ao patamar junto à porta. Continuava achando que ele queria fazer alguma coisa errada, mas ao mesmo tempo me seduzia a idéia de fazer uma coisa que os adultos faziam e que era proibida para as crianças. Foi quando ele disse que os meninos maiores também já tinham feito. Perguntei que meninos. Ele respondeu que todos os maiores. Perguntei que todos. E ele repetiu: todos. Com a porta fechada, aquele último lance de escada era pouco iluminado. Eu estava assustado, mas ele me garantiu que ninguém subia lá, só o zelador, e que ele estava trabalhando no prédio ao lado. Para me acalmar e me convencer, ele disse que primeiro ele podia me mostrar como era e depois eu podia fazer a mesma coisa nele. Bastava eu tirar o short e me debruçar na mureta da escada. Eu estava nervoso e com medo, mas ao mesmo tempo excitado com a idéia. Minha concentração no que ele dizia era tanta que nem me dei conta de que estávamos num lugar onde qualquer morador podia aparecer. O que me lembro com extrema clareza é que quando ele estava fazendo em mim, eu olhei para a escada e vi a menina, dois degraus abaixo, olhando espantada para nós. Tomei um susto enorme, afastei meu amigo e descemos correndo a escada. Não sei qual de nós dois derrubou a menina. Talvez tenha sido eu. Fui o primeiro a passar por ela. Descemos correndo os três andares e só depois que chegamos ao térreo ele me disse que a menina tinha ficado caída na escada. Não voltamos para olhar como ela estava. Saímos do prédio sem que ninguém visse. Juramos um para o outro que não contaríamos a ninguém o que tinha acontecido. Cada um voltou para a sua casa, eu muito assustado. No dia seguinte, eu soube que a menina tinha morrido na queda.

Hugo Breno fez uma pequena pausa e em seguida prosseguiu, com seu mesmo tom indiferente.

— Você pode estar se perguntando como eu ainda me lembro de tudo isso, depois de tanto tempo. Mas o impressionante não é eu conseguir me lembrar, e sim eu nunca ter conseguido esquecer. Minha mãe também soube da morte da menina no dia seguinte. Perguntou se eu a conhecia. Disse que tinha ouvido comentários de que ela não estava sozinha. Perguntou se eu sabia quem podia estar com ela. Não voltei ao Bairro Peixoto por alguns dias. Chegava do colégio e ficava em casa, ou então ia brincar na travessa Santa Margarida, atrás do meu prédio, onde minha mãe podia me ver da área de serviço do nosso apartamento. Depois de uma semana sem que eu fosse ao Bairro Peixoto, quando antes eu ia para lá todos os dias, ela começou a desconfiar que eu só podia estar com medo de voltar lá por causa da morte da menina. Começaram então os interrogatórios. Dias seguidos sem trégua. As perguntas vinham acompanhadas de todo tipo de ameaça religiosa. Que eu ia conhecer a ira de Deus, que se não expiasse a minha culpa iria para o inferno. Que não adiantava mentir porque Deus estava vendo e ouvindo... Usou tudo o que ouvia na igreja. A única maneira de eu me salvar, segundo ela, era confessar a verdade e expiar a minha culpa. Por exaustão e por medo, acabei confessando que eu talvez tivesse derrubado a menina sem querer. A partir de então, ela começou a me dizer que eu era o assassino de uma inocente menininha, e que tanto eu como ela, minha mãe, teríamos que expiar nossa culpa perante Deus. Não é preciso dizer que eu estava duplamente aterrorizado. Achava que a qualquer momento a polícia podia bater na porta de casa, que minha mãe me denunciaria e que me levariam preso; como se isso não bastasse, me sentia também permanentemente perseguido pelo olhar punitivo de Deus. Eu só tinha onze anos. Não tinha pai. Não tinha nenhum parente a quem recorrer. E sentia pavor de padres, pastores, bispos — religiosos de qualquer tipo. Com o tempo, ela começou a fazer chantagem emocional, com a intenção de controlar meu comportamento e depois a minha vida. Daí em diante, esse controle-chantagem passou a fazer parte do meu dia-a-dia e da minha

relação com minha mãe. O controle não foi igual durante todos esses anos; variava de intensidade dependendo de fatores que nem sempre diziam respeito a mim. Às vezes parecia que ela havia esquecido aquela história, para em seguida voltar ao assunto com toda a virulência. Nos últimos anos, minha mãe retomou a cantilena da grande desgraça que se abatera sobre ela, da culpa que carregava por um crime que não cometera, e assim por diante. Foi nessa época que ela conheceu dona Laureta e as duas se tornaram amigas e confidentes. Não muito tempo depois, minha mãe morreu. Senti um alívio extraordinário, pensei que o pesadelo tivesse terminado. Então, na missa de sétimo dia, dona Laureta se aproximou de mim na igreja e disse que guardava dolorosamente uma história — na verdade um segredo — que minha mãe lhe confiara. Fiquei olhando calado para aquela mulher, tentando saber aonde ela pretendia chegar. Dona Laureta disse que minha mãe contara a ela que desconfiava que eu estava tramando a sua morte, e que tinha certeza de que eu a mataria em breve, assim como havia matado a menininha naquele prédio do Bairro Peixoto. Eu não disse uma única palavra, mas entrei em pânico. Não por ela pensar aquilo de mim, mas por perceber que aquela mulher pretendia perpetuar a exploração iniciada por minha mãe. Naquele dia, na missa, ela não falou mais comigo. Mas depois, na primeira vez que foi à Caixa receber a pensão, me disse, através da grade do guichê, que não podia continuar carregando na consciência o segredo daqueles crimes, que afinal de contas ela não era minha mãe e que não tinha por que arcar com a responsabilidade moral e legal daquele segredo. No mês seguinte, anunciou que iria à polícia... a menos que eu aliviasse um pouco a carga da sua culpa. E sugeriu que no próximo pagamento sua pensão viesse acrescida de vinte por cento. Para ser ainda mais convincente, acrescentou que estava disposta a ir à polícia contar não só sobre o matricídio como também sobre o outro crime que eu havia cometido quando menino. E ameaçou contar a história da minha vida criminosa também aos meus superiores na Caixa Econômica. O medo acumulado durante tantos anos fez com que eu cedesse à chantagem, e a partir de então ela começou a receber a pensão acrescida de uma contribuição pessoal

minha. Por ocasião de cada recebimento, ela agradecia e voltava a fazer uma discreta menção à ameaça original.

Nesse ponto, Hugo Breno fez uma nova pausa, levantou-se, esticou os braços e o tronco, relaxou o pescoço, foi até a varanda e ficou olhando para a rua. Espinosa aproveitou a parada e também alongou o corpo. Caminhou pelo quarto, que não possibilitava mais do que quatro ou cinco passos em cada direção, e foi se juntar a Hugo na varanda.

— Você quer pedir alguma coisa para comer? Um sanduíche, um almoço...

— Prefiro um sanduíche, com suco de laranja e café.

Espinosa fez o pedido de Hugo, também pediu para si próprio um sanduíche, e enquanto esperavam a chegada dos lanches a conversa voltou para um tema periférico. Hugo Breno tinha a fisionomia cansada. Provavelmente por causa da tensão da narrativa, embora não houvesse manifestado nenhuma emoção ao contar sua história. No entanto, era impossível que acontecimentos tão fortes como aqueles não provocassem, ainda hoje, alguma emoção nele, pensou Espinosa. A menos que tudo aquilo tivesse sido explorado a tal ponto pela mãe, e durante tantos anos, que tivesse perdido a tonalidade emocional. Hugo Breno era um homem seco. Emocionalmente seco.

Não demoraram a trazer os sanduíches. Apesar de um certo constrangimento pela natureza do encontro, ambos comeram com prazer e sem pressa. Terminado o café, voltaram para as poltronas e retomaram a conversa.

— Quanto tempo durou a chantagem de dona Laureta?

— Desde a morte da minha mãe até a morte de dona Laureta. Um ano, mais ou menos.

— Vocês nunca se encontraram fora da Caixa, depois da missa da sua mãe?

— Nunca... Até a tarde em que ela morreu.

— Como assim?

— Quando ela esteve na Caixa de manhã para receber a pensão, disse que estava sendo muito difícil para ela suportar a idéia de que eu havia matado minha mãe e continuava morando no mesmo apartamento em que morara com ela. Respondi que o apartamento era nosso, e que agora pertencia a mim. Ela comentou que em caso de matricídio o filho não tem direito a herança, e que se eu dobrasse minha contribuição a dor talvez fosse mais tolerável para ela. Respondi que não podia fazer o que ela me pedia porque aquele valor representaria a metade do meu salário, e que eu não teria como me manter. Então ela disse que, nesse caso, iria naquela tarde, às cinco horas, falar com o delegado da 12ª DP. Fez questão de me dizer que iria às cinco porque sabia a hora em que eu saía e assim eu teria como ver que ela iria mesmo cumprir a ameaça. De fato, quando o expediente terminou, saí com a intenção de verificar se dona Laureta estava mesmo disposta a cumprir a ameaça. Vi que ela estava na esquina, como que me esperando. E realmente vi que ela entrou na delegacia. Então foi a minha vez de ficar na esquina esperando. Mas quando, menos de dez minutos depois, ela tornou a sair, percebi que não tinha conseguido falar com o delegado — que eu sabia que era você. Minha preocupação não era tanto a denúncia que ela ia fazer. Aquilo era uma coisa delirante dela. Mas eu sabia que, a partir do momento em que ela contasse para você, eu seria obrigado a passar por constrangimentos, a prestar depoimento na presença de policiais e de um advogado. E depois do nosso encontro desta segunda-feira na delegacia na presença de dois outros policiais, pude comprovar o quanto um inquérito teria sido de fato constrangedor. Por isso decidi propor este encontro. Mas, voltando à história de dona Laureta: depois que ela saiu da delegacia, eu a segui. Tinha certeza de que ela voltaria à delegacia, só não sabia se naquela mesma tarde ou no dia seguinte. Acabei apostando que ela iria primeiro para casa, deixar as compras que estavam no carrinho, e em seguida voltaria à delegacia. Foi exatamente o que ela fez. Na volta, parou num sinal de trânsito, esperando para atravessar. Eu fiquei atrás dela, sem que ela me visse. Tinha bastante gente em volta, aquela esquina é muito movimentada, as pessoas estavam bem próximas umas das outras e ela estava na beira do meio-fio. Decidi dar um susto nela. Apenas para ela saber

que eu também podia pressioná-la. Não pretendia feri-la. Aproximei o rosto do ouvido dela e falei com a voz impostada e grossa: “Chegou o seu pagamento!”. Assim que virou o rosto e me viu, ela deu um pulo para a frente. Eu nem toquei nela.

Fez-se um silêncio de um minuto, ou apenas de alguns segundos, mas que pareceu a Espinosa muito tempo.

— Era o que eu queria contar — concluiu Hugo Breno.

Novo silêncio. Da parte de Hugo Breno, aparentemente definitivo. Da parte de Espinosa, esse silêncio parecia abarcar os últimos quarenta anos. Levantaram-se e ficaram alguns segundos frente a frente.

— Vamos descer? — perguntou Espinosa.

Welber e Ramiro tinham acatado a ordem do delegado de não se aproximarem do hotel. Optaram por ficar sentados num banco da praça — longe o suficiente para obedecer ao delegado, mas próximo o bastante para interferir, se necessário — com boa visão da entrada do hotel. Viram Espinosa e Hugo Breno descer a rua em direção à praça e se despedir na esquina. Welber e Ramiro contornaram a quadra e conseguiram chegar à delegacia um minuto depois de Espinosa, ainda a tempo de atender ao seu chamado assim que ele entrou em seu gabinete.

Espinosa queria relatar o encontro enquanto o diálogo ainda estava fresco em sua memória. Não era possível reproduzir literalmente tudo o que fora dito, mas o delegado queria reproduzir pelo menos a fala de seu interlocutor. Os dois ouviram com atenção. Mesmo resumida, a narrativa foi longa. Certas passagens não podiam ser muito condensadas sob pena de perder o significado. O delegado falou sem se interromper, e nenhum dos dois fez perguntas. Somente quando o relato terminou, Welber olhou para Ramiro e os dois perguntaram quase ao mesmo tempo:

— E agora?

— O que vocês acham que podemos fazer?

— Indiciá-lo por homicídio culposo — arriscou Welber.

— Alegando o quê? Crime por falar no ouvido de uma velha? E, mesmo que isso fosse crime, que prova temos de que realmente aconteceu?

— Ele confessou.

— Confessou onde? Na delegacia? Com testemunhas? Na presença de um advogado? Ou terá sido num quarto de hotel, sem nenhuma testemunha, numa conversa informal com um delegado que foi seu amigo de infância? Nada do que ele me disse tem valor como prova. É claro que ele não pretende repetir a história tal como me contou, se for chamado a depor. Nós nem conseguiríamos concluir o inquérito. E, mesmo que conseguíssemos, a denúncia não seria aceita. Nosso suspeito nem iria a julgamento.

— Delegado, ele confessou que empurrou a menina; praticamente confessou que matou ou deixou a mãe morrer; e confessou que provocou a morte de dona Laureta. Não podemos fazer nada?

— Ele não provocou a morte de dona Laureta — respondeu Espinosa —, não houve dolo, ele não poderia prever que a velha daria um pulo para a frente; tampouco confessou que matou a mãe ou que a deixou morrer; ela teve um enfarto. Quanto à morte da menina, ele nem sequer sabe se foi ele quem a empurrou.

— Nós...

— Nós não temos nada a fazer.

— Acabou?

— Não creio que ele vá fazer nada além de continuar se metendo no meio da multidão. Isso, se conseguir continuar carregando a culpa pela morte da menina por muito mais tempo. E ele também não tem mais a mãe para dividir com ele esse peso. Não dispomos de nada material que possa incriminá-lo. De modo que podemos dar esse caso por encerrado, um caso que nem teve início.

Somente depois que a reunião com Welber e Ramiro acabou, Espinosa percebeu um pedaço de papel preso sob o grampeador. Era um recado de Irene, que estava ali desde a hora do almoço: “Dona

Irene ligou duas vezes. Avisa que vai para São Paulo hoje e volta na segunda-feira à noite”.

O fim de semana foi dedicado a uma pausa no caso Hugo Breno. No fundo, Espinosa não acreditava que com o depoimento privado feito na sexta-feira ele tivesse se encerrado. Acreditava mais em uma trégua do que no término definitivo da série de acontecimentos iniciada com a morte de d. Laureta. Na realidade, não havia uma única série, e sim duas ou três que se cruzavam, mas sem dúvida a de Hugo Breno havia se fechado, mesmo que algumas ambigüidades permanecessem. Espinosa sabia que cada acontecimento pode dar lugar a múltiplos sentidos ou, ainda, que cada sentido é, por si só, um acontecimento diferente. Assim, Hugo Breno carregaria para sempre o peso de pelo menos duas mortes, uma na infância, outra na maturidade, cada uma acrescida dos múltiplos sentidos que poderiam adquirir. Nenhuma das mortes teria sido intencional, o que poderia funcionar para ele como atenuante, apesar de serem mortes reais — e para isso não havia atenuante.

A manhã e a tarde de sábado foram consagradas a pôr em ordem o apartamento e a estabelecer uma seqüência de leitura para os livros empilhados na mesinha ao lado da cadeira de balanço. Concluiu que para cuidar do apartamento não precisaria realizar todos os pequenos consertos elétricos, hidráulicos e de carpintaria que projetara fazer; bastava lavar a louça acumulada na pia, pôr o lixo para fora e botar a roupa suja na máquina. A tarefa de varrer o chão e tirar o pó dos móveis ele deixaria para a faxineira, uma de suas relações mais estáveis (talvez porque só a visse uma vez por semana... como Irene). No final da tarde, saiu para comprar alguns ingredientes destinados a incrementar o lanche da noite. No domingo, o programa doméstico se estendeu por todo o dia, com direito a refeição encomendada por telefone. Sentiu falta de Irene, mas isso seria compensado quando ela chegasse de São Paulo no dia seguinte.

Assim que acordou, na segunda-feira, tomou banho e estava preparando o café quando o telefone tocou. Pensou imediatamente numa ligação de Irene, avisando que chegaria à tarde. Atendeu com alegria. Era Ramiro, contando que d. Adélia, amiga da pensionista, com quem ele conversara duas vezes, fora encontrada morta em seu apartamento, no hotel onde morava.

Quinze minutos depois, Espinosa chegava ao seu gabinete, onde Ramiro o esperava.

— Recebi o telefonema cinco minutos antes de ligar para o senhor. Welber já foi para lá.

— O que você sabe?

— Parece que ela quebrou o pescoço. O gerente do hotel disse que ela foi encontrada caída no chão do banheiro, e que provavelmente tinha quebrado o pescoço na queda. O pessoal da 9ª DP foi chamado. O gerente do hotel conhece o delegado.

— Quem nós conhecemos da nona?

— Várias pessoas, inclusive o delegado Meireles.

— Vamos ao hotel.

A cena do crime estava preservada, dentro do possível. A arrumadeira, que encontrara o corpo, chamara o gerente, que, ao chegar ao apartamento, encontrara também a faxineira. Portanto, pelo menos três pessoas haviam entrado no quarto antes de a polícia chegar.

O delegado Meireles, dois policiais da 9ª DP e Welber conversavam no corredor, junto à porta do apartamento, quando Espinosa chegou acompanhado de Ramiro. Não houve apresentações, só cumprimentos, já que todos se conheciam. Nem o perito nem o legista haviam chegado, mas o palpite do delegado Meireles era de que d. Adélia estava morta desde a noite anterior.

— É apenas uma opinião — disse ele.

Espinosa achou estranha a posição do corpo, como se tivesse sido forçado a caber no exíguo espaço onde estava caído, entre a pia e o vaso sanitário. Comentou o fato com o delegado Meireles.

— Nós também achamos que é quase impossível alguém cair e quebrar o pescoço neste banheiro. Qualquer pessoa, mesmo um idoso, cujos reflexos são mais lentos, tende a procurar um apoio quando cai. E neste banheiro há vários pontos de apoio que a pessoa instintivamente procuraria: a pia, a porta do boxe, os porta-toalhas e até o vaso sanitário. E, mesmo que ela caísse direto no chão, não haveria espaço para bater a cabeça em alguma coisa, de modo a fraturar a cervical.

Segundo o gerente, era bastante possível alguém ter ido até o apartamento da vítima sem ter sido notado, principalmente num domingo à noite, quando o movimento de pessoas ali era grande. Ele explicou que muitos hóspedes procuravam o hotel apenas para passar o fim de semana, e costumavam voltar para suas cidades no fim da tarde de domingo ou nos últimos vôos da noite. Além desses hóspedes, havia os que preferiam aproveitar a noite de domingo na cidade e saíam para jantar ou para assistir a algum espetáculo. Assim, uma pessoa podia perfeitamente entrar no hotel como se fosse um hóspede e subir a um dos apartamentos. Uma vez lá, era só tocar a campainha e dizer qualquer coisa convincente para ter a porta aberta. Era possível, portanto, que alguém tivesse ido até o apartamento, matado d. Adélia, ajeitado o corpo de modo a parecer um acidente e, em seguida, tivesse saído do hotel sem ninguém perceber.

Espinosa colocou o delegado Meireles a par do caso que, por falta de provas, nem chegara à fase de inquérito, e que tinha a vítima como última testemunha viva. Combinaram que cada um se encarregaria de suas próprias investigações, mas que manteriam contato para informar um ao outro sobre o progresso de suas equipes. Combinaram, ainda, comunicar os resultados parciais das investigações, a começar pelo resultado da perícia e da autópsia.

Espinosa, Ramiro e Welber retornaram à delegacia. A primeira providência de Espinosa foi terminar seu café-da-manhã, iniciado em casa, e que o telefonema de Ramiro interrompera.

— E agora, delegado? — perguntou o inspetor Ramiro.

— Não sei se modifica alguma coisa do que já sabemos. A não ser que as coisas que julgamos saber não correspondam à verdade. Se imaginarmos que essa morte no hotel foi um crime, e que esse crime foi cometido por Hugo Breno, isso não afetaria em nada o que ele disse na conversa que teve comigo. E acho que ele também pensa assim. Mesmo que ele seja ou não culpado de alguma daquelas mortes. Nesse caso, por que ele se arriscaria a matar mais uma pessoa, quando já estava seguro de não ser acusado daquelas mortes? O que ele lucraria, matando mais uma pessoa?

— Lucraria a eliminação da última testemunha das confidências feitas pela mãe às amigas — disse Ramiro. — Ele poderia imaginar que dona Adélia soubesse de mais coisas do que nos contou e decidiu eliminar o que sobrava do arquivo do seu passado.

— Deixando no lugar a história que confidenciou a mim. Com a confidência, trocaria uma história suja por outra limpa — completou Espinosa.

— Se foi isso, ele foi brilhante — observou Welber.

— Vamos então tentar descobrir qual das histórias é a verdadeira... Se é que alguma delas é verdadeira.

Seria um bom golpe, pensou Espinosa. Suspeito de ser responsável por três mortes — a primeira, inimputável; a segunda, um matricídio; a terceira, um homicídio doloso —, o criminoso forja uma história dramática na qual é vítima desde criança da crueldade e da obsessão religiosa da mãe, morta em consequência de um ataque cardíaco; depois inverte o significado da morte da amiga de sua mãe, de modo a ser ele o perseguido e a vítima da chantagem que ela lhe fazia; e no final de tudo apresenta um relato dramático em que aparece como rejeitado por Espinosa, seu ídolo desde criança. Enfim, um homem solitário, infeliz, trabalhador, honesto e... inocente. E ele, Espinosa, um delegado experiente, porém sentindo-se psicologicamente culpado, engole a história toda e inocenta o homem. E para arrematar, por uma extraordinária coincidência, a única pessoa capaz de desmentir, pelo menos em parte, essa história aparece morta num banheiro de hotel... com o pescoço quebrado.

Quando Hugo Breno terminou seu expediente na segunda-feira e pisou na calçada, deparou com o delegado Espinosa à sua espera. Um olhar experimentado e sensível captaria o acionamento do mecanismo de fuga que, numa fração milimétrica, ele apenas esboçara em pensamento. A atitude seguinte beirou a farsa.

— Delegado Espinosa... Que prazer. Estou me sentindo como o menino pequeno cujo irmão mais velho vai buscá-lo na saída da escola. A que devo esse encontro tão agradável?

— Ao que você fez ontem à noite.

— E o que eu fiz ontem à noite?

— Melhor você mesmo me dizer.

— Tenho certeza de que o que eu fiz ontem à noite não vai interessar nem um pouco ao policial Espinosa e tampouco ao homem Espinosa.

— Que tal me contar?

— Delegado, acho domingo o pior dia da semana. O domingo tem tudo o que me desagrade e nada que me agrade. A parte da manhã foi menos desagradável porque me dediquei aos meus exercícios físicos: andei e nadei na praia antes da invasão dos banhistas. A tarde foi terrivelmente enfadonha e nem saí de casa. À noite, fiquei vendo filmes na televisão. Assisti a três filmes seguidos.

— Pode me dizer quais?

— Não apenas quais foram e com quais atores, como também posso fazer um resumo de cada história... Menos do último... Dormi antes de ele terminar.

— Podemos fazer isso enquanto caminhamos em direção às nossas casas.

— Não era minha intenção ir para casa agora, mas terei imenso prazer em acompanhá-lo e ir contando os filmes.

Enquanto caminhavam, Hugo fez um resumo dos filmes, deu o horário de cada um, falou sobre o elenco e contou como terminavam (com exceção do último), como se estivesse comentando alegremente com um amigo a programação da tevê na noite de domingo.

— Agora que já falei sobre os filmes, que tal você me dizer o que aconteceu ontem à noite? Deve ter sido mais interessante do que os filmes a que assisti, do contrário você não estaria me esperando na saída do trabalho.

— Lamento, mas não posso dizer. Preciso de mais um detalhe: a que horas você chegou em casa para assistir aos filmes?

— Não cheguei. Eu já estava em casa. Só saí de manhã.

— Você tem como provar isso?

— Delegado Espinosa, você sabe que moro sozinho, não tenho amigos e não converso com os vizinhos. E domingo é a folga do nosso porteiro-zelador.

Tinham chegado à esquina da Barata Ribeiro com a Siqueira Campos, Hugo Breno olhando na direção de sua casa como à espera de autorização para seguir para lá.

— Você acha que agora ficou quite com seu passado? — perguntou Espinosa.

— Pergunta estranha, delegado, sobretudo porque não sei o que você quer dizer com esse *agora*.

— Sabe, sim. Até logo.

Espinosa atravessou a Siqueira Campos e continuou andando pela Barata Ribeiro. Hugo Breno, em vez de subir a Siqueira Campos, desceu em direção à avenida Copacabana... Em busca da multidão.

O celular de Espinosa tocou quando ele já estava no Bairro Peixoto. Era Welber.

— Delegado, notícias do perito e do legista. Segundo o perito, é praticamente impossível que ela tenha quebrado o pescoço ao cair, na posição em que foi encontrada. A opinião dele é que o corpo foi posto dentro do banheiro depois de o pescoço ter sido quebrado. E o legista acha que a vítima já estava morta fazia pelo menos umas doze horas quando foi encontrada; depois da autópsia ele vai dizer com mais precisão.

— Alguma coisa foi roubada? Algum indício de o assassino ter procurado alguma coisa?

— Nenhum indício. Havia dinheiro numa gaveta de fácil acesso. Jóias numa caixa de madeira que só faltava ter a palavra “jóias” gravada a ouro na tampa. Aparentemente, nada foi levado.

— A menos que ele estivesse à procura de algo específico, obtido através de ameaça, e tenha matado dona Adélia para se livrar da testemunha. Encontraram impressões digitais?

— Muitas... repetidas... basicamente da vítima e das arrumadeiras.

— Quero que você volte ao hotel amanhã de manhã, com uma foto de Hugo Breno. Procure pelos que estavam de serviço no domingo à noite. Se foi ele, deve ter sido visto por alguém.

— A não ser que não tenha sido ele — disse Welber.

— A não ser que não tenha sido ele — repetiu Espinosa.

Espinosa encerrou o telefonema quando já se encontrava na porta de entrada do seu prédio. Pressentia que não teria uma noite tranqüila. Logo depois desse pensamento, lembrou-se de que Irene ficara de voltar na segunda-feira à noite. E aquela era a noite de segunda-feira.

Espinosa olhou o relógio. Quase sete, e já estava escurecendo. Irene certamente já voltara de São Paulo. Não esperou nem chegar ao apartamento, ligou para ela do celular enquanto subia as escadas. Uma voz de mulher atendeu.

— Irene?

— Não. Quem deseja falar com ela?

— Quem está falando?

— Vânia. Uma amiga dela.

— Vânia, é você?

— Espinosa?

— É.

— Você não recebeu o recado dela? Irene ligou para dizer que não ia poder voltar hoje à noite.

— Estive ocupado o dia todo.

— Ela precisou de mais tempo para concluir o que estava fazendo. Vai tentar voltar amanhã à noite. Como eu tinha que vir ao Rio, ela disse para eu ficar no apartamento.

— Ela não me disse que ia passar o fim de semana em São Paulo, quanto mais que ficaria até amanhã...

— Ela não sabia. Foi de repente.

— E o assunto que você tinha para resolver, já resolveu?

— Ainda não... Não consegui encontrar a pessoa que eu estava procurando...

Espinosa ficou em silêncio, esperando que ela continuasse a frase que deixara no ar...

— Devo voltar para São Paulo amanhã à tarde — acrescentou Vânia.

— Se conseguir encontrar a pessoa que está procurando...

— Já encontrei. Agora só depende dela.

Que diferença entre a impetuosidade da primeira vez e a prudente hesitação de agora, pensou Espinosa. Mas preferiu não entrar novamente no jogo. Apesar de ter achado o primeiro tempo estimulante, algo lhe dizia que o segundo terminaria mal. Além do mais, não sabia direito que jogo estava jogando.

— Então, boa sorte.

Pela segunda vez, Vânia se oferecia como substituta de Irene. Era difícil para Espinosa supor que Irene estivesse participando consciente e intencionalmente daquele jogo amoroso. A menos que tivesse se apaixonado por outra pessoa e quisesse terminar a relação entre eles oferecendo Vânia como uma espécie de compensação. No entanto, lembrava-se com clareza do que ela dissera: “Se um de nós um dia decidir romper a relação, isso pode ser feito com apenas uma frase; não precisamos dividir bens, carregar roupas, recolher objetos pessoais”. A frase era verdadeira no que dizia respeito às coisas materiais, mas ele não sabia como seria recolher ou se desfazer dos momentos extremamente prazerosos e alegres que haviam passado juntos. Por mais apetitosa que fosse a compensação, certas coisas não

podem ser desfeitas com apenas uma frase... ou com um afastamento silencioso.

Espinosa tirou a roupa, tomou um banho, vestiu-se confortavelmente para ficar em casa, recolheu o que havia na geladeira para um possível jantar, tudo feito de maneira automática, enquanto refletia sobre o que estava se passando entre ele, Irene e Vânia. Não sabia nem dizer se a suposta participação de Irene na trama era real ou apenas uma fantasia que ele havia elaborado como desculpa para sua adesão voluntária e imediata àquela primeira proposta de Vânia.

Uma hora depois, sentado na cadeira de balanço com um livro no colo, ainda se sentia um tanto perplexo com tudo o que estava acontecendo, além de descontente consigo mesmo. Sentimentos que haviam estado presentes nas últimas duas ou três semanas. Espinosa abriu o livro na página marcada, mas logo voltou a algumas passagens anteriores para poder se situar na história.

Manhã de terça-feira, Welber fora ao hotel tentar o reconhecimento de Hugo Breno. Espinosa e Ramiro conversavam no gabinete do delegado.

— Como foi a conversa ontem com Hugo Breno? — perguntou Ramiro.

— Ele disse que passou a noite de domingo assistindo a filmes na televisão. Me deu o horário, o título e o elenco de cada filme, e ainda fez um resumo de cada um. Uma coisa muito detalhada para ser verdade. Ele pode ter visto a programação numa dessas revistas de TV, pode ter gravado a programação noturna...

— O senhor o pressionou?

— Não explicitamente. Ou ele é inocente ou muito esperto. Queria que eu revelasse qual o objeto da nova investigação, mas ocultei dele toda e qualquer informação ou pista daquilo que estamos investigando. Ele vai tentar saber do que se trata.

— Delegado, se ele for o culpado, acaba de fechar o círculo: todas as testemunhas do passado dele estão mortas... Exceto o senhor.

— Não sou uma testemunha do passado dele; fomos apenas colegas de bairro quando éramos criança. Eu nem me lembrava direito de como ele era.

— Mas o senhor conseguiu reunir material suficiente para, juntamente com a narrativa que ele fez, situar no tempo as passagens nas quais ele está envolvido na morte de alguém.

— O que você está insinuando com isso?

— Exatamente o que o senhor está pensando.

— Seja mais explícito, Ramiro.

— Estou sugerindo que o senhor pode ser o próximo e o último elemento da série. Não é uma idéia absurda. Proponho que o senhor redobre sua atenção e seus cuidados com ele.

— Nesse caso, ele também teria que matar você e Welber, pois sabe que vocês dois estão a par da história.

— Mas não somos testemunhas de nada, apenas ouvimos o que o senhor nos contou. Não temos nenhuma importância para ele. Estarmos vivos ou mortos não altera em nada o drama pessoal dele. Acho que é o senhor que ele quer.

Desde aquela sexta-feira no hotel do Bairro Peixoto em que ouvira a narrativa de Hugo Breno, Espinosa ficara com a sensação de não ser apenas um confidente, mas parte integrante da história. E não apenas parte de um episódio obscuro e longínquo, mas peça importante do desfecho de uma história de vida. Fazia sentido que a cena final fosse com ele.

— Ramiro, esse não é o final de uma história real, é o final de um delírio. O Espinosa da história dele é uma fantasia, não uma pessoa real.

— Tudo bem, delegado, mas se ele der um tiro nessa fantasia, quem morre é o senhor.

Ao meio-dia Welber chegou com a notícia de que ninguém no hotel de d. Adélia reconhecera Hugo Breno na foto que ele mostrara.

— Ele tem o rosto bem marcado, cabelo cortado como vassoura de piaçaba, o que significa que qualquer alteração que faça no rosto

o deixa irreconhecível — disse Welber, que entendia de disfarces como ninguém.

Os três saíram para almoçar juntos, coisa que acontecia cada vez menos desde que Selma passara a cuidar da alimentação de Welber e Ramiro decidira economizar até os centavos. Mas o almoço na *trattoria* ainda estava ao alcance dos três, principalmente nas duas primeiras semanas do mês.

No caminho Ramiro comentou com Welber a conversa que tivera com Espinosa, sobre Hugo Breno representar uma ameaça.

— Depois de tantas idas e vindas, confesso que não sei mais o que pensar desse homem — disse Welber. — Acho que tudo o que lhe atribuímos pode realmente conter uma grande dose de subjetividade, como insiste o delegado. Talvez tenhamos lidado desde o começo com nossa imaginação e com a imaginação de duas velhas, muito mais do que com fatos concretos.

— Não estamos inventando essas mortes — interveio Espinosa. — Elas efetivamente ocorreram, sendo que esta última é mais do que suspeita. E termos suspeitado de Hugo Breno não é pura fantasia nossa. Não podemos ficar oscilando entre a culpabilidade completa e a inocência plena. Acho que a morte da menina, há quarenta anos, assim como a morte da mãe de Hugo, podem ser consideradas acidentes. Já a morte de dona Laureta e dona Adélia, estas sim, podem ser consideradas intencionais.

Assim que entraram no restaurante, mudaram de assunto.

O comunicado do legista, transmitido pelo delegado Meireles por telefone, apontava como possível *causa mortis* secção da coluna cervical.

— Compatível com a que ocorre numa queda — comentou Meireles. — Ao que tudo indica, a velhinha quebrou a cervical. E nós já estávamos amarrando a corda no pescoço do seu suspeito... Mas o legista mandou dizer que este ainda não é o laudo definitivo.

Espinosa não esperava que o laudo definitivo alterasse aquele quadro. Pelo que Meireles lhe dissera por telefone, a morte não fora causada nem por asfixia nem por rotação da cabeça, formas comuns nos enforcamentos criminosos, mas por um tipo de fratura que ocorre freqüentemente em casos de queda. Isso não excluía a hipótese de assassinato, apenas exigiria do assassino um treinamento específico e suficiente sangue-frio para simular uma fratura acidental. Hugo Breno seguia uma rígida disciplina militar no que dizia respeito à sua preparação física; o que Espinosa se perguntava era se essa preparação incluiria o aprendizado de técnicas de assassinato sem emprego de armas.

No entanto, a desconfiança de Espinosa não combinava com a patética narrativa privada de um homem solitário, que aparentemente necessitava mais de assistência psiquiátrica do que de investigação policial.

Naquela tarde, depois da costumeira reunião com sua equipe, Espinosa decidiu ir para casa pelo caminho mais longo. Precisava deixar as idéias correrem soltas, livres do constrangimento imposto pelo ambiente da delegacia.

Guiados por esse fluxo de idéias, os passos de Espinosa se aceleravam ou se retardavam dependendo do volume com que

afloravam à consciência dele. Em certos momentos o delegado diminuía o passo e quase chegava a parar, no esforço de articular idéias e imagens aparentemente díspares. Já havia considerado a possibilidade de o caso de Hugo Breno passar da esfera policial para a esfera pessoal, sendo a conversa no hotel o marco dessa virada. Não era novidade. Se ela fora ou não armada por Hugo, era uma questão que não anulava a reviravolta que ela provocara. Na ausência de provas ou mesmo de indícios concretos da participação de Hugo Breno em qualquer daquelas mortes, não havia nem sequer possibilidade de se instaurar um inquérito policial. As investigações preliminares haviam sido inconclusivas. Reduzido aos dois participantes, o caso reassumiria sua dimensão primitiva como parte da memória de cada um deles. O encontro no hotel do Bairro Peixoto não fora apenas um depoimento extra-oficial; ele nada tivera a ver com o fato policial que estava sendo investigado, ou pelo menos nada a ver diretamente; a investigação policial atuara apenas no sentido de promover o primeiro encontro entre eles depois de quarenta anos. Espinosa achava que esse tempo obedecia a cronologias diferentes para Hugo Breno e para ele. A impressão que tivera após a conversa no hotel fora que, para Hugo Breno, aquela sexta-feira e as brincadeiras na praça nos tempos de criança formavam uma espécie de presente único, e não dois momentos distantes quarenta anos um do outro. Aqueles anos de contato distante com Espinosa na praça do bairro, aos onze anos de idade, e o contato de agora, aos quase cinqüenta anos, formavam para Hugo uma série que estava para se fechar. Era como se os primeiros anos fossem a primeira palavra de uma frase prestes a ser completada pela palavra final, que daria à frase seu significado completo. Assim, Hugo Breno não estaria nem um pouco preocupado com a eliminação de testemunhas ou coisa parecida (uma simples questão policial), mas encenando o ato final de sua gesta.

Essa foi a parte aproveitável das idéias que afloraram enquanto Espinosa voltava para casa. Considerava que eram aproveitáveis apenas pelo fato de fazerem nexos, e não porque desvendassem o enigma de uma vida. Apenas idéias, pensou ao atravessar a praça.

Foi só quando já estava na frente de seu prédio que Espinosa viu Irene sentada nos degraus da porta de entrada. Sentou-se ao lado dela e os dois ficaram um tempo sem dizer nada, ela com a cabeça apoiada no ombro dele.

— Vamos subir? — propôs Espinosa, segurando as mãos de Irene e ajudando-a a se levantar.

— Eu não trouxe nem bebida nem comida — disse ela.

— Vamos pedir por telefone. E enquanto não chega, podemos nos dedicar à antropofagia.

Na manhã seguinte, o e-mail enviado pelo delegado Meireles a Espinosa revirava novamente o caso. Dizia apenas: “O legista confirmou que a *causa mortis* foi a secção da coluna cervical, mas agora de manhã acrescentou que quando a mulher caiu no chão do banheiro já estava morta. Abraço. Meireles”. Espinosa, Ramiro e Welber olhavam perplexos a mensagem na tela do computador.

— Voltamos ao começo? — perguntou Ramiro.

— Então a *causa mortis*... — balbuciou Welber.

— A *causa mortis* foi a secção da cervical. Só que aconteceu antes da queda. Ou seja, alguém partiu a coluna da pobre senhora e em seguida arrumou o corpo no chão do banheiro para dar a impressão de que ela havia morrido numa queda — disse Espinosa.

— Hugo Breno — sugeriu Welber, ainda perplexo.

— Não necessariamente — disse Espinosa. — Da afirmação “quando a mulher caiu no chão do banheiro já estava morta”, não se pode concluir, rigorosamente, que o assassino seja Hugo Breno. É muito mais a expressão do nosso desejo do que a conclusão de um raciocínio. Vamos devagar para não cair em especulações perigosas.

— O senhor acha, então, que Hugo Breno não volta a se complicar com essa nova informação?

— Em que ela altera a situação dele?

— Ele não tem álibi.

— Tem o mesmo que tinha antes.

— Mas não consegue provar.

— Você não precisa provar que estava em casa assistindo televisão num domingo à noite. Além do mais, ele deu o nome dos filmes a que assistiu, fez uma descrição minuciosa das três histórias, disse o nome dos atores principais... Claro que pode ter gravado os filmes. O problema é que não sei se ele possui gravador de CD para gravar três longas-metragens.

— Há outros meios.

— Muito bem. Não estou dizendo que não foi ele, estou apenas tentando mostrar que não temos como provar que foi ele. É por isso que afirmo que a situação dele não mudou desde a semana passada.

— O que vamos fazer? Esperar que ele confesse voluntariamente?

— Não é uma hipótese descabida. Precisamos apenas de uma isca.

— Que tipo de isca?

— Eu, por exemplo.

— Delegado...

— Se vocês acreditam de fato que foi ele quem matou dona Adélia, devem ter reparado que então ele teria mudado radicalmente de padrão. Pela primeira vez teria cometido um assassinato de forma deliberada. Se acreditarmos no relato que ele me fez, nos casos anteriores as pessoas teriam morrido sem que ele tivesse causado direta e intencionalmente as duas mortes. Na morte de dona Adélia, no entanto, pela primeira vez ele teria planejado e levado a cabo um crime com o cuidado e a precisão de um matador profissional. Cheguei até a pensar na possibilidade de ele ser o autor intelectual do crime e de que tivesse contratado alguém para executá-lo. Ele não se considera um assassino. Faria sentido se tivesse contratado alguém. Mas acabei mudando de idéia. Ele é em essência um indivíduo solitário que age solitariamente: não iria querer se aliar a outra pessoa.

— E por que teria matado dona Adélia?

— Na cabeça dele, não teria cometido um assassinato. O que importa, para ele, não é o significado de dona Adélia, mas sua função.

O mesmo vale para dona Laureta. Esse homem, quando criança, imaginou um destino para si próprio que se contrapunha ao construído pela mãe, que acreditava que o filho estivesse possuído pelo mal. A mãe, dona Laureta e dona Adélia têm um papel e desempenham uma função nessa construção delirante. Ele não se vê como assassino. Ele cumpre um destino.

— E qual o seu lugar no delírio dele?

— O lugar do bem. Ao se identificar comigo, isto é, com o bem, ele escapa à figura do mal que o habita.

— Delegado — perguntou Ramiro —, de onde o senhor tirou tudo isso?

— Da minha cabeça. De onde mais?

— Quer dizer que nada disso se baseia na realidade?

— Todos os personagens são reais. E todos são, em maior ou menor grau, conforme Hugo os vê.

— Por que então não pedimos a internação dele num hospital psiquiátrico?

— Porque assim como nem sempre é fácil provar que alguém é criminoso, nem sempre é fácil provar que é louco.

Espinosa só não dissera a seus dois auxiliares o que ele próprio pensava sobre o assassinato de d. Adélia no hotel. Se com a morte dela fora eliminada a última testemunha do passado de Hugo Breno, com essa morte se encerraria a investigação sobre a hipotética culpabilidade dele. Caso encerrado, diriam os policiais, não temos mais como pegá-lo. Ele estaria livre da perseguição de Espinosa. E isso era exatamente o que Hugo Breno não queria que acontecesse. Depois de quatro décadas, conseguira um encontro com Espinosa... Haviam passado quase um dia inteiro conversando num quarto de hotel... Espinosa fora vê-lo na Caixa e depois o esperara na saída da agência... Hugo agora não iria querer se afastar de Espinosa só porque a investigação fora encerrada. Hugo Breno não admitiria que isso pudesse vir a acontecer, pensou Espinosa. Se preciso confessaria

o crime só para manter a relação com Espinosa, para não perder aquele enlace esperado durante quatro décadas.

Considerou excessivo abordar esse aspecto da questão com seus dois policiais, quando tanto Welber como Ramiro tinham achado estranha e exagerada a interpretação que Espinosa fizera do delírio de Hugo Breno. O melhor, no momento, era esperar. Se estivesse certo, o próximo movimento seria de Hugo Breno, e talvez ele arriscasse algo mais radical.

Quarta-feira era dia de feira livre na praça do Bairro Peixoto, e Espinosa aproveitava para se abastecer de frutas e verduras. Era também o dia da semana em que media sua popularidade pelos cumprimentos que recebia durante o percurso e pela disputa entre os feirantes para servi-lo. Apesar do temperamento reservado, o delegado achava agradável a acolhida demonstrada pelos moradores do bairro.

Espinosa tinha dado a volta completa na praça, feito suas compras, e já se preparava para deixar os pacotes em casa quando viu Hugo Breno vindo em sua direção. Não era a pessoa que gostaria de encontrar logo de manhã, antes mesmo de sair para a delegacia. A julgar pelo que Welber e Ramiro haviam lhe contado sobre Hugo Breno, àquela hora ele já devia ter corrido por toda a extensão da praia de Copacabana, ida e volta, nadado de um posto a outro, voltado para casa, tomado banho e... agora ali estava ele, pronto para aquele encontro com Espinosa, que evidentemente nada tinha de casual. Carregava uma sacola com algumas compras. Pouca coisa. Talvez apenas o suficiente para justificar sua presença na feira, na mesma hora que ele, quando nunca tinham se encontrado ali antes. Ou talvez tivessem, e várias vezes, sem que Espinosa notasse a semelhança entre aquele homem e o menino que vira inúmeras vezes naquela mesma praça, quando também ele era uma criança.

— Delegado Espinosa, bom dia. Que surpresa agradável!

— Bom dia.

— Este é um dia especial. Pela primeira vez coincidiu de nos encontrarmos aqui na feira, fazendo compras para nossas refeições

solitárias. Só não digo que somos almas gêmeas porque seus jantares de sexta-feira não são solitários como os meus. Bom para você. Espero que este encontro se repita. Foi de fato um prazer. Até breve.

Hugo Breno disse isso e saiu andando, como se tivesse pronunciado aquele curto discurso impessoal a mando de alguém.

Espinosa não gostou. Primeiro, porque não haviam se encontrado por acaso: ele nunca tinha visto Hugo Breno na feira. Segundo, pelo rebuscamento e excesso de gentileza. Não era do feitio de Hugo. Ao contrário, era o oposto dele. Então, por que todo aquele esparrame de gentilezas? Só podia ser para dar um recado: sei dos seus hábitos e dos seus horários, sei que você é solitário, exceto nas noites de sexta-feira, quando sua namorada janta e dorme com você no seu apartamento. Espinosa não gostou nem um pouco daquilo. Considerou uma invasão de privacidade, embora uma feira livre não possa ser considerada um lugar privado. Subiu ao apartamento, deixou as compras na bancada da cozinha, foi até a sala, abriu uma das janelas e vasculhou todo o perímetro da praça. Nem sinal de Hugo Breno. Esperou alguns minutos e tornou a descer.

Na delegacia, comentou com Welber e Ramiro o encontro na feira.

— Ele se manifestou mais cedo do que eu esperava — disse Ramiro.

— O que isso pode significar? — perguntou Welber.

— Pode significar que está mais ansioso do que nós — respondeu Espinosa.

Em vista disso, decidiram que o melhor a fazer era dar a entender a Hugo Breno que o delegado Espinosa tinha perdido o interesse por ele.

— Isso significa que não vamos fazer absolutamente nada — disse Espinosa. — Nada que possa ser percebido por ele, é claro.

Naquela mesma manhã, pouco depois das dez, Welber recebeu um telefonema de casa. Era Selma, contando, toda alegre, que eles tinham recebido uma caixa de frutas dos feirantes do Bairro Peixoto.

Um bilhete desejava boas-vindas ao detetive Welber e senhora. Welber comunicou imediatamente o fato a Ramiro e a Espinosa.

— Foi ele! Esse merda esteve na minha casa.

— Ele mesmo fez a entrega? — perguntou Espinosa

— Não. Deixou na portaria.

— Procurem se manter calmos. Qualquer pequeno sinal de nervosismo nosso será um ponto ganho por ele. Quanto mais agirmos com indiferença, mais ele se sentirá fraco e desamparado. É um confronto. Sairá vencedor quem tiver mais resistência.

— Minha resistência acaba no momento em que ele enfia o nariz na minha casa — disse Welber.

— Ele sabe quais são seus limites — observou Espinosa.

— E se ele insistir?

— Se insistir, vamos dar a entender que o consideramos um chato.

— Só isso!?

— Isso, para ele, é tudo.

* * *

Havia momentos em que Espinosa tinha a impressão de estar caminhando na direção oposta à de um representante da lei. Não que fosse um percurso deliberado, resultante de uma decisão tomada a partir de idéias claras. E essa era a dificuldade. Sentia-se às vezes levado por acontecimentos que escapavam a toda e qualquer previsão e controle. Para Hugo Breno, matar uma velha indefesa que não lhe causara nenhum mal não era um ato criminoso, assim como não é um ato criminoso matar o inimigo numa batalha. Segundo esse modo de pensar, o homicídio não é necessariamente julgado em termos de bem e de mal, mas do que é permitido e proibido, ou até mesmo em termos estéticos, como na luta entre guerreiros. Depois dessa reflexão, Espinosa pensou se Hugo Breno não seria capaz de matar mais alguém apenas “para se manter em contato”. Nesse caso, até que ponto ele, Espinosa, não estaria contribuindo para o fortalecimento dessa lógica perversa em Hugo Breno? Sob esse aspecto, a decisão de

não fazerem nada durante algum tempo talvez não fosse uma decisão acertada ou mesmo prudente.

Espinosa preferiu pedir um sanduíche com suco de fruta no bar em frente. Por pura falta de ânimo, e não porque estivesse na expectativa de algum acontecimento importante e iminente. Havia momentos no seu cotidiano em que era tomado por um desencanto geral, que, porém, não durava mais do que uma parte do dia. Raramente permanecia no dia seguinte.

No final daquela quarta-feira, antes de ir para casa, Espinosa chamou Ramiro e Welber à sua sala. Os dois eram os únicos policiais da delegacia envolvidos no caso e Espinosa queria adverti-los de possíveis ações de Hugo Breno.

— Estejam prevenidos não apenas contra ações violentas, mas também contra pequenas ações, como as de hoje de manhã, cuja finalidade é nos provocar e nos irritar. Só reajam se ele apelar para a violência física contra vocês ou contra terceiros. Previnam seus familiares quanto a essas entregas gentis e sedutoras.

A caminho de casa, decidiu telefonar para Irene a fim de também adverti-la contra Hugo Breno e suspender temporariamente as idas dela ao apartamento do Bairro Peixoto. Melhor seria que se encontrassem no apartamento dela ou em outro lugar.

A quinta-feira transcorreu sem novidades, salvo Irene ter recebido, de manhã, uma dúzia de rosas brancas, com um cartão impresso eletronicamente com os dizeres “Lamento não podermos nos encontrar amanhã. Beijos. Espinosa”.

— Não mandei flores para você...

— Não achei que fossem suas. Quem mandou?

— O tal sujeito que gosta de multidão.

— E como ele sabia do nosso encontro de amanhã?

— Ele sabe que às sextas-feiras nós nos encontramos aqui em casa. Tem o hábito de vigiar meu apartamento. Sabe da minha rotina. Da praça, ele espiona a janela da sala.

— Quem é esse homem? O que ele quer?

— Chama-se Hugo Breno. Ele quer ser meu amigo...

— Quer ser seu amigo e te espiona? Há quanto tempo ele faz isso?

— Parece que desde menino.

— Desde...! Ele é doente?

— Pode ser. Prefiro isso à outra opção.

— E qual é ela?

— Que ele pode ter cometido alguns assassinatos.

— Pode ter cometido ou cometeu?

— Ainda não temos certeza quanto a isso.

— E não há como provar? Vocês acham que vão descobrir?

— Acho que sim. Não vai demorar. Talvez, até o fim desta semana. Enquanto isso, quero que você tome todo o cuidado. Pegue apenas táxis de cooperativa e peça um motorista que você conheça. Amanhã, evite sair a pé pelo bairro. Mantenha o celular à mão e sempre ligado. Vou te dar o número do celular do Welber. Se precisar sair a pé, ligue para ele.

— Querido, você não está exagerando?

— Tomara que sim. Você tem algum compromisso amanhã?

— Tenho uma reunião importante numa agência de propaganda em Botafogo.

— Vou mandar Welber te acompanhar.

— Essa reunião pode ser longa. Ele vai ficar sentado lá me esperando?

— Não tem importância. Ele está habituado a longas esperas, e em ambientes muito menos agradáveis.

Manhã de sexta-feira. Welber ficou incumbido de proteger Irene e Ramiro iria controlar os passos de Hugo Breno pela manhã, antes de ele ir para o trabalho, e à tarde, depois de ele sair. Espinosa não gostara nem um pouco do bilhete que Irene recebera, em seu nome, desmarcando o encontro deles. Nem das rosas brancas. Podia estar exagerando nos cuidados, como dissera Irene, e também na interpretação dos fatos, mas sentia que Hugo Breno mudara o padrão de conduta. Tornara-se mais ousado, mais ostensivo nas intenções e nos atos, e Espinosa não queria ser apanhado desprevenido.

Dedicou a manhã e a tarde às tarefas mais burocráticas e desinteressantes do cotidiano de um delegado. Era uma das formas mais eficientes de se desligar do mundo exterior e de se transportar para o mundo dos papéis e o que se abria diante da tela do computador. Mesmo assim, cada chamada telefônica despertava em Espinosa uma leve mistura de incômodo e temor. Por sorte, como se atendessem a um pedido secreto dele, recebeu poucas chamadas telefônicas. Somente às cinco e vinte seu celular tocou. Era Ramiro.

— Delegado, Hugo Breno não está na agência, está em casa.

— Em casa?

— Cheguei em frente à agência às quatro e meia e fiquei escondido, esperando ele sair. Como às cinco e dez ele ainda não tinha saído, chamei o segurança e entrei. Ele não estava na agência. Um colega disse que ele não se sentiu bem e foi embora mais cedo. Fui ao prédio dele, toquei a campainha da portaria e o zelador me disse que ele havia chegado por volta das quatro e não tornara a sair. Atravessei a rua e fiquei espiando da calçada em frente. Depois de alguns minutos, ele apareceu na janela e fechou a cortina. O zelador me informou que era a janela do quarto. Agora estou aqui embaixo esperando ele sair, mas parece que isso não vai acontecer.

— Não saia daí. Ligue para o Welber e o informe disso tudo.

Às seis e meia, nova chamada de Ramiro.

— Delegado, acho que ele foi dormir. Tem apenas uma luz fraca acesa no quarto. Deve ser luz da mesa-de-cabeceira. O resto do apartamento está às escuras.

— Fique mais meia hora aí. Se ele não der sinal de que vai sair, pode ir para casa. Falou com Welber?

— Falei. Ele está na sala de espera de uma firma em Botafogo. Dona Irene está em reunião há mais de duas horas. A secretária disse que é possível que ainda demore pelo menos mais meia hora.

— Está bem. Vou para casa. Se precisar falar comigo, ligue para o meu celular.

Eram sete horas quando Espinosa saiu da delegacia. Deixou ordem na central telefônica para transferirem as ligações pessoais dele para o celular, e foi para casa. Àquela hora não havia mais luz do dia, o movimento nas ruas ainda era intenso e o trânsito de veículos na Barata Ribeiro estava lento. Como ele não dependia de condução, em poucos minutos estaria em casa. Teria tempo bastante para tomar banho, se vestir e pegar Irene às nove.

Welber já folheara as revistas estrangeiras que estavam sobre a mesinha da sala de espera da agência de propaganda, todas com fotos de móveis e objetos escandinavos, alemães, americanos, italianos, coisas que ele nunca tinha visto e que provavelmente nunca veria a não ser em fotografia. Às sete e dez, Ramiro ligou informando sobre Hugo Breno. Ambos concordaram que poderiam ir para casa assim que terminasse a reunião de Irene. Continuou folheando a revista, mas as imagens foram perdendo a nitidez, até que se levantou de um pulo, pegou o celular e ligou para Ramiro.

— Ramiro, você tem certeza de que Hugo Breno está em casa dormindo?

— Não sei se ele está dormindo, mas sei que está em casa. Estou em frente da única porta do prédio, e desde a hora em que ele apareceu na janela ninguém saiu por essa porta.

— Ramiro, estou achando tudo muito estranho. É melhor verificar se ele está mesmo no apartamento.

— Vou ver. O prédio só tem uma saída: essa que está bem na minha frente. A não ser que ele tenha saído pela área de serviço e pulado o muro dos fundos... Ligo para você em seguida.

Ramiro foi até a esquina e subiu o pequeno trecho da ladeira Santa Margarida até os fundos do prédio. Galgou o muro e pulou para a área de serviço do apartamento de Hugo Breno. A porta que dava para a cozinha estava destrancada. Entrou, e em poucos segundos percorreu o apartamento. Não havia ninguém lá. Ligou imediatamente para Welber.

— Welber, ele fugiu. Aquela história dos presentes, das flores, do bilhete para Irene, foi tudo para nos manter ocupados. Ele atraiu cada um de nós para um lado e ficou sozinho com Espinosa. Onde está o delegado?

— Falei com ele agora há pouco. Ia para casa. Deve estar chegando lá.

— Ele vai pegar o delegado! Vamos!

Welber pediu que a secretária da agência de propaganda avisasse Irene para não esperar por ele e que fosse direto para casa. Em um minuto, o detetive entrava num táxi com a carteira de policial na mão, mandando o motorista ir para o Bairro Peixoto o mais rápido possível. Ligou para o celular de Espinosa. Ninguém atendeu.

Ramiro deixou o prédio de Hugo Breno e percorreu as duas quadras até o Bairro Peixoto imaginando se conseguiria chegar a tempo de impedir o encontro de Hugo Breno com Espinosa. Chegou à praça em menos de um minuto; Espinosa viria pelo lado oposto. Ao contrário do que supunha, ainda havia gente na praça, apesar da hora. Um grupo de rapazes conversava junto ao alambrado da quadra de futebol, havia pessoas sentadas nos bancos, meninos correndo atrás de uma bola perto do playground, baleiro, sorveteiro, pessoas voltando para casa depois do trabalho. A poucos metros de onde estava, dois guardas municipais conversavam. Ramiro não viu nem o delegado nem Hugo Breno. Anoitecera por completo e a iluminação

da praça era prejudicada em parte pela copa das árvores. Impossível obter uma visão completa da área. Dali onde estava até o extremo oposto da praça eram mais ou menos oitenta metros, e entre os dois pontos havia o alambrado da quadra de futebol, o playground e um enorme chafariz quase no meio da praça, além de árvores e arbustos. Espinosa e Hugo Breno podiam estar ocultos por qualquer dessas barreiras. Ramiro deslocou-se devagar, concentrando-se ao máximo nas pessoas e na movimentação de cada uma delas, à procura de um ponto de onde pudesse descortinar inteiramente o outro lado da praça.

Espinosa entrou no Bairro Peixoto vindo da rua Anita Garibaldi. Como de costume, pegou o lado esquerdo e começou a atravessar a praça na diagonal, em direção ao seu prédio. Tinha contornado o chafariz e já se sentia quase em casa quando viu Hugo Breno vindo em sua direção. Não havia nenhuma dúvida de que caminhava deliberadamente para se encontrar com ele. Andava sem pressa e carregava uma sacola. Espinosa pensou se ele já não estaria a sua espera em algum dos bancos da praça, levando na sacola mais algum brinde, como os que andara distribuindo nos últimos dias. Talvez quibes ou esfirras, pensou. No entanto, à medida que Hugo Breno se aproximava, Espinosa percebeu que sua expressão não era alegre e sorridente como a do encontro de dois dias antes na feira. Estavam ambos na parte não pavimentada da praça, junto à seqüência de bancos perto da calçada.

Espinosa não alterou o trajeto nem o ritmo de suas passadas. Quando estavam a três passos um do outro, a sacola caiu da mão de Hugo Breno sem que ele esboçasse nenhum gesto para apanhá-la, como se a tivesse largado de propósito no chão. Espinosa olhou para a mão dele... e ela empunhava uma faca. Levou imediatamente a mão às costas para sacar a arma, ao mesmo tempo que tentava dar um passo atrás para evitar o golpe. A faca o atingiu do lado esquerdo do abdome, com toda a violência. Espinosa tinha conseguido sacar a arma e disparar, mas o tiro saíra baixo, atingindo a coxa de Hugo Breno, que caiu de joelhos no chão arenoso. Espinosa deu um passo e desabou sobre o banco de ripas de madeira, deslizando pelo

encosto curvo até tombar de lado no assento. Hugo Breno estava sentado no chão de saibro, junto ao mesmo banco, ainda com a faca na mão, a calça empapada de sangue. A pistola de Espinosa caíra no chão, ao alcance dos dois. Com a barra da camisa, Espinosa tentava tamponar seu ferimento, que sangrava abundantemente. Ele estava sem ar, com a vista embaçada, e fazia um esforço enorme para não fechar os olhos. Foi quando viu Hugo Breno sentado ao seu lado, uma das mãos tentando deter o sangramento da perna e a outra esticada para o delegado. A vista embaçada não permitia que Espinosa distinguísse claramente o que Hugo pretendia com seu gesto, até que percebeu que a mão estendida de Hugo Breno segurava a pistola que ele pegara do chão. O outro parecia dizer alguma coisa, mas os sons chegavam amortecidos e indistintos aos ouvidos do delegado, e a visão turva apenas deixava entrever o movimento dos lábios de Hugo. Espinosa não tinha forças para mover o corpo e muito menos para esboçar algum gesto de defesa. Sentiu que estava prestes a desfalecer quando ouviu um grito que parecia vir de longe. Ramiro. Não conseguiu ver o inspetor, mas viu a arma na mão de Hugo se mover contra ele próprio. Ramiro atirou. Hugo Breno atirou ao mesmo tempo.

Acordou com a boca seca, sentindo dor ao se mexer e com tubos e fios ligados aos braços. Era evidente que estava num quarto de hospital. Ainda um pouco confuso, ouviu a voz de Irene:

— Bom dia, querido. Bem-vindo ao mundo!

Irene se levantou da poltrona ao lado da cama, debruçou-se cuidadosamente sobre ele e o beijou. Espinosa sentiu os lábios secos.

— Vou molhar sua boca. Está seca.

— Estou com sede — disse Espinosa com dificuldade.

Irene apertou o interruptor para chamar a enfermagem.

— Está doendo... O que aconteceu? — A voz saía rouca e a língua ainda estava um pouco enrolada.

— Você foi ferido.

— Eu sei. O que aconteceu comigo?

— Você foi operado. A faca penetrou na lateral do abdome, de baixo para cima, e perfurou seu pulmão. Você vai ficar bom, mas tiveram que operar para consertar o estrago. Agora você está em um quarto especial de pós-operatório. Acho que é esse o nome, e a cirurgia foi muito bem-sucedida.

— O pulmão continua aqui dentro?

— Um ao lado do outro, como sempre estiveram. Mas você perdeu muito sangue.

— Ramiro se feriu? Ouvi o grito dele...

— Não. Ele e Welber passaram a noite aqui no hospital. Foram para casa tomar banho e trocar de roupa. Só sei dizer que Welber chegou à praça logo depois dos tiros. Assim que um deles chegar, você fica sabendo dos detalhes. Vim direto de casa para cá, nem passei pela praça.

— Que horas são?

— Quase meio-dia de sábado.

— Qual é o meu estado?

— Você vai ficar alguns dias hospitalizado e nós dois vamos ficar algum tempo sem poder deitar um em cima do outro.

— A gente dá um jeito.

A enfermeira entrou, acompanhada do médico de plantão.

— E então, delegado, parece que a noite de ontem foi movimentada — falou o médico.

— Como estou, doutor?

— Com um pulmão perfurado, mas já devidamente recomposto. Você foi submetido a uma cirurgia de grande porte. Mas no momento não corre nenhum perigo maior do que se tivesse arrancado um dente. Com a diferença, é claro, de que você pode mastigar à vontade. Em compensação, não pode se mexer. A recuperação é mais lenta do que se o ferimento tivesse atingido apenas o abdome. Nos próximos dias você vai sentir dor quando movimentar o tronco e vai

ter dificuldade para se locomover. Seria bom evitar tosses, espirros e risos.

— E por que eu riria, doutor?

— Pela faca não ter entrado mais alguns centímetros acima.

— O que tem poucos centímetros acima?

— O coração.

O médico havia terminado de examinar Espinosa quando Ramiro chegou. Cinco minutos depois, Welber entrou com um buquê de flores do campo.

— As flores são do pessoal da delegacia. Todo mundo queria vir comigo, mas consegui convencê-los a vir depois, em pequenos grupos.

Irene aproveitou a chegada dos dois para dar um pulo em casa. Não se afastava daquele quarto desde a noite anterior. Combinou que voltaria no fim da tarde para passar a noite com Espinosa.

Quando os três ficaram sozinhos, o delegado pediu que Welber desse um jeito de eles não serem interrompidos. O detetive viu numa mesinha o aviso “Proibido visita” e o pendurou do lado de fora da porta. Espinosa pediu-lhes que contassem o que, afinal, tinha acontecido.

Ramiro e Welber explicaram ao delegado como haviam se dado conta de que tinham sido enganados por Hugo Breno e como em seguida haviam corrido para o Bairro Peixoto. Como Ramiro estava a apenas duas quadras da praça, chegara a tempo de ver Hugo Breno atacar Espinosa com a faca, de ouvir o tiro do delegado e ver os dois caírem lado a lado. Até aquele momento, Espinosa ainda não perguntara sobre Hugo Breno.

— Ele está morto, delegado. Levou três tiros — disse Ramiro. — O seu atingiu a artéria femoral, de qualquer forma ele ia perder todo o sangue por aquele buraco; o meu atravessou o tórax dele na diagonal; e o dele próprio atingiu o coração. Ele morreria de qualquer um desses três tiros. Não entendi por que ele atirou em si mesmo, se o que pretendia era matar o senhor. Poderia ter atirado no senhor no

instante em que apontou a arma para a sua cabeça. Pensei que ele fosse atirar, por isso atirei nele. Fiquei surpreso quando percebi que ele tinha voltado a arma para o próprio peito. Mas nesse segundo eu já havia atirado. Eu e ele atiramos praticamente juntos.

— Não sei se naquele instante ele queria mesmo me matar — disse Espinosa, falando baixo para não forçar a respiração. — Acho que no momento em que me viu desfalecendo no banco da praça, ele pensou que eu estivesse morrendo. Foi quando apontou a arma para mim e ordenou que eu abrisse os olhos. Foi a única coisa que ouvi ele falar. Não acredito que quisesse atirar em mim. Ele queria que eu o visse se matar. Provavelmente era o que imaginava como cena final... É o que eu suponho. Naquele momento ele é quem escrevia a peça.

— Pode não ter sido o melhor final, mas... — disse Ramiro.

— ... mas poderia ter sido pior — completou Welber.

Durante alguns segundos ficaram em silêncio.

— A peça acabou — disse Espinosa. — Hora de eu também sair de cena.

SÉRIE POLICIAL

Réquiem caribenho

Brigitte Aubert

Bellini e a esfinge

Bellini e o demônio

Bellini e os espíritos

Tony Bellotto

Os pecados dos pais

O ladrão que estudava Espinosa

Punbalada no escuro

O ladrão que pintava como Mondrian

Uma longa fila de homens mortos

Bilhete para o cemitério

O ladrão que achava que era Bogart

Quando nosso boteco fecha as portas

O ladrão no armário

Lawrence Block

O destino bate à sua porta

Indenização em dobro

James M. Cain

Post-mortem

Corpo de delito

Restos mortais

Desumano e degradante

Lavoura de corpos

Cemitério de indigentes

Causa mortis

Contágio criminoso

Foco inicial

Alerta negro

A última delegacia

Mosca-varejeira

Patricia Cornwell

Edições perigosas

Impressões e provas

A promessa do livreiro

John Dunning

Máscaras

Passado perfeito

Leonardo Padura Fuentes

Tão pura, tão boa

Correntezas

Frances Fyfield

O silêncio da chuva

Achados e perdidos

Vento sudoeste

Uma janela em Copacabana

Perseguido

Berenice procura

Espinosa sem saída

Na multidão

Luiz Alfredo Garcia-Roza

Neutralidade suspeita

A noite do professor

Transferência mortal

Um lugar entre os vivos

O manipulador

Jean-Pierre Gattégno

Continental Op

Maldição em família

Dashiell Hammett

O talentoso Ripley

Ripley subterrâneo

O jogo de Ripley

Ripley debaixo d'água

O garoto que seguiu Ripley

Patricia Highsmith

Sala dos homicídios

Morte no seminário

Uma certa justiça

Pecado original

A torre negra

Morte de um perito

O enigma de Sally

O farol

Mente assassina

P. D. James

Música fúnebre

Morag Joss

Sexta-feira o rabino acordou tarde

Sábado o rabino passou fome

Domingo o rabino ficou em casa

Segunda-feira o rabino viajou

O dia em que o rabino foi embora

Harry Kemelman

Um drink antes da guerra

Apelo às trevas

Sagrado

Gone, baby, gone

Sobre meninos e lobos

Paciente 67

Dança da chuva

Coronado

Dennis Lehane

Morte em terra estrangeira

Morte no Teatro La Fenice

Vestido para morrer

Donna Leon
A tragédia Blackwell
Ross Macdonald
É sempre noite
Léo Malet
Assassinos sem rosto
Os cães de Riga
A leoa branca
O homem que sorria
Henning Mankell
Os mares do Sul
O labirinto grego
O quinteto de Buenos Aires
O homem da minha vida
A Rosa de Alexandria
Milênio
Manuel Vázquez Montalbán
O diabo vestia azul
Walter Mosley
Informações sobre a vítima Vida pregressa
Joaquim Nogueira
Revolução difícil
Preto no branco
George Pelecanos
Morte nos búzios
Reginaldo Prandi
Questão de sangue
Ian Rankin
A morte também freqüenta o Paraíso
Colóquio mortal
Lev Raphael
O clube filosófico dominical
Alexander McCall Smith

Serpente

A confraria do medo

A caixa vermelha

Cozinheiros demais

Milionários demais

Mulheres demais

Ser canalha

Aranhas de ouro

Clientes demais

A voz do morto

Rex Stout

Fuja logo e demore para voltar

O homem do avesso

O homem dos círculos azuis

Fred Vargas

A noiva estava de preto

Casei-me com um morto

A dama fantasma

Cornell Woolrich

Copyright © 2007 by Luiz Alfredo Garcia-Roza

Projeto gráfico da capa:
João Baptista da Costa Aguiar

Foto da capa:
Bel Pedrosa

Preparação:
Maria Cecília Caropreso

Revisão:
Ana Luíza Couto
Marise S. Leal

ISBN 978-85-8086-262-1

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhidasletras.com.br